

ALEXANDRE FIORI DE ALMEIDA MARTINS COSTA

**A CIVILIZAÇÃO ESTADUNIDENSE EM *HOMEM E
MASSA NA AMÉRICA E VIDA E PENSAMENTO NA AMÉRICA,*
DE JOHAN HUIZINGA (1918-1927)**

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em História Cultural.
Orientador: Prof.^a Dr.^a Flávia Florentino Varela

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Costa, Alexandre Fiori de Almeida Martins
A civilização estadunidense em homem e massa na
América e vida e pensamento na América, de Johan
Huizinga (1918-1927) / Alexandre Fiori de Almeida
Martins Costa ; orientadora, Flávia Florentino
Varella, 2019.
123 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. História. 2. História da historiografia. 3.
civilização moderna. 4. Estados Unidos da América.
5. criticismo cultural. I. Varella, Flávia
Florentino . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III.
Título.

A CIVILIZAÇÃO ESTADUNIDENSE EM *HOMEM E MASSA NA AMÉRICA E VIDA E PENSAMENTO DA AMÉRICA*, DE JOHAN HUIZINGA (1918-1927)

Alexandre Fiori de Almeida Martins Costa

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

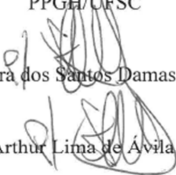
Banca Examinadora


Prof. Dra. Flávia Florentino Varela (Orientadora e Presidente) -

PPGH/UFSC


Fábio Augusto Moraes Soares
Subcoordenador do Programa
de Pós-Graduação em História
PPGH/CFH/UFSC
Portaria 2752/2018/GR

Prof. Dra. Naiara dos Santos Damas Ribeiro - UFJF


Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila - UFRGS

Fábio Augusto Moraes Soares
Subcoordenador do Programa
de Pós-Graduação em História
PPGH/CFH/UFSC
Portaria 2752/2018/GR


Prof. Dr. Rodrigo Bragio Bonaldo- UFSC


Prof. Dr. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho
Coordenador do PPGH/CFH/UFSC
Florianópolis, 25 de fevereiro de 2019.

Fábio Augusto Moraes Soares
Subcoordenador do Programa
de Pós-Graduação em História
PPGH/CFH/UFSC
Portaria 2752/2018/GR

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Flávia Florentino Varella, pela atenção dedicada ao desenvolvimento desta pesquisa desde a formulação inicial do Projeto de Pesquisa até o texto final, pelas correções assíduas e pela presença constante.

À todas as professoras da Linha de Pesquisa História da Historiografia, Arte, Memória e Patrimônio, pela recepção amigável, pelo interesse demonstrado pela pesquisa e pelas diversas sugestões.

A todos os amigos mais próximos que se fizeram presentes nestes últimos dois anos, em especial a Giovanna Santana, Gabriel Kanaan, Jovenson Casagrande, Tiago Valério, Felipe Müller e Victor Amal, bem como aos colegas da Linha de Pesquisa e das disciplinas do Mestrado.

À minha família pelo suporte afetivo, emocional e financeiro. Sou eternamente grato pelo apoio que sempre me deram em realizar a trajetória profissional que escolhi.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela imprescindível bolsa de estudos que tornou possível a dedicação exclusiva a esta pesquisa.

RESUMO

O presente texto disserta sobre os escritos do historiador holandês Johan Huizinga em relação aos Estados Unidos da América, *Homem e Massa na América*, publicado em 1918, e *Vida e Pensamento na América*, publicado em 1927. O objetivo central da pesquisa é analisar a construção historiográfica do texto de Huizinga, expondo seus argumentos e referências para compreensão dos Estados Unidos como peça chave no desenvolvimento mais amplo da civilização moderna. Do século XIX à primeira metade do XX, interpretações diversas sobre o caráter da sociedade estadunidense e sua influência da (e na) cultura europeia floresceram nas ciências humanas, dividindo os acadêmicos interessados no assunto entre percepções diversas sobre o tema, que iam do mero elogio até a aversão completa à cultura do país. Huizinga certamente assumiu uma perspectiva crítica, ainda que se mostrasse fascinado por alguns aspectos da história dos Estados Unidos. Parte-se do entendimento de que *Homem e Massa na América* constituiu o primeiro exercício de criticismo cultural efetuado pelo autor, dando início a um esforço de compreensão da civilização moderna que o acompanharia até as suas últimas publicações. De forma resumida, pretende-se elaborar um apanhado geral dos escritos de Huizinga sobre os Estados Unidos, resgatando a complexidade de suas interpretações acerca do desenvolvimento histórico e cultural da sociedade norte-americana.

Palavras-chave: História da historiografia, civilização moderna, Estados Unidos da América, criticismo cultural.

ABSTRACT

The present text discusses the writings of the Dutch historian Johan Huizinga on the United States of America, *Man and the Masses in America*, published in 1918, and *Life and Thought in America*, published in 1927. The central objective of the research is to analyze the historiographical construction of Huizinga's text, exposing his arguments and references for understanding the United States as a key piece in the broader development of modern civilization. From the nineteenth century to the first half of the twentieth century, numerous interpretations of the character of American society and its influence on (and in) European culture flourished in the humanities, dividing scholars interested in the subject between diverse perceptions on the subject, which went beyond mere praise or complete dislike of the country's culture. Huizinga certainly assumes a critical perspective, although he was fascinated by some aspects of the history of the United States. We start from the understanding that *Man and the Masses in America* was the first exercise of cultural criticism made by the author, beginning an effort of understanding of the modern civilization that would accompany him until his last publications. In summary, it is intended to elaborate an overview of Huizinga's writings on the United States, recovering the complexity of his interpretations about the historical and cultural development of American society.

Keywords: History of historiography, modern civilization, United States of America, cultural criticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: HUIZINGA E A HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS.9	
1.1 A modernidade para Huizinga.....	10
1.2 O papel do individualismo na história dos Estados Unidos	17
1.3. A democracia americana	32
CAPÍTULO 2: A CIVILIZAÇÃO MODERNA	45
2.1 O pessimismo cultural	48
2.2 A instrumentalização da vida comunitária	55
2.3 A mecanização das relações de trabalho: o taylorismo	62
2.4 A mecanização da vida intelectual: a cultura de massas.....	67
CAPÍTULO 3: O ESPÍRITO ESTADUNIDENSE.....	79
3.1 A atitude antimetafísica: crítica à psicologia behaviorista	81
3.2 “Isto, Aqui e Logo”: o anti-presentismo em Huizinga	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	107

INTRODUÇÃO

Johan Huizinga (1872-1945) nasceu na cidade de Groninga, Holanda. Iniciando sua formação na área da Linguística, o autor desenvolveu seus primeiros trabalhos acadêmicos sobre a cultura indiana, tanto em sua tese de doutorado, intitulada *O Vidûsaka no drama indiano* (1897), quanto no artigo “Sobre o estudo e apreciação do budismo”, publicado em 1903. Dois anos mais tarde, foi aceito como professor de História na Universidade de Groninga, dando início a sua trajetória acadêmica como medievalista e historiador da cultura. Sua aula inaugural, intitulada “O elemento estético das representações históricas”, trouxe à tona alguns elementos acerca da escrita da história e da função do historiador que jamais abandonaram a sua perspectiva teórico-metodológica. Em 1915, Huizinga foi chamado para lecionar na Universidade de Leiden, a mais antiga instituição acadêmica da Holanda, fundada em 1575. Nesta universidade, além de tornar-se reitor em 1933, o historiador desenvolveu seus mais famosos trabalhos, permanecendo nela até a ocupação pelo exército nazista, em 1941.

Seus interesses de pesquisa foram dos mais variados. Ao longo de sua primeira década como historiador, dedicou-se principalmente ao estudo da história local, publicando textos sobre a história do Haarlem, da Universidade de Groninga, e sobre a história da consciência nacional holandesa. Mais tarde, especialmente a partir da década de 1930, o interesse de Huizinga pela história da Holanda continuou rendendo frutos, como mostram os livros *A marca espiritual da Holanda* (1935) e *A civilização holandesa no século XVII* (1941). Após sua mudança para Leiden em 1915, Huizinga publicou a obra que consolidara sua carreira como historiador na academia europeia, *O Outono da Idade Média*: estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos. Da década de 1920 em diante, seguiu publicando diversos trabalhos importantes em sua trajetória, como as biografias de Erasmo de Roterdão e Jan Veth, assim como diversos artigos e ensaios sobre o Renascimento, a história da cultura e a teoria da história.

Todavia, especialmente em meados da década de 1930, outro tema passava a ocupar os seus esforços intelectuais com maior importância: o estado da cultura europeia em seu próprio tempo. Neste sentido, vale citar o famoso livro *Nas sombras do amanhã: diagnóstico da enfermidade espiritual do nosso tempo*, de 1935, traduzido para

diversas línguas nos anos subsequentes à publicação.¹ A obra atestava um tom fortemente pessimista em relação ao futuro do “espírito europeu”,² que ademais já havia sido divulgada pelo historiador no seminário *The future of the European spirit*, apresentado em 1933 no *Committee of Arts and Literature* da Liga das Nações, evento do qual participaram intelectuais como Julien Benda, Aldous Huxley e Paul Valéry.³ Huizinga ainda deixou um último escrito na área, publicado no ano de sua morte, intitulado *Mundo Violado: uma consideração sobre as chances de recuperação de nossa civilização*. No entanto, estas obras apresentam uma síntese madura de preocupações quanto aos rumos da cultura europeia que já haviam iniciado muitos anos atrás.

Próximo de finalizar *O Outono*, Huizinga teve de interromper a redação do manuscrito para se dedicar a uma outra tarefa. A Europa estava em guerra e, em 1917, os Estados Unidos da América haviam recém iniciado sua participação no conflito. No mesmo ano, como professor de história na Universidade de Leiden, Huizinga ofereceu um curso sobre “História Americana”, cujas anotações viriam a constituir um livro, publicado no ano seguinte sob o título *Homem e Massa na América: quatro ensaios sobre a história da civilização moderna*.⁴ “Nós sabemos muito pouco sobre a América”, afirmava no prefácio à primeira edição. Um olhar mais atento à história daquele país, bem como a tentativa (e a dificuldade) de compreendê-lo a partir de categorias de análise histórica próprias da tradição europeia, encaminharam Huizinga para certas interpretações acerca do fazer historiográfico e do desenvolvimento da civilização moderna que seriam aprimoradas em escritos posteriores.

Em 1926, Huizinga realizou sua primeira e única viagem ao país norte-americano, elaborando um segundo livro, *Vida e Pensamento*

¹ A tradução alemã sai no mesmo ano da holandesa. Em 1936, são publicadas as traduções para o inglês e o espanhol, e em 1939 para o francês.

² DAMAS, Naiara. **A Europa em Jogo**: as críticas de Johan Huizinga à cultura de seu tempo (1926-1945). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, p. 71.

³ WESSELING, H. From cultural historian to cultural critic: Johan Huizinga and the spirit of the 1930s. **European Review**, v. 10, n. 4, 2002, p. 491.

⁴ Título original: *Mensch en Menigte in Amerika: vier essays over moderne beschavingsgeschiedenis*.

na América: comentários dispersos,⁵ publicado no ano seguinte. Reunindo leituras que vão da historiografia à literatura, passando pela psicologia e pela ciência política, o autor interpretou a sociedade estadunidense como um local privilegiado para o desenvolvimento da modernidade, anunciando suas preocupações e denúncias acerca dos efeitos desta sobre a produção cultural e científica que se tornaram mais evidentes em suas obras posteriores sobre o tema. O “espírito dos anos 1930”, como colocou o historiador holandês Hank Wesseling, se manifestou em obras que tinham o conceito de *crise* como tema central, tais como *A Decadência do Ocidente* de Oswald Spengler (1919) e *A Rebelião das Massas* de Ortega y Gasset, que, de formas distintas, ofereceram interpretações do mundo contemporâneo como um período de declínio, de pobreza espiritual, material e cultural.⁶ O posicionamento de Huizinga sobre o assunto, tornado conhecido no meio acadêmico especialmente após a publicação de *Nas Sombras do Amanhã*, vinha sendo formulado desde meados da década de 1910, e sua primeira aparição se deu precisamente nos escritos sobre os Estados Unidos da América, inaugurados com a publicação de *Homem e Massa na América* em 1918.

Vale lembrar que, nos tempos de Huizinga, a interpretação europeia sobre a sociedade estadunidense já dispunha de uma vigorosa tradição. De lá para cá, o interesse dos europeus sobre o tema apenas aumentou, em compasso com o desenvolvimento político e econômico do país norte-americano, que ao final do século XIX já podia se considerar uma potência econômica com forte poder de influência sobre o continente europeu. Os efeitos deste crescimento foram avaliados de forma muito diversa. Enquanto obras clássicas da perspectiva europeia, como *A Democracia na América* de Tocqueville ou *A Comunidade Americana* de James Bryce, possuíam em geral uma leitura otimista da cultura e da política estadunidenses, desenvolvia-se em igual proporção

⁵ Título original: *Amerika levend en denkend: losse opmerkingen*. As duas obras de Huizinga serão aqui analisadas a partir da tradução para o inglês de Herbert Rowen, publicada em 1972, com exceção de algumas passagens que, mais à frente, requererão a tradução direta do holandês para o português.

⁶ WESSELING, **From cultural historian to cultural critic**, op. cit., p. 494.

uma interpretação mais radical do papel dos Estados Unidos na história da civilização, de caráter acusatório, que recusava ver no país uma imagem gloriosa do triunfo da democracia e da liberdade.⁷ Delineava-se assim um amplo e disperso grupo, cuja diversidade pode ser abarcada sob a noção do anti-americanismo.⁸

As obras de Huizinga se encaixam, sem dúvida alguma, neste segundo grupo. No entanto, foi dito que a sua crítica, inicialmente direcionada ao espírito americano, no fundo se refere à civilização moderna em sentido amplo, como afirma o próprio subtítulo do livro de 1918. Sendo assim, uma compreensão adequada desta proposição requer, antes de tudo, um exame sobre o entendimento de Huizinga acerca da modernidade, seu surgimento e características, para então avançar em direção ao momento em que este fenômeno é considerado no interior da sociedade norte-americana, sofrendo transformações profundas que, segundo o autor, viriam a retroagir imediatamente sobre a cultura europeia. Tanto *Homem e Massa na América* quanto seu outro famoso livro, *O Outono da Idade Média*, publicados respectivamente em 1918 e 1919, apresentam interpretações sobre o caráter do mundo moderno, ainda que seus recortes temporais e temáticos sejam bastante distintos e o elo entre os textos não seja evidente.

De forma geral, pode-se afirmar que os livros supracitados oferecem reflexões sobre civilização moderna em dois assuntos centrais de sua compreensão: de um lado, na controvérsia sobre os seus precedentes históricos, e, do outro, na sua consolidação e posterior degeneração. *O Outono*, ainda que seja um livro sobre a Idade Média, utiliza como recorte temporal os séculos XIV e XV, e representa um esforço por parte de Huizinga em reformular certas ideias sobre a transição do mundo medieval para o moderno presentes no conceito problemático de Renascimento, que vinha progressivamente se

⁷ Ver CRAIUTU, A; ISAAC, J. C (ed.). **America Through European Eyes: British and French Reflections on the New world from the Eighteenth Century to the Present.** University Park, PA: Pennsylvania State University Press, 2009, pp. 1-14.

⁸ O tema do “anti-americanismo” rendeu uma bibliografia extensa, da qual cabe aqui citar dois textos que visam sintetizar a história do conceito: FRIEDMAN, M. Anti-Americanism and U.S. Foreign Relations. **Diplomatic History**, v. 32, n. 4, 2008, pp. 497-514; e O’CONNOR, B. A Brief History of Anti-Americanism: from cultural criticism to terrorism. **Australian Journal of American Studies**, v. 23, n. 1, 2004, pp. 77-92.

consolidando na historiografia como um período coerente na linha do tempo, marcador de uma ruptura brusca entre a obscuridade do mundo que o precedeu e a luminosidade cultural e intelectual que começava a desabrochar.⁹ *Homem e Massa na América*, avançando no tempo, vai do final do século XVIII ao início do XX, definindo nesta trajetória o próprio destino da civilização contemporânea que Huizinga começava a vislumbrar: sua americanização, que se traduzia em uma nova postura em relação à vida e à história, moderna por excelência, fundamentada materialmente nos avanços técnicos da indústria, que por sua vez possibilitavam a instauração de novas formas de trabalho, transporte e comunicação, a massificação da cultura, a perda da individualidade, o monopólio econômico, e assim por diante.¹⁰

Os livros de Huizinga aqui tomados para análise não passaram despercebidos pela historiografia, todavia, entre as suas obras traduzidas, é plausível dizer que *Homem e Massa na América* e *Vida e pensamento na América* constam entre as menos comentadas. Quanto à historiografia norte-americana, que possuía uma tradução disponível desde 1972, dois trabalhos pioneiros foram publicados: o de Augustinus Dierick (1982), intitulado “Perceptions and Prophecies in Johan Huizinga’s America”, e o de Michael Kammen (1982), intitulado “‘This, Here and Soon’: Johan Huizinga’s Esquisse of American Culture”. O primeiro deles, mais próximo de uma resenha, elaborou um breve resumo dos pontos principais do livro.¹¹ O artigo de Kammen, um pouco mais extenso, explora a metáfora utilizada por Huizinga para sintetizar suas impressões acerca dos Estados Unidos, além de apontar algumas aproximações metodológicas entre o historiador holandês e outras figuras da historiografia norte-americana e europeia.¹² Vale citar ainda o recente artigo de John Torpey (2015), intitulado “Huizinga on America”, que busca analisar os supracitados livros de Huizinga sob a luz da ciência política. Segundo o autor, o ponto central da crítica do

⁹ DAMAS, N. **As formas da história: Johan Huizinga e a História da Cultura como Morfologia**. 2013. (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, p. 159.

¹⁰ HUIZINGA, Johan. **America: A Dutch Historian’s Vision from Afar and Near**. Tradução, introdução e notas de Herbert H. Rowen. New York, Evanston, San Francisco, London: Harper & Row Publishers, 1972, pp. 70, 182 e 230.

¹¹ DIERICK, Augustinus. Perceptions and Prophecies in Johan Huizinga’s America. **Canadian Journal of Netherlandic Studies**, Issue III, ii, 1982.

¹² KAMMEN, M. This, Here and Soon: Johan Huizinga’s esquisse of american culture. **BMGN - Low Countries Historical Review**, v. 97, n. 3, 1982, pp. 589-616.

historiador holandês é o processo de “racionalização da vida” pelo qual a sociedade estadunidense se encaminhava.¹³ De acordo com Torpey, a análise de Huizinga tinha um forte caráter político e econômico, por mais que ele seja comumente associado aos estudos culturais. Por isso, o autor lamenta o esquecimento dos sociólogos e historiadores em relação à contribuição de Huizinga ao tema da crítica europeia à sociedade norte-americana.

No que diz respeito à historiografia brasileira, os principais trabalhos são a dissertação de Naiara Damas Ribeiro, intitulada “A Europa em Jogo: as críticas de Johan Huizinga à cultura de seu tempo (1926-1945)”, e o texto de Sérgio da Mata e Michel Kors, “Johan Huizinga: humanismo e teoria da história nas sombras do amanhã”, publicado em 2015. Como é afirmado neste último trabalho, o interesse pela obra de Huizinga se apresenta de forma crescente no Brasil, no entanto, estes se concentram principalmente em obras como *O Outono da Idade Média* e *Homo Ludens*. Poucos trabalhos se dedicaram a comentar mais extensamente as impressões de Huizinga sobre os Estados Unidos, sendo, nesse sentido, a dissertação de Damas é a principal contribuição na atualidade. Todavia, o caráter sintético da análise da autora, que visa abordar o conjunto das críticas de Huizinga à cultura de seu tempo, e particularmente o livro *Nas sombras do amanhã*, deixa diversos tópicos de *Homem e Massa na América* e *Vida e pensamento na América* inexplorados. Sendo assim, é o objetivo desta pesquisa contribuir para uma compreensão mais aprofundada destas obras.

Esta reflexão constituirá o início do primeiro capítulo. Em um primeiro momento, será feita explanação sobre a perspectiva de Huizinga acerca da modernidade, sua origem e características centrais, apresentando elementos importantes para compreender a forma como este fenômeno é aplicado pelo autor no contexto norte-americano. Em seguida, ainda no mesmo capítulo, o texto se atém a interpretação de Huizinga sobre a história dos Estados Unidos da América. Dois conceitos centrais da constituição propriamente norte-americana da civilização moderna, a saber, o “individualismo” e a “democracia”, serão analisados mais de perto, recorrendo não apenas ao texto de Huizinga, mas às principais referências historiográficas utilizadas pelo autor para a compreensão histórica do país.

¹³ TORPEY, John. Huizinga on America. *Journal of Classical Sociology*, v. 15(3), 2015, p. 294.

No segundo capítulo, o objetivo é elaborar uma descrição pormenorizada da civilização estadunidense em suas características essenciais, da forma como vistas por Huizinga. O objetivo principal aqui é compreender o papel do desenvolvimento da tecnologia e da industrialização sobre as esferas política, econômica e cultural. Das ferrovias ao cinema, passando pelo rádio e o telefone, a tecnologia é problematizada pelo historiador holandês a partir, especialmente, do conceito de “mecanização”, entendido como força inerente aos avanços técnicos.

No terceiro e último capítulo, o foco será a síntese elaborada por Huizinga sobre o caráter da civilização estadunidense, realizada após a sua viagem ao país em 1926. Partindo da leitura dos pensadores behavioristas, ausentes em *Homem e Massa na América*, o autor definiu em *Vida e Pensamento na América* as propriedades distintivas daquilo que denominou o “espírito americano”, expressão que apareceu ainda de forma vaga e superficial no livro de 1918. O segundo livro, tido como uma ampliação do primeiro, surgiu da necessidade de Huizinga em dar forma e ordem para suas impressões iniciais, que careciam de um “fechamento” mais ou menos conclusivo.¹⁴

¹⁴ HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 229.

CAPÍTULO 1: HUIZINGA E A HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS

A História da América não costumava ter nenhuma atração para mim. Eu não esperava encontrar nela nenhuma das coisas as quais a grandeza do passado europeu mantém em seu alcance. Isso mudou quando comecei meus estudos, no entanto, e me senti estimulado e fascinado como raramente antes; era como se algo do élan espiritual da América fosse transmitido a qualquer um que se desse ao trabalho de entender o espírito do país.¹⁵

Os primeiros esforços mobilizados por Huizinga no sentido de compreender o lugar ocupado pelos Estados Unidos da América na história mais ampla do desenvolvimento da civilização moderna se concretizaram num estudo dos elementos formadores da cultura e das instituições daquele país, ou, dito em outras palavras, das forças sociais determinantes no desenvolvimento histórico daquela sociedade. Para o autor, interessava a formulação de uma síntese dos traços marcantes da cultura estadunidense, que por sua vez tornariam possível distinguir o papel decisivo operado pelo país nos rumos tomados pelas transformações sociais em outros países, como na sua própria Holanda. Para Huizinga, o fenômeno da americanização da cultura europeia já se apresentava em 1918 como um fato, e a avaliação das consequências gerais deste processo lhe surgiram como uma tarefa urgente, levando-o a um engajamento político e acadêmico sobre a problemática da civilização moderna que o acompanharam até os últimos escritos.

A análise de Huizinga mobilizou uma soma considerável de referências, colocando em diálogo algumas das principais obras clássicas da interpretação europeia sobre a sociedade norte-americana, particularmente as obras de Tocqueville e Bryce, com o que havia de

¹⁵ HUIZINGA, **America**, op. cit, p. 3-4, grifo meu, tradução minha. No original: “The history of America used to hold no attraction for me. I did not expect to find in it any of the things by which the grandeurs of the European past holds in its grasp. This changed when I began my studies, however, and I found myself stimulated and fascinated as seldom ever before; it was as if something of America’s spiritual élan is transmitted to anyone who takes the trouble to understand the spirit of the country.”

mais recente na própria historiografia estadunidense, destacando-se aqui os historiadores Frederick J. Turner e Charles Beard. Ponderando as interpretações deste amplo grupo de referências, o autor estabeleceu com elas tanto continuidades quanto rupturas, ainda que as conclusões obtidas a partir deste processo tenham adquirido nele uma profundidade crítica mais ressaltada.

Deste diálogo, Huizinga extraiu duas pressuposições centrais que, diluídas ao longo de *Homem e Massa na América*, dão sentido e coerência a sua narrativa. Primeiro, a afirmação de que a sociedade estadunidense era essencialmente individualista, de tal forma que o individualismo poderia ser tomado como o “fermento” e a força motriz de sua história; segundo, que os cidadãos norte-americanos eram quase unanimemente defensores da democracia, no entanto este conceito se referindo a algo novo, inicialmente estranho ao intelectual europeu, compatível apenas com uma realidade social interna específica dos estadunidenses. Estes pressupostos dão forma ao que o autor acredita ser um momento decisivo na história da civilização moderna, logo, alguns apontamentos prévios sobre o entendimento do autor acerca da modernidade se fazem necessários.

1.1 A MODERNIDADE PARA HUIZINGA

Desenvolver uma compreensão inovadora para a transição histórica da Idade Média para a Idade Moderna foi uma das principais tarefas historiográficas a que se dedicou Huizinga entre os anos 1920 e 1930. Leitor de Jacob Burckhardt, cujas obras *Reflexões sobre a História* e *A Cultura do Renascimento na Itália* lhe inspiravam grande admiração, Huizinga se dispôs ao trabalho de, a um só tempo, extrair do historiador suíço uma síntese metodológica para a história da cultura e criticar radicalmente alguns elementos cruciais do conteúdo de suas obras.

Na época de Huizinga, *A Cultura do Renascimento* era tida como a obra indispensável para a compreensão do Renascimento, entendido como o “despertar” da civilização moderna.¹⁶ Por *civilização*,

16 DAMAS, N. *As Formas da História*, op. cit., p. 164. *A Cultura do Renascimento na Itália* foi publicada em 1860, recebendo a segunda edição em 1869, a terceira e quarta edições entre 1877 e 1885, a quinta em 1896, e ainda outras nos anos 1897, 1899, 1901, 1904, 1908, 1913 e 1919. Outras obras ainda foram publicadas após a morte de Burckhardt em 1897, como Rubens (1897),

Huizinga entendia uma organização social estável e orientada por princípios morais, colocando-se em oposição ao conceito de *barbárie*, tida como um estágio social decadente, dominado pelo conflito. A civilização não está necessariamente ligada ao conceito de *modernidade*, compreendido pelo autor como um fenômeno social marcado pela industrialização, pela mecanização da cultura e pela expansão do capitalismo. Em seus textos, a modernidade é entendida tanto como o elemento característico da civilização recente, quanto como a responsável pela dissolução de uma civilização anterior, acarretando nesta transição não o progresso social, como fora esperado, mas a decadência. Como colocou Damas, a percepção era de que a modernidade, iniciada a partir do século XVIII, estaria ameaçando a continuidade de uma “verdadeira Civilização”, instaurando uma era de declínio espiritual e pobreza cultural.¹⁷ Surgia assim a *cultura moderna*, expressão de uma época cujo progresso tecnológico e industrial não possui precedentes, mas que, a despeito disso, encontra-se em estado de desorientação moral, simbolizada especialmente pela Primeira Guerra Mundial, pela Revolução Russa, e pela ascensão do fascismo e do nazismo.

Esta reflexão se fez presente na interpretação do historiador holandês sobre a questão da periodização na história, que o levaram a reavaliar a historiografia de seu tempo. Segundo o autor, Burckhardt, inspirado por Jules Michelet no que diz respeito ao caráter antitético da relação entre a Idade Média e Renascimento, definia este último período a partir de um processo no qual a humanidade redescobria, precisamente na Itália do quattrocento, não só a sua própria identidade, mas também a natureza, o mundo em toda a sua clareza e imediatismo.¹⁸ Nascia assim o indivíduo consciente de si, finalmente liberto do véu colocado sobre a sua percepção, dotado de uma nova postura diante da realidade, baseada no individualismo, que contrastava com a identidade coletiva do período medieval, decorrente do poder eclesiástico.¹⁹

Contribuições à História da Arte na Itália (1898) e Reflexões sobre a História (1905).

¹⁷ DAMAS, Naiara. **A Europa em Jogo**: as críticas de Johan Huizinga à cultura de seu tempo (1926-1945). Dissertação de Mestrado defendida em maio de 2008. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 74

¹⁸ HUIZINGA, Johan. The problem of the Renaissance. In: **Men and Ideas**: History, the Middle Ages, the Renaissance. New York: Meridian Books, Inc., 1960, p. 255.

¹⁹ Ibid., p. 161.

Com o passar dos anos em que escreveu *O Outono da Idade Média*, Huizinga começou a se distanciar da tese do historiador suíço, especialmente no que diz respeito à oposição entre as culturas medieval e renascentista, como afirmou Damas. Situado “entre o reconhecimento de uma dívida e a necessidade de distanciamento” em relação a Burckhardt,²⁰ Huizinga abordava os séculos XIV e XV “não como o anúncio da Renascença, mas como o final da Idade Média, o último sopro da civilização medieval, como uma árvore com frutos muito maduros, completamente desenvolvida”.²¹ Para Huizinga, o véu retratado por Burckhardt cobrindo o espírito da Idade Média foi “parcialmente causado por um defeito em sua própria câmera”.²² A ele interessava aprimorar a perspectiva de que o Renascimento fora muito mais medieval do que se imaginava, de tal forma que os conceitos tidos como essenciais para o surgimento dos ideais renascentistas seriam decorrências diretas da cultura do período final da Idade Média.

Esta reflexão é sintetizada por Huizinga no texto intitulado “O problema do Renascimento”, publicado em 1920. Nesta oportunidade, o autor elaborou uma história do conceito de renascimento do século XVI até seu próprio tempo, delineando com clareza o que percebia ser os limites da tese de Burckhardt, assim como os seus efeitos na historiografia contemporânea, para então apresentar o seu entendimento sobre o controverso conceito. O argumento de Huizinga afirmava que, em função da falha do historiador suíço em perceber a complexidade cultural da civilização tardo-medieval, a historiografia que logo encontrou nela características tidas como renascentistas, tais como o individualismo ou o humanismo, acabou recuando o início do Renascimento indefinidamente na linha do tempo. Segundo Huizinga, o estereótipo da Idade Média herdado desde Michelet e Burckhardt, isto é, como uma “coisa morta”, impedia que este recuo no tempo resultasse numa assimilação entre a cultura medieval e o Renascimento. “A consequência, já percebida por Michelet, seria que todo despertar da

²⁰ DAMAS, *As Formas da História*, op. cit., p. 158.

²¹ HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*: estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 6.

²² HUIZINGA, *The Problem*, op. cit., p. 260, tradução minha. No original: “The veil he saw spread over the spirit of the Middle Ages was partly caused by a flaw in his own camera.”

vida intelectual, de novas visões sobre a vida e o mundo na Idade Média, teriam de ser vistos como a aurora do Renascimento”.²³

De fato, um balanço historiográfico mostrou a Huizinga que tal tendência já estava em pleno desenvolvimento, podendo assim tirar suas conclusões sem equívocos:

O que aconteceu? O conceito de Renascimento, identificado como o é agora com o individualismo e o espírito mundano, teve de ser esticado ao ponto de perder completamente sua elasticidade. Ele não significou mais nada. Não houve um único fenômeno cultural na Idade Média que não caiu sob o conceito de Renascimento em ao menos um de seus aspectos. Gradualmente, tudo o que parecia espontâneo e singular à Idade Média tardia teve de ser destacado dela para ocupar um lugar entre as origens do Renascimento.²⁴

Esta constatação implicava, para Huizinga, em reconhecer as continuidades que faziam preservar certos aspectos da cultura medieval para dentro do século XVI em diante. Segundo o autor, um dos melhores exemplos destas permanências foi o movimento protestante, que há muito na historiografia fora visto como o “irmão gêmeo” do Renascimento, seu *alter-ego* religioso. Huizinga se apoiava em *A Importância do Protestantismo para o Surgimento do Mundo moderno*, de Ernst Troeltsch (1906), para defender a perspectiva de que o protestantismo não representou, em nenhuma instância, a manifestação de um fenômeno moderno, mas foi essencialmente uma continuação da civilização medieval, argumento que lhe possibilitou afirmar o caráter

²³ Ibid., p. 261, tradução minha. No original: The consequence, already perceived by Michelet, was that every awakening of new intellectual life, of new views of life and the world in the Middle Ages, had to be seen as a dawning of the Renaissance.”

²⁴ Ibid., p. 264-5, tradução minha. No original: “What had happened? The concept Renaissance, identified as it now was with individualismo and a worldly spirit, had had to be stretched so far that it had completely lost its elasticity. It actually meant nothing any more. The was not a single major cultural phenomenon of the Middle Ages that did not fall under the concept Renaissance in at least one of its aspects. Gradually everything that seemed spontaneous and singular in the later Middle Ages had been lifted out of them and given a place among the origins of the Renaissance.”

igualmente medieval de alguns aspectos da sociedade estadunidense, assunto que retomaremos adiante.²⁵

Partindo para as conclusões de *O Problema do Renascimento*, Huizinga sustentou que o contraste entre o Renascimento e a Idade Média era, no mínimo, tão evidente quanto entre o primeiro e a cultura moderna. Enquanto o Renascimento poderia ter apresentado uma nova maneira de se portar diante do mundo e da vida, de forma alguma é coerente supor que tais características obtiveram abrangência e preponderância na cultura europeia, vista de forma ampla. Aliás, elementos como os ideais da cavalaria medieval, entre outros, foram não apenas retidos na literatura renascentista, mas “preenchidos com um novo fervor”.²⁶

Por outro lado, características típicas da cultura moderna estiveram em larga medida ausentes na Europa antes do século XVIII. Por exemplo, uma das mudanças tidas por Huizinga como cruciais entre as culturas medieval e moderna foi a transformação do conceito de *classe*. Durante o Renascimento, a relação de *servidão* ainda se fazia presente amplamente nos países europeus. A cultura moderna, ao contrário, “desenvolveu a ideia de que está abaixo da dignidade humana *servir* a algo ou alguém [...] com exceção de Deus ou do bem público”.²⁷ Neste sentido, concluía que, socialmente considerando, “o Renascimento era extraordinariamente estéril e imóvel, e no que diz respeito a isto, marcou antes uma estagnação do que uma renovação se comparado à Idade Média”.²⁸ Resumindo suas conclusões em uma síntese, assim Huizinga afirmou:

O Renascimento não pode ser considerado como um puro contraste com a cultura medieval, nem mesmo como uma fronteira territorial entre os tempos medieval e moderno. [...] A imagem exibida pelo Renascimento é composta de transformação e hesitação, de transição e mistura de elementos culturais. Quem procurar nele uma

²⁵ HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 17.

²⁶ HUIZINGA, *The Problem*, op. cit., p. 285.

²⁷ *Ibid.*, p. 285, tradução minha. No original: “Modern culture has developed the idea that it is beneath human dignity to serve anyone or anything – truly to serve in humility and obedience – except God and the commonweal.”

²⁸ *Ibid.*, p. 284, tradução minha. No original: “Socially the Renaissance was extraordinarily sterile and immobile, and in this respect marked rather a stagnation than a revival as compared with the Middle Ages and their religiously based social awareness.”

unidade total de espírito numa fórmula simples nunca será capaz de compreendê-lo em todas as suas expressões. [...] Os numerosos tipos oferecidos por este rico período são divididos por outras características muito mais basicamente do que qualquer individualismo possa uni-los.²⁹

Ora, se o Renascimento não pode ser interpretado como a origem da cultura moderna, Huizinga é levado a afirmar que a civilização moderna data do século XVIII. Seguindo a sua perspectiva, é possível identificar as características que ainda hoje consideramos “modernas” apenas a partir deste século. Como afirmou posteriormente Reinhart Koselleck, seguindo a mesma linha, “foi apenas no século XVIII que emergiram problemas com os quais nós estamos ainda hoje confrontando”.³⁰ Para Huizinga, tais problemas tomaram forma em diversos fenômenos, destacando-se, entre eles, (i) a instauração de uma nova organização do trabalho baseada na indústria, que implicava a “maquinização” e a “mecanização”³¹ do processo de produção; (ii) a instituição do Estado Moderno, entidade política centralizada e democrática com forte poder de intervenção sobre a sociedade; e (iii) a postura essencialmente otimista em relação ao futuro da humanidade, baseada numa crença resoluta no progresso.³²

Considerando de forma comparada entre Europa e Estados Unidos o desenvolvimento das características acima citadas, Huizinga acabou por questionar mesmo a origem europeia do fenômeno moderno.

²⁹ Ibid., p. 286-7, tradução minha. No original: “The Renaissance cannot be considered as a pure contrast to medieval culture, nor even as a frontier territory between medieval and modern times. [...] The Picture displayed by the Renaissance is one of transformation and hesitation, one of transition and of intermixture of cultural elements. Anyone seeking in it a total unity of spirit capable of being stated in a simple formula will never be able to understand it in all its expressions. [...] The numerous types offered by that rich period are divided by other characteristics much more basically than any individualism can unite them.”

³⁰ KOSELLECK, R. **The practice of conceptual History: timing history, spacing concepts.** Stanford: Stanford University Press, 2002, p. 155, tradução minha.

³¹ HUIZINGA, Johan. *De Verwerktuigelijking van het Gemeenschapsleven. In: Mensch en Menigte in Amerika: vier essays over moderne beschavingsgeschiedenis.* Amsterdam: H. D. Tjeenk Willink & Zoon, 1918, p. 58-66.

³² HUIZINGA, **The Problem**, op. cit., p. 283.

Por exemplo, afirmou que não só a Revolução Americana antecederia a Francesa, como o processo essencial de mecanização da indústria, indispensável para a configuração de novas formas de gestão do trabalho e da economia, teria iniciado nos Estados Unidos antes de qualquer outro país. A invenção da máquina de costura por Elias Howe em 1845, continuava Huizinga, teria sido a primeira grande inovação tecnológica deste tipo, de forma que os “negócios como a manufatura de sapatos e relógios abandonaram o trabalho manual na América mais cedo e, assim sendo, foram adaptados para a forma das grandes indústrias”.³³ E assim o autor dá início uma série de exemplos em que a tecnologia é posta a serviço da reorganização da economia no país norte-americano, como o telefone, que tornou possível a liderança moderna dos negócios monopolizados, ou mesmo o elevador, indispensável para a configuração do moderno centro empresarial, baseado na construção de arranha-céus.³⁴

Tal pioneirismo norte-americano no desenvolvimento tecnológico é certamente questionável, no entanto, Huizinga não se atém a este problema. Em todos os casos, aquilo que dá o caráter propriamente americano ao avanço da tecnologia, segundo o autor, é o fato de que a sua produção e utilização orientam a economia rumo a uma concentração de capital cada vez mais exacerbada, além de conduzir a individualidade e a criatividade humanas para o nível da uniformidade. Assim, o *monopólio econômico* e a *nivelação da cultura* são elementos centrais da sua concepção de civilização moderna.

Os Estados Unidos cumpriram, portanto, um papel decisivo não apenas na transformação da modernidade, que teria sua origem na Europa, mas na sua própria construção. Isto não significava dizer, por outro lado, que o fenômeno moderno fosse especificamente norte-americano, no entanto, o autor partiu do pressuposto de que era “americano por excelência, americano em sua completude”,³⁵ de forma que a *modernização* crescente do continente europeu já não podia se distinguir da sua *americanização*.

Os caminhos tomados em solo estadunidense pela modernidade, da forma como entendida por Huizinga, foram bastante específicos, e as razões pelas quais o autor avaliou o seu sucesso naquele país, seja para o bem ou para o mal, envolvem uma análise das trajetórias seguidas por

³³ HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 71.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ *Ibid.*, p. 230, tradução minha. No original: “‘But is that specifically American?’ No, but it is American par excellence, American in its fullness.”

certos conceitos chave da cultura norte-americana. Dentre eles, destacam-se a perspectiva individualista e democrática perante a sociedade, como foi dito. Entretanto, o que significavam estes conceitos? Ou melhor, qual foi o entendimento de Huizinga sobre eles? Passamos agora para o exame destas questões.

1.2 O PAPEL DO INDIVIDUALISMO NA HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS

O conceito de individualismo se apresenta de forma recorrente na historiografia que aborda a cultura dos Estados Unidos, mesmo que os significados atribuídos a ele tenham variado muito desde a primeira metade do XIX até o momento em que Huizinga escreve, e mais ainda se estendermos a comparação até o século XXI. Aquilo que não mudou, todavia, foi a inclinação a ver o individualismo como traço marcante da cultura norte-americana, de forma que qualquer investigação geral sobre a civilização estadunidense deveria no mínimo leva-lo em consideração.³⁶

Não seria possível explicar a função desempenhada por um conceito como o de individualismo no desenvolvimento de uma sociedade caso os seus significados no contexto em questão não fossem explicitados previamente, tendo em vista a grande variedade de interpretações e respostas a esta questão. “A expressão ‘individualismo’ abarca os elementos mais heterogêneos que se possam conceber”, já afirmava Max Weber, a quem um estudo aprofundado da história do conceito “seria de extremo valor, cientificamente falando”.³⁷ Tocqueville, antes dele, percebia o individualismo nas primeiras

³⁶ A extensão da bibliografia que reflete sobre papel do individualismo na sociedade estadunidense é incomensurável, cabendo à esta pesquisa um recorte dos trabalhos diretamente associados aos autores interpelados por Huizinga, acrescentando algumas considerações com base na historiografia, sociologia e ciência política mais recentes. Para uma investigação do tema feita por um contemporâneo de Huizinga, ver: HOOVER, Herbert. **American Individualism**. Garden City, New York: The Country Life Press, 1922; para referências mais atualizadas, ver: BARRY, Shain. **The Myth of American Individualism**. In: __. *The Protestant Origins of American Political Thought*. Princeton: Princeton University Press, 1994; e WALLS, Stephanie M. **Individualism in the United States: A Transformation in American Political Thought**. New York: Bloomsbury Publishing, 2015.

³⁷ WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “espírito” do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2004, p. 206.

décadas do século XIX como uma expressão ainda recente, visto que nascida de uma ideia nova. Enquanto nos “séculos aristocráticos” não se poderia falar em individualismo, visto que havia uma hierarquia social rígida que evidenciava a relação de dependência mútua entre cada elo da cadeia, tornando fraca a noção do indivíduo, nos “séculos democráticos” estes laços afrouxaram e tornaram possível ao indivíduo, à medida em que avançava a igualdade de condições, pensar em si mesmo como uma entidade independente da massa de que faz parte.³⁸

Oriundo do francês *individualisme*, utilizado sistematicamente nos anos 1820 por Lamennais, discípulo de Claude Henri de Saint-Simon, em seu *Des Progrès de la Révolution et de la Guerre contre l'Église* (1829), o termo poderia exprimir uma ideia negativa e perigosa, típica da época moderna, na qual a ordem, a religião e a associação davam lugar ao egoísmo, ao ateísmo e ao caos. Para socialistas como Charles Fourier, por outro lado, o individualismo significava um estado de autonomia e independência, valores que poderiam ser preservados dentro de uma ordem social cooperativa e organizada.³⁹ Poderia significar, em historiadores como Burckhardt, uma autonomia moral do indivíduo, o cultivo da privacidade, ou ainda, na tradição liberal, a ideologia do *laissez-faire*, cujo princípio era a liberdade do indivíduo num sistema econômico com pouca ou nenhuma interferência estatal reguladora.⁴⁰

Apesar de seu caráter polissêmico, o conceito de *individualismo* não deve ser confundido com os de *egoísmo* e *individualidade*. Quanto ao primeiro, Tocqueville já apresentava uma sólida distinção no capítulo “Do Individualismo nos Países Democráticos” de *A Democracia na América*. O egoísmo ali se refere a uma paixão exagerada por si mesmo, que “leva o homem a nada relacionar senão a ele apenas e a preferir-se a tudo”, um “vício tão antigo quanto o mundo”, e, portanto, presente nas mais diversas formas de sociedade. De forma oposta, o individualismo é tido como “um sentimento refletido e pacífico”, de origem democrática e com tendência a desenvolver-se “à medida que se igualam as condições”, mas que causa, todavia, uma predisposição nos indivíduos a

³⁸ TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1987, p. 387.

³⁹ LUKES, Steven. The Meanings of “Individualism”. **Journal of the History of Ideas**, v. 32, n. 1, 1971, p. 48-51.

⁴⁰ BARANY, Darren. Laissez-faire Individualism and Its Descent into Ideology in the US, from the Interwar Period to 1960. **The Journal of Public and Professional Sociology**, v. 4, n. 1, 2012, p. 1.

se isolarem dentro da sociedade composta por seus semelhantes, não percebendo assim a relação de interdependência em que se encontra toda vida social democrática.⁴¹

No que diz respeito ao segundo conceito, assim como foi expresso pelo Romantismo alemão no termo *Individualität*,⁴² designava a noção do “indivíduo único”, cuja originalidade o transformava em um ser incomparável. O individualismo, por outro lado, pode ser visto como um sistema de princípios que visa sustentar os direitos do indivíduo, a garantia de sua liberdade. Tais significados, aparentemente tão próximos, podem mesmo ser postos em relação antagônica, como argumentou George Morgan Jr em seu artigo “Individualism versus Individuality”. Considerando a perspectiva de John Dewey, que não via a liberdade individual em oposição à inclusão na sociedade, mas esta como condição para a realização daquela, o autor apontou as falhas em sua concepção do individualismo, que não leva em consideração as forças centrípetas da vida social, cuja tendência é promover a massificação da cultura, reforçando as semelhanças e apagando as diferenças entre os indivíduos, e, desta forma, constata um enfraquecimento da individualidade na sociedade norte-americana em decorrência de uma formulação teórica inadequada para o individualismo.⁴³

Estas distinções se fazem presentes em *Homem e Massa na América*. O primeiro dos quatro ensaios sobre a história da civilização moderna, intitulado “Independência e União” (*Zelfstandigheid en Vereeniging*),⁴⁴ disserta especificamente sobre a definição do individualismo estadunidense e a explicação de suas origens históricas. Os conceitos apresentados no título, aliás, praticamente não chegam a ser utilizados no decorrer do capítulo, sendo o par conceitual individualismo (*individualisme*) e associação (*associatie*) o eixo central da reflexão ali desenvolvida. Enquanto independência pode ser entendida como um estado de autonomia intelectual do indivíduo,

⁴¹ TOCQUEVILLE, A Democracia na América, op. cit., p. 386.

⁴² BARANY, Laissez-faire, op. cit., p. 54.

⁴³ MORGAN JR, George. Individualism Versus Individuality, Ethics, v. 52, n. 4, 1942, p. 446.

⁴⁴ O tradutor da edição em inglês traduz as expressões *zelfstandigheid* e *individualisme* por “individualism”, assim como traduz *vereeniging* e *associatie* por “association”, ofuscando assim a distinção conceitual empregada por Huizinga. A tradução de *zelfstandigheid* por “independência” e *vereeniging* por “união” foram extraídas de: WELY, F. Van Goor’s English-dutch and Dutch-english Dictionary. New York: David McKay Company, 1959, pp. 624 e 670.

estando assim mais próxima da individualidade, o individualismo designa, no texto de Huizinga, um estilo de vida, uma máxima do pensamento norte-americano. Por outro lado, as associações nos Estados Unidos não representam um contrabalanço ao individualismo, mas, novamente, a sua expressão. Como afirmava na conclusão do ensaio, “[...] o par conceitual Individualismo e Associação é sentido como uma contradição na história americana muito menos do que se poderia esperar com base na história europeia”. No entanto, como pôde Huizinga ter chegado a tal conclusão? Que fontes o historiador utilizou para compreender a origem e o papel do individualismo e das associações na história dos Estados Unidos?

Em primeiro lugar, cabe comentar a obra de Frederick Turner, da qual três textos compõem as referências de Huizinga sobre a questão: *The Significance of the Frontier in American History* (1893), *Western State-Making in the Revolutionary Era* (1895) e *Social Forces in American History* (1910).

Lendo os textos de Turner, nos deparamos com uma explicação sobre a cultura e os valores dominantes na sociedade estadunidense profundamente associada aos conceitos inter-relacionados de *individualismo* e *democracia*. Estes, por sua vez, teriam sua origem comum no movimento de avanço da população norte-americana rumo ao Oeste, explicada pelo historiador em sua conhecida *frontier thesis*, cujas linhas gerais foram apresentadas no artigo de 1893. Segundo o autor, a fronteira que dividia o mundo civilizado da natureza inexplorada foi o verdadeiro princípio explicativo da história dos Estados Unidos, e o resultado da vivência fronteiriça do “pioneiro” fora a aquisição dos mais típicos ideais americanos. O contato com a natureza selvagem, a devoção ao trabalho árduo, as condições primitivas de existência e a simplicidade marcaram o pioneirismo da expansão, delineando a imagem do que o autor acreditava ser o modelo do cidadão americano. Para Turner, foi na fronteira que o intelecto norte-americano ganhou suas características distintivas: “a grosseria e força combinadas com agudeza e curiosidade; o aspecto prático e inventivo da mente [...]; o individualismo dominante, trabalhando para o bem e para o mal”, etc.⁴⁵ Nas suas palavras:

⁴⁵ TURNER, Frederick J. *The Significance of the Frontier in American History*. In: TURNER, F. **The Frontier in American History**. Huntington, New York: Robert E. Krieger Publishing Company, 1976, p. 37, tradução minha. No original: “That coarseness and strength combined with acuteness and inquisitiveness; the practical, inventive turn of mind, quick to find expedients;

[...] o efeito mais importante da fronteira tem sido a promoção da democracia aqui e na Europa. Como foi indicado, a fronteira é produtora do individualismo. A sociedade complexa é precipitada pela natureza selvagem num tipo de organização primitiva baseada na família. A tendência é anti-social. Ela produz antipatia ao controle, e particularmente para qualquer controle direto. O cobrador de impostos é visto como um representante da opressão. [...] O individualismo da fronteira tem desde o início promovido a democracia.⁴⁶

Este individualismo que se manifestava na figura do pioneiro, o “promotor da democracia”, tinha para Turner uma origem nativa ao território estadunidense. O aspecto essencial da vida na fronteira, e fator dominante na formação das suas ideias e instituições, era a abundância das “terras livres”, isto é, terras improdutivas dentro da lógica da exploração capitalista, cuja vastidão oferecia riquezas naturais aparentemente infinitas. A vastidão e complexidade geográfica dos Estados Unidos foram, assim, fatores primordiais na perspectiva do historiador sobre as origens da cultura norte-americana. No texto de 1895, artigo inaugural do periódico *The American Historical Review*, o autor assim afirmava:

Elas [as terras livres] trouxeram a expansão, que, por si só, representou uma transformação das velhas instituições; elas derrubaram as distinções sociais no Oeste, e causando a igualdade econômica, promoveram a equidade política e a democracia. Oferecendo a liberdade da natureza

that masterful grasp of material things, lacking in the artistic but powerful to effect great ends; that restless, nervous energy; that dominant individualism, working for good and for evil [...]”

⁴⁶ Ibid., p. 30, tradução minha. No original: “But the most important effect of the frontier has been in the promotion of democracy here and in Europe. As has been indicated, the frontier is productive of individualism. Complex society is precipitated by the wilderness into a kind of primitive organization based on the family. The tendency is anti-social. It produces antipathy to control, and particularly to any direct control. The tax-gatherer is viewed as a representative of oppression. [...] The frontier individualism has from the beginning promoted democracy.”

selvagem inexplorada, elas promoveram o individualismo.⁴⁷

Turner estava interessado em avaliar o desenvolvimento histórico do “individualismo democrático” em solo norte-americano desde a origem da era pioneira, período de um século que se estende dos anos 1790 a 1890. Este interesse partia da crença de que os Estados Unidos estavam vivendo, na virada do século XIX para o XX, transformações sociais revolucionárias, cujas expressões mais evidentes eram o término da expansão territorial para o Oeste e a reorganização econômica da indústria, que crescia exponencialmente em diversos setores, como na produção de ferro e carvão. No texto de 1910, seu relatório anual como Presidente da *American Historical Association*, Turner afirmava que “as transformações pelas quais os Estados Unidos estão passando atualmente são tão profundas, tão abrangentes, que dificilmente seria um exagero dizer que nós estamos testemunhando o nascimento de uma nova nação na América”.⁴⁸

Seus estudos partiam do entendimento de que o individualismo estadunidense original estava perdendo a sua força desde a última década do século XIX, deixando de representar uma realidade perceptível na vida social norte-americana, que manifestava cada vez mais a necessidade do coletivismo. Com o aumento substancial das terras adquiridas nas Guerras Indígenas, a associação entre indivíduos passou a ser um pré-requisito geográfico para o sucesso em empreendimentos econômicos e administrativos. No entanto, as associações econômicas seguiram uma orientação voltada para a monopolização cada vez maior sobre os recursos naturais do país, e para a centralização das operações financeiras nas grandes cidades do litoral

⁴⁷ TURNER, Frederick J. *Western State-Making in the Revolutionary Era. The American Historical Review*, v. 1, n. 1, 1895, p. 72, tradução minha. No original: “They brought about expansion, which, in itself, meant a transformation of old institutions; they broke down social distinctions in the West, and by causing economic equality, they promoted political equality and democracy. Offering the freedom of the unexploited wilderness, they promoted individualism.”

⁴⁸ TURNER, Frederick J. *Social Forces in American History. In: The Frontier in American History*. Huntington, New York: Robert E. Krieger Publishing Company, 1976, p. 311, tradução minha. No original: “The transformations through which the United States is passing in our own day are so profound, so far-reaching, that it is hardly an exaggeration to say that we are witnessing the birth of a new nation in America.”

leste, construindo assim o contexto que daria as bases para a ascensão dos proeminentes capitães da indústria⁴⁹ que Turner tanto denunciou:

Na cidade de Nova Iorque têm se concentrado, como nunca antes, as reservas bancárias da nação, e aqui, pelo gerenciamento financeiro do capital e da especulação, tem crescido um controle unificado sobre a vida industrial da nação. Fortunas privadas colossais têm se formado. Não mais é a riqueza *per capita* da nação o real parâmetro da prosperidade do homem comum. [...] Em uma palavra, o velho individualismo pioneiro está desaparecendo, enquanto as forças de combinação social estão se manifestando como nunca antes. O *self-made man* se tornou, no discurso popular, o barão do carvão, o rei do ferro, o rei do óleo, o rei do gado, o magnata da ferrovia, o mestre dos investimentos, o monarca dos trusts.⁵⁰

De tais interpretações, Huizinga elaborou um filtro. Por um lado, manteve intacto o entendimento da fronteira como princípio explicativo do desenvolvimento da civilização norte-americana ao longo do século XIX, quando afirmava, por exemplo, que os Estados Unidos compreenderam, até o último quartel deste século, “não apenas um estágio cultural, mas muitos ao mesmo tempo, em ordem decrescente do Leste para o Oeste”, e que em todos estes estágios civilizacionais simultâneos, dos “coletores e pescadores, dos invasores arrogantes, dos caubóis nômades, do pequeno comércio agrícola e do grande

⁴⁹ TURNER, Frederick J. Contributions of the West to American Democracy. *In: The Frontier in American History*. Huntington, New York: Robert E. Krieger Publishing Company, 1976, p. 259.

⁵⁰ TURNER, **Social Forces**, op. cit., p. 318, tradução minha. No original: In New York City have been centered, as never before, the banking reserves of the nation, and here, by the financial management of capital and speculative promotion, there has grown up a unified control over the nation's industrial life. Colossal private fortunes have arisen. No longer is the per capita wealth of the nation a real index to the prosperity of the average man. Labor on the other hand has shown an increasing self-consciousness, is combining and increasing its demands. In a word, the old pioneer individualism is disappearing, while the forces of social combination are manifesting themselves as never before.”

empreendimento capitalista, o tipo de cultura foi individualista”.⁵¹ Mantém também o antagonismo elaborado por Turner entre o Oeste agrário, representado pela “democracia pioneira”, e as grandes cidades do Leste, representadas pela “aristocracia endinheirada”, cuja expressão maior foi a figura de Alexander Hamilton, primeiro secretário do tesouro dos Estados Unidos.

Por outro lado, o entendimento sobre as origens e o caráter do individualismo construído por Huizinga difere da perspectiva de Turner. Segundo o autor, as suas raízes estavam fincadas no protestantismo, de forma que os Estados Unidos foram compreendidos como um recipiente de “sementes teutônicas” trazidas pelos ingleses, hipótese já defendida dentro da historiografia norte-americana por Herbert Baxter Adams, e também por Albert Bushnell Hart, outro historiador presente no texto de Huizinga.⁵² Baseando-se na perspectiva de Ernst Troelsch sobre o entendimento do protestantismo como uma permanência medieval no mundo moderno, o historiador holandês identificou características medievais no individualismo norte-americano. Nas suas palavras, “A América foi conquistada e mantida pelo individualismo teimoso e antiquado da cidade pequena – nós poderíamos quase dizer por um individualismo medieval”.⁵³

Esta medievalidade foi caracterizada por Huizinga como uma postura de auto-regulação social por parte das comunidades protestantes que iniciaram a colonização da Nova Inglaterra até o século XVIII, cuja consequência era uma recusa incontornável a qualquer forma de interferência vinda de fora do círculo social:

Onde elas [as comunidades protestantes] foram deixadas à sua própria sorte sem forte

⁵¹ HUIZINGA, J. *Zelfstandigheid en Vereeniging. In: __. Mensch en Menigte in Amerika: vier essas over moderne beschavingsgeschiedenis*. Harlem: Tjeenk Willink & Zoon, 1918, p. 21, tradução minha. No original: “Daardoorrepresenteert de Amerikaansche samenleving tot het laatste kwart der 19 eeuw steed terzelfdertijd niet één cultuurstadium, maas vele tegelijk, in afdalende reeks van Oost naar West. [...] Doch in al die stadiën: van de jagers, trappers en visschers, van de rooibouwende squatters, van de nomadische cowboys, van den kleinen landbouw en handel en van het kapitalistische grootbedrijf, is het type van de cultuur individualistisch.”

⁵² GRESSLEY, Gene M. *The Turner Thesis: A Problem in Historiography. Agricultural History*, v. 32, n. 4, 1958, p. 228.

⁵³ HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 17, tradução minha. No original: “America was won and maintained by the dogged and old-fashioned individualism of the small town – we could almost say by medieval individualism.”

interferência da autoridade central moderna, como na América, lá viveram sob os ideais da cidade medieval: liberdade significava para elas a mesma coisa que significava para a Idade Média: intolerância a qualquer interferência.⁵⁴

E completa:

[...] o individualismo que esteve presente no estabelecimento das colônias americanas se revelou uma força muito mais negativa, limitadora e primitiva. O espírito que manteve e fortaleceu as comunidades calvinistas da Nova Inglaterra era completamente antiquado. Era o espírito da execução rigorosa e intolerante da autoridade religiosa e da moral pública dentro do próprio círculo e resistência contra qualquer autoridade vinda de fora.⁵⁵

Nestes termos, Huizinga delineava a sua interpretação sobre o tão comentado debate em torno da origem e do papel do individualismo na sociedade estadunidense. Tratava-se de um individualismo medieval, visto que fora trazido por comunidades religiosas que, no contexto europeu, representaram uma continuidade de costumes e mentalidades medievais para dentro do mundo moderno. Mas, além disso, havia um componente propriamente americano no desenvolvimento deste individualismo: o confronto com uma natureza vasta, e, conseqüentemente, a instauração de uma civilização primitiva em cada novo pedaço de território conquistado, sempre adiante na direção Oeste, fazendo sobreviver aquele individualismo original, oriundo dos pioneiros.

⁵⁴ HUIZINGA, **Mensch en Menigte**, op. cit., p. 12, tradução minha. No original: “Waar zij zonder sterke inmenging van het moderne centraal gezag aan hun lot zijn overgelaten, zooals in Amerika, daar zijn het de idealen van de middeleeuwsche stad, waarin men leeft: de vrijheid beteekent er, zooals zij het in de middeleeuwen doet: het niet dulden van inmenging.”

⁵⁵ HUIZINGA, **America**, op. cit., p. 16-7, tradução minha. No original: “[...] the individualism which was at work in the establishment of the American colonies reveals itself as much more of a primitive, limiting, and negative force. The spirit that maintained and strengthened the Calvinist communities of New England was utterly old-fashioned. It was the spirit of the strict, intolerant enforcement of religious authority and public morals within their own circle and resistance to any authority from outside.”

Desta forma, a perspectiva de Huizinga buscava elaborar uma síntese entre duas tradições conflitantes da historiografia norte-americana: a *hipótese teutônica* e a *tese da fronteira*. A primeira, representada pela primeira geração de historiadores acadêmicos profissionais dos Estados Unidos no último quartel do século XIX, como Herbert Baxter Adams, havia sido instruída pela tradição historiográfica alemã a procurar as origens das instituições e do caráter nacional anglo-saxão na cultura germânica. A segunda, representada pela Escola de Turner, se afirmava em oposição às interpretações prévias sobre os traços culturais da sociedade estadunidense, buscando explica-los com base num contexto interno ao território americano.⁵⁶ Para Huizinga, por outro lado, as duas perspectivas não estavam necessariamente em relação de oposição, mas podiam compor duas faces de uma mesma moeda:

O individualismo americano se mostra, por um lado, como o senso puritano de independência que criou as comunidades da Nova Inglaterra, e, por outro lado, o espírito primitivo do trabalhador na selva, que continua insatisfeito enquanto existe um pedaço de natureza ainda não conquistada. Estas duas forças produziram o individualismo americano moderno avançado, o espírito do homem de negócios que se orgulha do fato de que velhas atitudes pioneiras estão ainda ativas nele.⁵⁷

Huizinga notava também a forte tendência da sociedade norte-americana em construir associações. No entanto, o autor atribuía a elas

⁵⁶ Para uma introdução ao tema, ver TURNER, Frederick Jackson. **O Significado da História**. 2005 (1890). Tradução e Apresentação: AVILA, Arthur Lima de. In: História, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 191-223, 2005, p. 191-197. Para um debate mais aprofundado sobre a comparação entre a tese da origem teutônica e a tese da fronteira, ver NOVICK, Peter. **That Noble Dream: the “Objectivity Question” and the American historical profession**. New York: University of Cambridge Press, 1990, p. 87-88.

⁵⁷ Ibid., p. 31-32, tradução minha. No original: “American individualism displays itself on the one hand as the puritan sense of independence that created the communities of New England, and on the other hand as the primitive spirit of the worker in the wilderness that continues to be nourished as long as there is some part of nature still unconquered. These two forces produced the highly developed modern American individualism, the spirit of the modern businessman who prides himself that the old pioneer attitudes are still active in him.”

um sentido novo: em primeiro lugar, considerava que as numerosas associações surgidas no país durante o século XIX não demonstravam um espírito de coletividade, mas antes manifestavam, mais uma vez, o individualismo, que, sendo considerado de origem medieval, tornava igualmente medievais as próprias associações.

Quanto a este último ponto, Huizinga comparou algumas das mais conhecidas associações de cunho político na história dos Estados Unidos e concluiu que, a despeito da diversidade de propósitos a que se dedicavam, possuíam fortes semelhanças com um tipo específico de associação, a *Veemgericht*, que se difundiu na Alemanha medieval na forma de cortes irregulares, que frequentemente se reuniam de forma secreta para deliberar decisões de caráter político, como julgamentos e punições que incluíam a pena capital.⁵⁸ Dentre as associações deste tipo, o autor citou os *Sons of Liberty*, a *Society of the Cincinatti*, os *Sons of Tammany*, os *Know-Nothings*, a *League of Gileadites*, a *Ku Klux Klan*, os *Molly Maguires*, os *The Knights of Labor*, entre outras.⁵⁹

Tais organizações certamente possuem características muito diversas, e Huizinga expõe os propósitos declarados por cada uma delas. Mesmo assim, o autor acredita que um sentimento comum as permeava. Tanto *The Knights of Labor*, uma das mais conhecidas organizações trabalhistas estadunidenses da segunda metade do século XIX, quanto o *Ku Klux Klan*, movimento que, na mesma época, pregou a supremacia branca, compartilhavam do fato de que suas associações políticas se originaram de forma primitiva, isto é, como “uma forte e espontânea combinação emocional de forças para um objetivo concreto”, marcada pelas reuniões secretas e pela execução direta das deliberações pelos envolvidos, em suma, a formação de um clube ou a fundação de uma ordem fraternal.⁶⁰ Nas palavras do autor:

Um forte individualismo continua sendo característico destas formas de organização, ainda que o indivíduo se coloque à serviço de um propósito declarado sem reservas; nós podemos chamar isto de organização individualista, ou ainda individualismo organizado.⁶¹

⁵⁸ Ibid., p. 41.

⁵⁹ Ibid., p. 41-49.

⁶⁰ Ibid., p. 32.

⁶¹ Ibid., p. 50, tradução minha. No original: “A strong individualism continues to be characteristic of these forms of organization, even though the individual unreservedly puts himself at the service of the declared purpose; we might call it individualistic organization, or even better organized individualism.”

A interpretação de Huizinga sobre o papel dos conceitos de individualismo e associação na sociedade estadunidense contrastou bastante com a de sua principal referência sobre o tema, Tocqueville. Para o pensador francês, individualismo se tratava de uma expressão da democracia nas sociedades, que atingia suas maiores proporções especialmente ao final de revoluções democráticas, momentos em que, sobre os destroços da aristocracia recém derrubada, “o isolamento dos homens uns dos outros e o egoísmo que dele recorre mais facilmente chamam a atenção”.⁶² No entanto, continuava Tocqueville, a grande diferença do caso estadunidense foi o fato de terem atingido a democracia sem a necessidade de um processo revolucionário, evitando assim a criação de um contexto favorável para a ascensão do individualismo.⁶³ Além disso, o argumento de Tocqueville afirmava que fora graças às associações, inúmeras e ramificadas por todo o território nacional, de caráter político ou não, que a sociedade estadunidense escapou do individualismo. As associações foram as “instituições livres” que proporcionaram uma vida política aos cidadãos, multiplicando ao infinito, para eles, “as ocasiões de agir em conjunto e de fazê-los sentir todos os dias que dependem uns dos outros”.⁶⁴

A prática de associar-se na sociedade estadunidense foi entendida por Tocqueville como o alicerce da sua democracia, permitindo o entendimento mútuo entre os cidadãos. Se, nas sociedades aristocráticas, uma quantidade pequena de indivíduos com grande poder se associava facilmente para a manutenção da ordem social estabelecida, nos países democráticos a capacidade de um indivíduo em interferir isoladamente sobre as decisões políticas diminui consideravelmente, como consequência de uma suposta elevação no nível de igualdade social. Nestes contextos, segue Tocqueville, as associações são tanto mais necessárias quanto mais difíceis de serem executadas, sejam elas de caráter político ou não, e o sucesso da democracia norte-americana reside exatamente na superação deste dilema.

As associações políticas e industriais dos americanos facilmente são por nós percebidas; mas as outras nos escapam; e, se as descobrimos, as compreendemos mal, porque quase nunca vimos algo de análogo. Deve-se reconhecer, entretanto, que são tão necessárias quanto as primeiras ao povo americano, e talvez mais. Nos

⁶² TOCQUEVILLE, *A Democracia na América*, op. cit., p. 387.

⁶³ *Ibid.*, p. 388.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 389.

países democráticos, a ciência da associação é a ciência mãe; o progresso de todas as outras depende dos progressos daquela.⁶⁵

Para o historiador holandês, esta interpretação acerca do caráter e papel das associações nos Estados Unidos foi um dos erros mais significativos do texto de Tocqueville. O argumento de Huizinga, de forma inversa, defendeu a noção de que, apesar da existência de um forte impulso pela organização na vivência cultural e política dos estadunidenses, “o elemento distintivo é que este senso de comunidade não aboliu o individualismo, mas permaneceu subordinado a ele”.⁶⁶ Além disso, para Huizinga não seria possível concordar com a noção de um alto nível de igualdade política e econômica na sociedade estadunidense, como fez Tocqueville. O problema da ascensão de uma aristocracia econômica na indústria nacional e no aparato político já era expressada por Andrew Jackson, o típico pioneiro do Oeste, primeiro de seu tipo a alcançar a presidência do país em 1829, e posteriormente pelos historiadores Frederick Turner e Charles Beard, que já visualizavam o processo em estágio avançado. Retomando os discursos destes autores, Huizinga se afasta ainda mais da análise de Tocqueville, aproximando-se dos argumentos elaborados pela historiografia norte-americana.⁶⁷

De forma geral, os textos de Huizinga tiveram pouca difusão entre os leitores norte-americanos após a tradução de 1972, apesar dos comentários pioneiros de alguns autores, como Augustinus Dierick, que em 1982 atribuía um caráter profético ao livro do historiador holandês. Seja como for, as questões abordadas por Huizinga em 1918 permaneceram suscitando interpretações diversas ainda hoje. A bibliografia mais recente sobre o tema demonstra uma polarização entre a perspectiva que continua sustentando a tese do individualismo enquanto marca distintiva da sociedade estadunidense e aquela que sente a necessidade de revisar essa hipótese. A crença geral do povo americano, como afirmou Mount Jr., é de que o individualismo é um tipo de religião secular que influencia a sua visão de mundo mais do que

⁶⁵ Ibid., p. 394.

⁶⁶ HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 32, tradução minha. No original: “The distinctive thing is that this sense of community has not abolished individualism but rather remains subordinated to it.”

⁶⁷ DIERICK, *Perceptions and Prophecies*, op. cit., p. 45-46.

as tradições religiosas com as quais se filiam,⁶⁸ no entanto, tal crença expressa uma realidade efetiva?

Uma das primeiras críticas contundentes a esta visão vem de Charles Beard, em seu panfleto intitulado *The Myth of Rugged American Individualism*, publicado em 1932, no qual denuncia a utilização política de um discurso consolidado na historiografia, do “individualismo de tipo bruto” (*rugged individualism*) como expressão do modo de vida norte-americano, iniciado pelos pioneiros da fronteira. Segundo Beard, uma boa parte das lideranças econômicas do país se juntavam num movimento de exaltação do *rugged individualism*, utilizando da expressão como desculpa para evitar assumir responsabilidades na crise econômica e colocar a culpa no excesso de interferência do governo, além, é claro, para escapar de taxações e regulações que não fossem de seu interesse.⁶⁹ O mesmo individualismo é questionado pelo historiador Mody C. Boatright em seu artigo “The Myth of Frontier Individualism”, publicado em 1941. O autor aborda especificamente a tese de Turner, que identificou a fronteira como local de desenvolvimento da cultura estadunidense e o individualismo como marca distintiva desta cultura, expondo os fenômenos que podem ser interpretados como indicadores de um forte senso comunitário nas sociedades pioneiras que avançavam para Oeste, tais como as associações.⁷⁰

Mesmo assim, o debate continua gerando interpretações diversas na academia norte-americana. Provavelmente o exemplo mais notável é Seymour Lipset que, com a publicação do livro *American Exceptionalism*, em 1996, adquiriu reconhecimento pela promoção da tese de que os Estados Unidos constituíram uma sociedade única, *excepcional*, cuja originalidade consiste naquilo que denomina o “credo americano” (*american creed*), isto é, uma variante específica do individualismo, que possui suas raízes históricas na Revolução de 1777 e filosóficas na figura de Thomas Jefferson, caracterizado pela crença de que cada pessoa deve possuir o direito de agir e pensar de uma forma

⁶⁸ MOUNT JR, Eric. American Individualism Reconsidered. **Review of Religious Research**, v. 22, n. 4, 1981, p. 362.

⁶⁹ BEARD, Charles. **The Myth of Rugged American Individualism**. New York: The Stratford Press, 1932, p. 5-7.

⁷⁰ BOATRIGHT, Mody. The Myth of Frontier Individualism. **The Southwestern Social Science Quarterly**, v. 22, n. 1, 1941, p. 17.

que seja amplamente livre de restrições comunitárias ou coletivistas.⁷¹ Lipset já defendia esta perspectiva desde a publicação de *The First New Nation*, de 1963, livro no qual argumentava o papel decisivo da “cultura democrática e individualista” enquanto elementos formadores da história estadunidense.⁷²

Seguindo esta linha, um recente estudo se propõe a ir além das considerações de Lipset e comprovar cientificamente o surgimento e a permanência do *rugged individualism* na sociedade norte-americana, apresentando dados demográficos e gráficos para a representação exata (em números) do nível de “individualismo fronteiriço” e do tamanho da “experiência da fronteira” no último quartel do século XIX em diante, fazendo uso das técnicas atuais dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG’s). Os autores do texto elaboram uma “revisão da clássica Tese da Fronteira pelas lentes da economia política moderna e da psicologia social” para confirmar positivamente a persistência da “cultura da fronteira” no país.⁷³

De qualquer forma, o que se pode concluir é que, atualmente, a narrativa do individualismo como o núcleo e o princípio motor da civilização estadunidense, consolidada de forma implacável nas primeiras décadas do século XX, e endossada por Huizinga, deixou de ser um tabu. Novas leituras na historiografia contemporânea tornam mais complexo o entendimento sobre as origens e desenvolvimento de uma cultura estadunidense. Por exemplo, o artigo “The Origins of American Individualism: Reconsidering the Historical Evidence”, de Baer (et al), elabora uma revisão nos estudos sobre os eventos formadores da Revolução Americana, apontando as falhas em considera-los expressões de uma cultura individualista. Isto não apenas pelo fato de que o individualismo pode ser considerado como uma ideologia da classe dominante, mas porque as evidências históricas indicam que a sociedade norte-americana podia ser mais comunalista que individualista no período que compreende a virada do século XVIII para o XIX.

⁷¹ BAER, Douglas; CURTIS, James; GRABB, Edward. The Origins of American Individualism: Reconsidering the Historical Evidence. **The Canadian Journal of Sociology**, v. 24, n. 4, 1999, p. 513.

⁷² NELLES, H. V. Review Essay: American Exceptionalism: A Double-Edged Sword. **The American Historical Review**, v. 102, n. 3, 1997, p. 749.

⁷³ BAZZI, Samuel; FISZBEIN, Martin; GREBESILASSE, Mesay. Frontier Culture: the Roots and Persistence of “Rugged Individualism” in the United States. **NBER Working Paper**, n. 23997, 2017, p. 1.

O papel do individualismo na história dos Estados Unidos foi e é um dos debates mais recorrentes no pensamento norte-americano, e Huizinga oferece a sua própria interpretação sobre o tema. Outro assunto, todavia, desfrutava da mesma abrangência e relevância no país, a saber, a identificação da democracia como característica básica da sociedade estadunidense. Na historiografia e no discurso político, individualismo e democracia são dois conceitos complementares, que se reforçam mutuamente. Compreender a interpretação elaborada por Huizinga acerca destes conceitos é necessário para obter o pano de fundo histórico de sua crítica à civilização moderna, presente, sobretudo, no segundo capítulo de *Homem e Massa na América* e na parte II de *Vida e Pensamento na América*, que serão aqui abordadas nos capítulos 2 e 3, respectivamente.

1.3. A DEMOCRACIA AMERICANA

A compreensão de Huizinga acerca da história da democracia nos Estados Unidos se constrói a partir da leitura dos principais historiadores que interpretaram o período formador da sociedade estadunidense, que inclui a construção da primeira Constituição dos Estados Unidos e o início da expansão territorial para o oeste. O já citado Frederick Turner continua, aqui, sendo uma das principais referências, no entanto, assim como Huizinga discordava de Turner no que diz respeito às origens do individualismo, assim também o fez em relação às origens da democracia. Para este, as forças que moldaram a democracia no país estavam contidas no espírito rude do pioneiro, a quem interessava unicamente construir, no confronto com a natureza, uma comunidade autônoma em relação a interferências externas, como o Estado, dominado pela aristocracia das grandes cidades da Nova Inglaterra. Para Huizinga, de forma contrária, a democracia estadunidense partia justamente desta aristocracia, que, orientada sobretudo por interesses econômicos, visava exercer domínio sobre os meios de produção que extraíam e comercializavam as riquezas naturais da nação. Neste ponto, vale dizer que Huizinga está muito mais próximo da interpretação de Charles Beard, cujas obras *Uma interpretação econômica da Constituição dos Estados Unidos* (1913) e *Origens econômicas da democracia Jeffersoniana* (1915) são citadas diversas vezes por ele.

Com a primeira obra, Beard buscou retomar uma interpretação econômica sobre o surgimento da Constituição dos Estados Unidos, negligenciada, segundo o autor, por uma tradição historiográfica que

valorizou este evento histórico como um embate entre diferentes princípios da ciência política. O livro, surgido no tumulto do racha no Partido Republicano que deu origem ao Partido Progressista, tornou-se imediatamente um escrito polêmico. Usado como referência para reivindicações tanto da esquerda quanto da direita, Beard reclama em sua Introdução à segunda edição do livro o fato de, 20 anos após a primeira publicação, o livro ter sido extremamente criticado, embora pouquíssimo lido. Respondendo aos principais comentadores, o autor explica ali a sua intenção. Não se tratava de sustentar a ideia de que a Constituição dos Estados Unidos pudesse ser explicada exclusivamente por meio da economia, o que explica o título “*uma interpretação*”, e não “*a interpretação*”. Tratava-se de resgatar a perspectiva econômica acerca do período, no intuito de mostrar que, entre as diferentes forças envolvidas no processo de criação da Constituição, havia não apenas uma divisão entre distintos interesses econômicos, tidos como fundamentais, mas também, em certa medida, uma separação geográfica entre os grupos.⁷⁴

Já no texto sobre a democracia jeffersoniana, que segue uma abordagem bastante semelhante, Beard dá um passo adiante e visa demonstrar que mesmo os principais representantes da democracia estadunidense, como Thomas Jefferson – que fundou o partido dos *Federal Republicans* em oposição declarada aos *Federalists*, partidários reunidos em torno do Secretário do Tesouro Alexander Hamilton – possuíam fortes interesses econômicos privados motivando suas atuações políticas. Beard questiona especificamente a origem do antagonismo entre estes dois partidos. O argumento tradicional afirmava que esta origem se encontrava na proposição, por parte dos *Federalists*, de medidas fiscais que, do ponto de vista de oponentes como Jefferson, não tinham como objetivo servir o bem público, e sim os interesses privados dos integrantes do partido. Todavia, analisando os registros do Tesouro e os documentos da votação, Beard afirma que, apesar do tradicional argumento de Jefferson, segundo o qual a diferença essencial entre os partidos seria o “medo e desconfiança do povo” por parte dos *Federalists* e o “carinho do povo” por parte dos *Federal Republicans*, tratava-se de um embate entre interesses econômicos distintos de dois grupos, o primeiro interessado no *capital fluido* e majoritariamente

⁷⁴ BEARD, Charles. *An Economic Interpretation of the Constitution of the United States*. Norwood: Norwood Press, 1941, pp. v-xx.

localizado nos estados do litoral norte, e o segundo com representantes do sul e adeptos do *agrarianismo*.⁷⁵

Quanto a Huizinga, para quem a força dominante na escrita e adoção da Constituição era “o interesse dos grupos necessitando autoridade central e um sistema de governo mais forte, a saber, os grandes comerciantes, os especuladores de terras, os donos de escrituras públicas, em suma, o grande capital”,⁷⁶ o entendimento dos fatores econômicos como determinantes do desenvolvimento social estadunidense aparece de forma ainda mais ressaltada que em Beard. Se este, em resposta aos críticos, amenizou o aparente determinismo econômico do livro apresentando sua interpretação como uma entre tantas, Huizinga, isento das mesmas críticas, afirmou a preponderância dos fatores econômicos sem equívocos:

Toda questão política e cultural na América é, no fundo, econômica. No solo virgem da América, que é livre de crescimentos sociais antigos e fortemente enraizados, os fatores econômicos trabalham com uma liberdade e objetividade desconhecidas na história Europeia. As paixões políticas na América são deliberadamente direcionadas a questões econômicas, e estas não estão subordinadas a um sistema de convicções intelectuais que são, para o homem que nelas acredita, o conteúdo de sua cultura. Expressando isto na linguagem do Marxismo, nós poderíamos dizer que os fatores econômicos operam numa extensão muito maior sem o revestimento de concepções ideológicas.⁷⁷

⁷⁵ BEARD, Charles. Some Economic Origins of Jeffersonian Democracy. **The American Historical Review**, v. 19, n. 2, 1914, p. 282-298, grifos meus, tradução minha. A expressão “o carinho do povo” consta no texto original como “*the cherishment of the people*”.

⁷⁶ HUIZINGA, **America**, op. cit., p. 20-1, tradução minha. No original: “The driving force in the drafting and adoption of the Constitution was the interest of the groups needing central authority and a stronger system of government – the big merchants and shippers of New England and New York, the bondholders, the land speculators, in brief, big capital.”

⁷⁷ HUIZINGA, **America**, op. cit., p. 9, tradução minha. No original: “At bottom, every political and cultural question in America is na economic one. On America’s virgin soil, which is free of old, strongly rooted social growths, economic factors work with a freedom and directness unknown in European history. Political passions in America are deliberately directed to economic

A referência a Marx, um dos principais pontos da crítica da historiografia norte-americana à perspectiva de Charles Beard, aparece ainda outra vez no texto de Huizinga, de forma a ressaltar o argumento economicista:

Fatores econômicos estão tão próximos da superfície da história Americana que nós vemos repetidamente diante dos nossos olhos a realização do processo postulado por Marx como *geralmente válido* [*algemeen geldid*]. Esta é a forma pela qual as forças de produção – que em última instância são os meios técnicos e naturais de produção econômica – são capazes de definir diretamente toda uma época histórica, com todos os seus arranjos sociais, políticos e culturais.⁷⁸

Tem-se, assim, um primeiro elemento da democracia, entendida como decorrência de fatores econômicos, e não de princípios políticos, isto é, “sem o revestimento de concepções ideológicas”. É por isso que Huizinga não se surpreende, por exemplo, quando o recém presidente Andrew Jackson, o pioneiro do Oeste, o defensor da liberdade e do individualismo democrático, ter defendido o fortalecimento da União a partir do início de seu governo, em 1829. Apesar da expectativa inicial por parte dos democratas do Oeste em colocar na prática recursos políticos que promovessem autonomia legislativa para os estados, Jackson resistiu ao esforço de diminuir a autoridade federal, pois previu a possibilidade de guerra civil, e todos os danos econômicos por ela acarretados. No entanto, este não era o único motivo, e assim chegamos a outro ponto central da concepção de Huizinga acerca da democracia americana. De acordo com o autor, na época de Jackson, o conceito de *nação* já havia se tornado um forte ideal, mesmo possuindo uma história de apenas quarenta anos. Segundo seu argumento, na mentalidade do

questions, and these are not subordinated to a system of intellectual convictions which become for the man who believes them the content of his culture. Expressing in the language of Marxism, we would say that economic factors operate to a much greater extent without a cloak of ideological conceptions.”

⁷⁸ Ibid, p. 11-12, grifo meu, tradução minha. No original: “Economic factors lie so close to the surface of American history that we repeatedly see the enactment before our eyes of the process postulated by Marx as all-controlling. This is the way in which the forces of production – which in the last instance are the technical and natural means of economic production – are able directly to define na entire historical epoch, with all its social, political, and cultural arrangements.”

cidadão norte-americano comum, a democracia foi incorporada desde cedo como o verdadeiro símbolo da nação dos Estados Unidos, de forma que a defesa da democracia passou a se confundir com a defesa conservadora da própria pátria, contrária a qualquer ameaça de transgressão da estrutura social estabelecida. Assim, o *patriotismo* e o *conservadorismo* são apresentados como elementos característicos do sentimento democrático norte-americano:

Democracia na América é quase equivalente ao patriotismo. [...] O dogma da luta de classes tem um peso muito grande na opinião pública da Europa, mesmo entre não-socialistas, mas não na América. Basicamente a opinião pública americana é uniformemente capitalista e patriótica. [...] A democracia burguesa possui uma velha e forte tradição na América. Lá a democracia é completamente compatível com o conservadorismo, e quando nós vemos processos institucionais tais como a iniciativa e o referendun trabalhando de forma conservadora, nós temos, do ponto de vista americano, absolutamente nenhum direito de considerar o resultado antidemocrático por esta razão.⁷⁹

Por outro lado, existe ainda outro elemento oriundo do patriotismo estadunidense, e, conseqüentemente, da própria democracia. Este elemento, assim como o foi para o individualismo, é a própria *natureza*, em todo o seu poder e vastidão, e não apenas a natureza intocada, como coloca Huizinga, mas a natureza alterada pelo trabalho humano. Nas palavras do autor, “O sentimento de poder, grandeza e produtividade surge em toda a sua glorificação na América. Não existe nenhuma fronteira divisória entre natureza e democracia no seu espírito”.⁸⁰ Ao pensar na sociedade estadunidense, a imagem mental formada por Huizinga incluía elementos que remetiam a uma natureza viva e poderosa sendo dominada à força pelo ímpeto desbravador humano: “[...] quando vemos a imagem da Holanda pelos olhos da nossa mente, pensamos em primeiro lugar no céu aberto. Mas em nossa

⁷⁹ Ibid, p. 158-9, tradução minha. No original: “Democracy in America is almost equivalent to patriotism. [...] The dogma of the class struggle has very great weight in the public opinion of Europe, even among non-Socialists, but not in America. Basically American public opinion is uniformly capitalist and patriotic.”

⁸⁰ Ibid., p. 170.

imagem da América está o bater dos martelos, o rugido de trovões e cachoeiras, e a ondulação da grama no vento”.⁸¹

De acordo com o texto de Huizinga, a assimilação da democracia com a natureza na sociedade norte-americana foi expressa da forma mais completa por Walt Whitman, o grande poeta do século XIX. Sua obra clássica, *Folhas de Relva*, manifestou constantemente este sentimento que sintetiza o espírito patriótico e democrático estadunidense. A democracia, descrita por Whitman como a própria ideia do livro, assumia na sua poesia um caráter cósmico, sendo carregada, como afirmou o próprio poeta, “para muito além da Política, dentro das regiões do gosto, dos padrões de Costumes e da Beleza, e até mesmo dentro da Filosofia e da Teologia”.⁸²

Aliás, foi no campo da filosofia que a democracia se vinculou com outro conceito-chave do discurso político norte-americano, a *eficiência*. A demanda por uma sociedade absolutamente eficiente como pré-requisito para uma sociedade democrática, argumenta Huizinga, permeou o espírito americano em diversos níveis, desde pequenas questões administrativas locais até os mais complexos problemas na área do pensamento abstrato. É nesse sentido que o historiador compreendeu o Pragmatismo de William James, como resultado de uma postura mental que exige eficiência carregada para a esfera da filosofia, proporcionando uma linguagem simples o suficiente para que mesmo o indivíduo leigo esteja apto a entender.⁸³

Tal perspectiva encontrou no behaviorismo sua expressão mais radical, segue Huizinga, a julgar pelas palavras inequívocas do seu fundador, o psicólogo John Watson, que buscou excluir de sua abordagem psicológica qualquer subjetividade, isto é, qualquer aparato conceitual abstrato, lidando exclusivamente com “o mundo das coisas – um mundo que pode ser manipulado, segurado e examinado”, ou seja, um mundo suscetível de uma compreensão psicológica objetiva, ainda que radicalmente simples. Quanto a este assunto, que são abordados de

⁸¹ Ibid, p. 169, tradução minha. No original: “[...] when we see the picture of Holland in our mind’s eye, think first of all of the open air. But in our picture of America there is the beating of hammers, the roar of thunder and of tumbling waterfalls and the rippling of Prairie grass in the Wind.”

⁸² WHITMAN apud HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 170, tradução minha. No original: “The ideia of the book is Democracy, that is carried far beyond Politics into the regions of taste, the standards of Manners and Beauty and even into Philosophy and Theology.”

⁸³ HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 199.

forma mais aprofundada no terceiro capítulo deste texto, as palavras de Watson são claras:

Em função da psicologia behaviorista lidar com tangíveis, o leitor não encontra nenhum obstáculo entre o mundo físico, químico e biológico e o mundo behaviorista renovado. Ele pode não gostar da simplicidade e severidade do Behaviorismo, mas ele não pode deixar de compreender o Behaviorismo se ele ao menos lhe der uma pequena lida honesta.⁸⁴

Do ponto de vista de Huizinga, o grande problema quanto a esta concepção da democracia está nas suas consequências. No contexto estadunidense, a predisposição a um estilo de pensamento que busca evitar a complexidade como forma de promover um conhecimento democrático se desdobrou numa concepção ideológica conservadora, pois, na medida em que o objetivo dos assuntos políticos e econômicos foram o consenso de opinião, a democracia acabou operando rumo a manutenção do *status quo*, além de ter limitado a vida intelectual dos indivíduos por meio da aversão a ideias que viessem de encontro às opiniões já estabelecidas no senso comum. Um dos exemplos mais notáveis deste fenômeno seria a divisão bipartidária entre os Republicanos e os Democratas, que, segundo Huizinga, estariam basicamente numa relação de acordo mútuo, apresentando-se no cenário político como inimigos apenas para manter uma situação democrática aparente, baseada na ideia ilusória da alternância de poder. A população estadunidense, pouco preocupada com a contradição, aceitaria esta alternância como garantia de uma ordem social pautada na mais verdadeira democracia. Como resultado, continua o autor,

⁸⁴ WATSON, John B. **Behaviorism**. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., LTD, 1924, p. 1, tradução minha. O behaviorismo não é comentado por Huizinga no livro de 1918, *Homem e Massa na América*, aparecendo como o principal complemento de *Vida e Pensamento na América*. O tema será abordado no terceiro e último capítulo da presente dissertação. No original: “Because behavioristic psychology deals with tangibles, the reader sees no break between his physical, chemical, and biological world and his newly-faced behavioristic world. He may not like the simplicity and severity of Behaviorism, but he cannot fail to understand Behaviorism if he but gives it a little honest reading.”

[...] a opinião pública americana é uniformemente capitalista e patriótica. Ela se permite ser colocada sem resistência a serviço das enormes organizações dos Democratas e Republicanos, que são capazes que estimular um entusiasmo em massa do qual o Americano dificilmente conseguiria escapar.⁸⁵

O leitor pode perceber um possível exagero na visão de Huizinga sobre a homogeneidade da mentalidade social norte-americana, que aparece como uma entidade perfeitamente estável, sobre a qual pouca ou nenhuma resistência parece capaz de se impor. Os motivos para tal interpretação são mais difíceis de serem mapeados, no entanto, para Huizinga, pareceu seguro afirmar alguns elementos centrais deste fenômeno:

Equidade política, a redução das diferenças de classe, e as formas democráticas de vida, trabalharam, por sua vez, rumo ao nível da uniformidade. Assim se desenvolveu a solidariedade da mediocridade que permeia a vida Americana. Como um resultado da educação universal, a vida intelectual do público é grande o bastante para que todos consigam se entender. Pessoas estão acostumadas a encontrar um certo consenso em qualquer área, e, por causa desta harmonia de opinião, a se sentirem justificadas em rapidamente rejeitar tudo o que desvia dela. [...] A opinião pública responde como se fosse para um único sinal. Uma preferência geral pelo que é popular, para o que é compreensível por todos e demonstra imediatamente sua moralidade e praticabilidade para todos.⁸⁶

⁸⁵ HUIZINGA, **America**, op. cit., p. 159, tradução minha. No original: “Basically American public opinion is uniformly capitalist and patriotic. It allows itself to be placed without resistance at the service of the giant organizations of Democrats and Republicans, which are able to arouse a mass enthusiasm from which the American is hardly able to escape.”

⁸⁶ *Ibid.*, p. 181, tradução minha. No original: “Political equality, the smallness of class differences, and the democratic forms of life, worked in their turn toward a level of uniformity. Thus developed the solidarity of mediocrity which permeates American life. As a result of universal education, the intellectual life of the public is high enough for everyone to understand each other. Men are accustomed in every field to encounter a certain consensus of convinced

Poder-se-ia dizer que o motivo de tal interpretação é o fato de, ainda em 1918, Huizinga ter conhecido os Estados Unidos por meio dos livros. Todavia, a viagem realizada em 1926 não parece ter contrariado a primeira impressão do autor. Aliás, a compreensão da cultura estadunidense a partir das noções de homogeneidade e uniformidade se tornou um dos pontos centrais de sua crítica, como veremos no capítulo subsequente.

Sintetizando estas percepções de Huizinga acerca da sociedade estadunidense, percebe-se que o historiador considerou a democracia como uma das suas grandes contradições. Na verdade, a situação do país lhe pareceu relevar o completo oposto daquilo que o intelectual europeu consideraria como de caráter democrático: um sistema político viciado entre dois partidos que não possuem diferenças profundas, e uma estrutura econômica marcada pela concentração das finanças e das ações financeiras. Este último ponto é um dos mais importantes no texto de Huizinga, que recorre principalmente aos dados da dissertação de Anna Youngman (1909), *The Economic Causes of Great Fortunes*, para ilustrar o desenvolvimento da indústria norte-americana na história recente, apresentando o período entre 1880 e 1890 como o momento chave da expansão do capitalismo monopolista no país, simbolizado pela consolidação do sistema dos trustes. O texto de Youngman constata um considerável aumento nos investimentos financeiros no mercado e na produção de mercadorias, acompanhado de uma redução progressiva do número de empresas autônomas, revelando uma acentuada concentração econômica nas grandes corporações de empresas, notadamente os grupos Standard Oil, capitaneado por John Rockefeller, e Morgan, centrado na figura de John Pierpont Morgan.⁸⁷

A consolidação dos trustes podia representar para Huizinga tudo menos a manifestação da democracia. Ao contrário, a seu ver parecia mais lógico denominar a estrutura social estadunidense como uma nova forma de feudalismo, atualizada para a época moderna, em que o Estado

persons of like mind, and because of such harmony of opinion to feel justified in readily rejecting whatever deviates from it. [...] Public opinion responds as if too ne signal. A general preference prevails for what is popular, for what is understandable by all men and immediately displays its morality and practicality to everyone.”

⁸⁷ Ibid., p. 74-75. Sobre o tema de construção do monopólio empresarial estadunidense a partir do sistema dos *trusts*, ver o livro do analista financeiro John Moody, *The truth about the trusts: a description and analysis of the American Trust Movement*, publicado em 1904.

tem seu poder enfraquecido diante dos interesses econômicos privados de poucos indivíduos poderosos. Neste contexto, não é mais a nobreza que detém o poder, mas sim o grande empresário, o “monarca dos trustes” de que falava Turner. “As grandes famílias dos magnatas ricos estão conectadas de perto por casamentos da mesma maneira que os trustes estão mutuamente ligados por investimentos cruzados e gestões sobrepostas”.⁸⁸ O poder se constrói por meio de combinações interpessoais movidas por interesses econômicos privados, assim como, de acordo com Huizinga, ocorreu no período medieval:

As grandes associações comerciais se tornaram forças independentes. Elas transformam o indivíduo em um escravo, ameaçam a comunidade, e buscam dominar ou suplantam o Estado. Assim como na Idade Média a sociedade ossificou nos sistemas senhorial e feudal, corre-se o risco de acontecer o mesmo agora na organização corporativa do capital industrial. O desenvolvimento americano demonstra uma certa similaridade com o feudalismo em vários aspectos. Era o tratado específico do sistema feudal que as forças econômicas privadas e as relações de dependência pessoal tomaram o lugar do Estado; o Estado foi destruído por relações de poder econômico, e as funções políticas foram estreitamente ligadas a posse de uma fonte de renda.⁸⁹

Como pode ser visto, a análise de Huizinga não trata este fenômeno como decorrente da vontade individual das pessoas

⁸⁸ Ibid., p. 87, tradução minha. No original: “The great families of the money magnates are closely joined by marriages in the same way that the trusts are mutually bound by cross-investments and overlapping managements.”

⁸⁹ Ibid., p. 85-6, tradução minha. No original: “The great combinations have become independent forces. They make the individual man a slave, threaten the community, and strive to dominate or supplant the state. Just as in the early Middle Ages society ossified into the manorial and the feudal system, so in threatens to do the same now in the corporate organization of industrial capital. American developments display a certain similarity to feudalism in various points. It was the specific trait of the feudal system that private economic forces and relations of personal dependence took the place of the state; the state was eaten away by relationships of economic power, and political functions were tightly attached to possession of a source of income.”

envolvidas, como os próprios Morgan e Rockefeller, e sim como resultado de uma força autônoma, a organização em si mesma, que se impõe sobre o indivíduo e a comunidade de forma ameaçadora. Nas palavras do autor, aquilo que domina a atividade das pessoas envolvidas neste processo é simplesmente a oportunidade para uma constante extensão da organização corporativa, que se apresenta de forma irresistível. No entanto, o indivíduo que nela participa não o faz apenas por vontade própria, embora o faça também, mas sim porque acaba sendo inserido numa grande cadeia dominada pela entidade *organização*, cuja força excede a dos indivíduos integrantes. É assim que Huizinga entende, por exemplo, o ímpeto que leva o dono de uma grande corporação, cuja riqueza já é maior do que se poderia desfrutar, continuar indefinidamente procurando novas formas de acumulação de lucro e poder, mesmo na doença e na idade avançada. Para o autor, este impulso “é nada mais que uma obediência robótica ao poder que reside no próprio sistema de organização”.⁹⁰ É precisamente este fato, a ausência do elemento humano, que constitui a diferença essencial entre feudalismo medieval e a sua versão atualizada, denominada como uma “forma moderna de feudalismo”. Segundo Huizinga:

A coisa mais séria sobre estas formas modernas de feudalismo é que elas carecem de dois elementos que formaram o núcleo do idealismo feudal – a lealdade do homem para com o seu senhor, e a gratidão do senhor para com o homem. Foi precisamente estes que formaram o elemento humano do velho sistema de vassalagem, que foi provavelmente negligenciado na maior parte do tempo, mas que ainda assim o permeou e inspirou. Qual é a fonte da diferença? Não são as intenções maldosas de pessoas as responsáveis pela ausência do elemento ético, mas a *força impessoal da organização*, prevenindo a humanidade de se desenvolver dentro das condições da vida econômica.⁹¹

⁹⁰ Ibid., p. 85, tradução minha. No original: “The impulse which drives the industrial monarch who already owns more wealth than he can enjoy to keep on inventing new ways of accumulating profits and power, even in sickness and old age, is nothing more than a machinelike obedience to a power that lies in the very system of organization.”

⁹¹ Ibid., p. 88, tradução minha, grifo meu. No original: “The most serious thing about these modern forms of feudalism is that they lack the two elements which formed the core of feudal idealism – the loyalty of the man to his lord, and the

Nestas palavras, fica claro o rumo tomado pela interpretação de Huizinga sobre a história dos Estados Unidos, que, neste ponto, se distancia das suas principais referências, como Turner e Beard. O desenvolvimento histórico da sociedade estadunidense, analisado pelo historiador sob a influência dos conceitos complementares de individualismo e democracia, passa a ser entendido não apenas como uma decorrência das ações dos sujeitos históricos, mas de uma força externa, a “força impessoal de organização”, que progressivamente domina todas as esferas da sociedade, da política à cultura, da economia à vida intelectual.

Tal força é tida por Huizinga como a essência da civilização moderna, não se restringindo ao contexto estadunidense, mas avançando em direção ao resto do globo. A história da civilização moderna, desta forma, é a história do surgimento e avanço desta força. A base para esta nova configuração da organização, por sua vez, é o avanço na técnica, responsável pela instauração e desenvolvimento da sociedade industrial.

A opinião de Huizinga acerca do avanço da técnica no mundo moderno foi bastante controversa. Se, por um lado, admirava o poder expresso na forma como funcionava este avanço, em geral se mostrou bastante adverso ao papel por ele cumprido dentro da sociedade, em especial no que diz respeito à produção cultural e à vida intelectual dos indivíduos. O problema central desta nova forma de civilização, segundo o autor, reside num elemento básico da organização tecnológica: a mecanização. Sendo um dos temas mais recorrentes em toda análise do autor, que dedica um dos quatro ensaios exclusivamente a ele, será assim o assunto do próximo capítulo desta dissertação.

solicitude of the lord for his man. It was precisely these which formed that human element in the old system of vassalage which was probably sorely neglected most of the time but which nevertheless permeated and inspired it. What is the source of the difference? It is not the evil intentions of persons that is responsible for the absence of this ethical element, but the impersonal force of organization itself preventing humanity from developing within the conditions of economic life.”

CAPÍTULO 2: A CIVILIZAÇÃO MODERNA

O que é que compele nós europeus, em nossas críticas, a tomar uma posição tão firme contra a América? [...] Consideramos, juntamente com as similaridades externas e com um parentesco próximo, que a América ainda pensa e vive de uma maneira diferente. Ao mesmo tempo, todavia, ouvimos constantemente o *Tua res agitur*.⁹² A civilização moderna está sendo julgada na América de uma maneira mais simples do que entre nós. A Europa será a próxima?⁹³

A publicação de *Homem e Massa na América*, em 1918, representou um verdadeiro ponto de inflexão na carreira de Huizinga, que até então havia se especializado nas áreas da história medieval e da teoria da história. O livro, cuja proposta inicial era realizar uma interpretação da história dos Estados Unidos, acabou tomando o rumo de uma história da civilização moderna, e Huizinga passou então a integrar o grupo de intelectuais que refletiam sobre o estado da cultura europeia. A partir deste momento, não interessava mais ao autor o estudo das expressões culturais do passado em si mesmas, mas, como colocou Damas, “analisar o presente em sua relação direta com esse passado”.⁹⁴ Desta forma, pela primeira vez na sua trajetória como historiador, o presente ocupava o primeiro plano de seus esforços intelectuais.

O elemento central do entendimento de Huizinga sobre a civilização moderna, a saber, o fenômeno da mecanização, foi desenvolvido principalmente no segundo ensaio de *Homem e Massa na América*, intitulado “A instrumentalização da vida comunitária”. Para o autor, a mecanização era o resultado inevitável do avanço tecnológico, sendo a sua consequência imediata, num mundo capitalista, a concentração de capital. Os efeitos da mecanização podiam ser

⁹² Tradução do latim: “É coisa tua”; “É do teu interesse”.

⁹³ *Ibid.*, p. 229-230, tradução minha. No original: “What is that compels us Europeans in our criticism to take such a firm stand against America? [...] We find, along with much outward similarity and close kinship, that America still thinks and lives in a diferente way. At the same time, however, we constantly hear the *Tua res agitur*. Modern civilization is on trial in America in a simpler way than among us. Will Europe be next?”

⁹⁴ DAMAS, *A Europa em Jogo*, op. cit., p. 72.

percebidos em todas as esferas da sociedade, desde a organização da política, da economia e do trabalho, até a cultura de massas e a vida intelectual dos indivíduos. No texto de Huizinga, mecanização e capitalismo são conceitos profundamente interligados, sendo o primeiro um aspecto essencial da realização do segundo. Ainda que estes conceitos fossem a expressão de um fenômeno global – a civilização moderna – em plena expansão na Europa, Huizinga não deixou de notar o papel decisivo operado pelos Estados Unidos em sua origem, circunscrita no período da expansão da fronteira do país em direção às “terras livres” do Oeste.

Nesse contexto, o principal exemplo utilizado pelo autor sobre a relação intrínseca entre o avanço tecnológico e a expansão do capitalismo foi a construção das ferrovias, que não só desempenharam um papel decisivo na revolução nos transportes, dando início à mecanização, mas, simultaneamente, revelaram uma lógica intrínseca da própria tecnologia:

O que é notável acerca do progresso tecnológico é que ele proporciona a um só tempo os meios que tornam possíveis novas formas de organização e cria o objeto no qual essa organização trabalha enquanto toma forma. Sem os meios de rápido deslocamento fornecidos pela ferrovia, a liderança concentrada dos negócios não seria possível; ao mesmo tempo, foram as próprias ferrovias que se tornaram o primeiro e mais importante objeto dessa concentração.⁹⁵

Analisada sob este ponto de vista, a civilização moderna foi compreendida como um grande processo no qual o progresso tecnológico trouxe à tona a concentração de capital, proporcionada pela mecanização das operações industriais e pela organização corporativa dos negócios. Historicamente, este processo teve início nos Estados Unidos, e as razões dizem respeito ao contexto interno do país. Segundo Huizinga, a extensão do território estadunidense, somada à forte pressão

⁹⁵ HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 69-70, tradução minha. No original: “What is noble about technological progress is that at one and the same time it provides means making possible new and tighter forms of organization and creates the object on which this organization works as it takes shape. Without the means of fast travel which the railway provided, concentrated leadership of business was not possible; at the same time it was the railways themselves which were the first and most importante object of this concentration”.

para desmatar as terras livres e torna-las produtivas dentro da economia capitalista, geraram um contexto no qual a necessidade de aumentar a produtividade por meio de melhorias tecnológicas teria sido mais urgente do que em qualquer outro país.⁹⁶

Ao longo do século XIX, a resistência à expansão do capitalismo foi a grande marca dos pioneiros, como já havia afirmado Frederick Turner, no entanto, com a construção das ferrovias, o domínio sobre a organização do território nacional e sobre a produção e transporte de mercadorias tornou inevitável a ascensão da aristocracia do Leste. De acordo com Huizinga, “as circunstâncias nas quais a velha luta do Oeste individualista contra o capitalismo organizado do Leste foi continuada se transformaram por meio das ferrovias fortemente em favor do poder capitalista”.⁹⁷ No início do século XX, já era possível dizer que a “velha luta” estava finalizada. A civilização moderna, e com ela a mecanização da sociedade, triunfara nos Estados Unidos com um êxito inédito, fornecendo um modelo civilizacional a ser difundido na Europa. Para Huizinga, mesmo que ainda não conhecesse o país pessoalmente, este modelo já podia ser perfeitamente visualizado e descrito em detalhes.

Para compreender as reflexões de Huizinga sobre a civilização moderna, é preciso considerar, mesmo que de forma breve, o ambiente intelectual em que o autor estava inserido, fortemente influenciado pelas críticas à modernidade que afloraram no contexto acadêmico alemão no decorrer das primeiras décadas do século XX. De forma geral, um elemento característico deste ambiente foi o pessimismo cultural, que será assunto da primeira parte deste capítulo. Feito isto, o capítulo segue para uma análise do conceito mais importante abordado no segundo ensaio de *Homem e Massa na América*, a saber, o de *instrumentalização*, entendido como a dinâmica interna da civilização moderna. Quanto às duas últimas partes do capítulo, o texto de Huizinga será analisado de forma a elucidar os exemplos pelos quais este conceito se apresentou na realidade social estadunidense, considerando o caso das relações de trabalho e da produção cultural.

⁹⁶ Ibid., p. 64.

⁹⁷ Ibid., p. 67, tradução minha. No original: “The circumstances in which the old struggle of the individualist West against the organized capital of the East was continued were changed by the railway strongly to the advantage of capitalista power”.

2.1 O PESSIMISMO CULTURAL

O período que vai de 1890 a 1933 marcou, no contexto alemão, o advento acelerado de um modelo de sociedade industrial e capitalista. Com ele, o sentimento de que os alguns dos principais valores culturais, éticos e religiosos do passado estavam desaparecendo se difundiu entre um amplo grupo de intelectuais ligados às universidades alemãs, aqueles que Fritz K. Ringer denominou os “mandarins alemães”. Uma das características mais marcantes deste grupo, que, segundo o autor, iniciava o seu declínio na virada do século, era o pessimismo cultural (*Kulturpessimismus*).⁹⁸ Por este conceito, como bem colocou Michael Löwy, entende-se não apenas uma corrente literária do século XIX, mas uma das mais importantes “estruturas de sensibilidade da cultura moderna”, baseadas na crítica à civilização capitalista industrial e na defesa do resgate dos valores perdidos ou esquecidos do passado. Tratava-se de “um olhar desencantado sobre a modernidade”, tido como uma das expressões da “visão de mundo romântica ‘tardia’ do fim do século”.⁹⁹

Apesar destas características gerais, o pessimismo cultural não pode ser visto como uma corrente coesa, mas como um estilo de pensamento bastante amplo, adotado por pensadores das mais diversas orientações políticas e ideológicas. Tendo Friedrich Nietzsche como uma das principais influências filosóficas, o pessimismo cultural adentrou diversas disciplinas das ciências humanas, como na sociologia de Max Weber e Georg Simmel, na filosofia de Oswald Spengler, e na historiografia de Huizinga.

No mesmo ano da publicação de *Homem e Massa na América*, Spengler publicou sua mais conhecida obra de inspiração pessimista, intitulada *A Decadência do Ocidente: esboço de uma morfologia da História Universal*, alcançando, com ela, uma grande repercussão no meio acadêmico alemão. O sucesso do livro pode ser entendido a partir da existência prévia de um sentimento compartilhado entre intelectuais europeus de preocupação e incerteza sobre o estado da cultura ocidental, sendo Spengler o primeiro a ter sintetizado este sentimento dentro de

⁹⁸ RINGER, Fritz. **The Decline of the German Mandarins**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1969.

⁹⁹ LÖWY, Michel. **A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 43.

uma filosofia da história.¹⁰⁰ Para o próprio Huizinga, cujas interpretações diferiam em alguns pontos essenciais em relação a Spengler, foi ele quem propagou nos indivíduos de seu tempo “uma fé desarrazoada na natureza providencial do progresso e os familiarizou com a ideia de um declínio da cultura e da civilização contemporâneas”.¹⁰¹

Ainda assim, o historiador holandês não hesitou em registrar a autonomia de suas reflexões em relação à obra de Spengler, quando afirmou, em *Vida e Pensamento na América*, que “as brilhantes e gélidas palavras de profecia” do filósofo alemão ainda não haviam sido proferidas quando ele se esforçou, no ensaio sobre a mecanização da vida social, em “esboçar aquilo que parecia, por todas as aparências, ser o curso inevitável da civilização contemporânea, tendo a América como seu exemplo mais perfeito”.¹⁰² A comparação entre as perspectivas de Huizinga e Spengler sobre o tema da crise da cultura europeia é útil na medida em que explicita algumas características centrais do entendimento do primeiro autor acerca dos conceitos de *cultura* e *civilização*.

Assim como Spengler, é perceptível no texto de Huizinga o conflito evidente entre cultura (*Kultur*) e civilização (*Zivilisation*), típico do mandarinato alemão que encarava o processo de modernização do país com suspeita e apreensão. Enquanto o conceito de cultura, assim como o de “formação” (*Bildung*), se referiam à ideia do desenvolvimento espiritual do indivíduo, do “crescimento interior” responsável pela aquisição da virtude e da sabedoria, a civilização era vista como a sua própria antítese, ou seja, como o abandono de uma espiritualidade elevada em prol de uma nova forma de conhecimento, ligada à cultura de massas e ao espírito capitalista.¹⁰³ Nas palavras de Michael Löwy:

A oposição entre *Kultur*, um conjunto de valores culturais, religiosos, estéticos, éticos ou políticos, e *Zivilisation*, o universo da técnica, dos negócios e da burocracia, ou então entre *Gemeinschaft*, a

¹⁰⁰ DAMAS, **A Europa em Jogo**, op. cit., p. 73.

¹⁰¹ HUIZINGA apud DAMAS, *ibid.*, p.76.

¹⁰² HUIZINGA, **America**, op. cit., p. 234, tradução minha. No original: “Spengler’s brilliant and icy words of prophecy had not yet been spoken at the time when I endeavored, in an essay on ‘The Mechanization of the Life of Society’, to sketch what seemed by all appearances to be the inevitable course of contemporary civilization, with America as its most perfect example.”

¹⁰³ DAMAS, **A Europa em Jogo**, op. cit., p. 77.

comunidade orgânica do passado, e *Gesellschaft*, a sociedade moderna fundada sobre o contrato e o mercado, está entre os principais temas do *Kulturpessimismus* de inspiração romântica.¹⁰⁴

Em relação a esta oposição, na introdução de sua obra, Spengler questionava se podíamos identificar uma lógica interna do desenvolvimento histórico, uma “estrutura, por assim dizer, metafísica, da Humanidade histórica”, que se colocaria para “além dos feitos avulsos, que são casuais e imprevisíveis”, e que permanecesse “independente das conhecidas e manifestas formações político-espirituais, que se vêem na superfície”. Como resposta a esta indagação, o autor identificou na história uma lógica orgânica, percebendo os períodos históricos e as formações culturais do passado como seres vivos, suscetíveis ao ciclo intransponível da vida natural. A história humana, nas palavras do autor, “é a totalidade de enormes ciclos vitais, que a linguagem usual costuma apresentar e personificar, espontaneamente, como indivíduos de ordem superior, ativos e pensantes”.¹⁰⁵ Nesses termos, Spengler estipulou uma divisão radical entre os conceitos de cultura e civilização, entendendo-os como estágios distintos do desenvolvimento orgânico das sociedades humanas. Enquanto a cultura era vista como a maturidade de uma determinada organização social, a civilização surgia como o início da sua decadência, o anúncio de sua morte. Tal interpretação fica mais clara na definição de cultura lançada pelo autor:

Cada cultura tem suas próprias possibilidades de expressão, que se manifestam, amadurecem, definham, e nunca mais ressuscitam. [...] Cada qual tem duração limitada, cada qual está encerrada em si mesma, assim como toda espécie vegetal tem suas flores e frutas características, seu tipo peculiar de crescimento e de decadência. Essas culturas, seres vivos de ordem superior, criam-se, como os lírios do campo, numa sublime ausência de propósitos. Da mesma forma que

¹⁰⁴ LÖWY, A **jaula de aço**, op. cit., p. 43.

¹⁰⁵ SPENGLER, Oswald. **A Decadência do Ocidente**: esboço de uma morfologia da História Universal. Tradução de Herbert Caro. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, p. 23.

plantas ou animais, fazem parte da natureza viva de Goethe, e não da natureza morta de Newton.¹⁰⁶

E se torna completa com a definição elaborada pelo autor do conceito de civilização:

O que é a civilização, concebida como consequência orgânico-lógica, como remate e término de uma cultura? Ora, cada cultura tem a sua própria civilização. Pela primeira vez, estas duas palavras, que até agora designavam uma vaga distinção ética, acham-se aqui empregadas num sentido periódico, como expressões de uma sucessão orgânica, estrita e necessária. A civilização é o destino inevitável de cada cultura. [...] Civilizações são os estados extremos, mais artificiosos, que uma espécie superior de homens é capaz de atingir. São um término. [...] Representam um fim irrevogável, no qual sempre se chega, com absoluta necessidade.¹⁰⁷

Considerando o caso específico da sociedade ocidental, Spengler identificou precisamente no século XIX a transição da cultura para a civilização, e neste ponto a sua interpretação possui consonância com a de Huizinga. No entanto, havia uma diferença essencial entre as duas abordagens. Por mais que o historiador holandês tenha avaliado, em sua história dos Estados Unidos, o século XIX como o momento de gestação e consolidação da crise cultural que começava a afetar a Europa, a responsável por esta crise não era a civilização em sentido amplo, mas a “civilização moderna” de forma específica. Sendo assim, a civilização não era colocada em uma relação antitética com a cultura, como em Spengler, mas como uma forma de organização social afetada pelo fenômeno da modernidade, e por isso decadente. De fato, o entendimento do presente como um momento de decadência foi comum a Huizinga, Spengler, e muitos outros, revelando uma postura fortemente pessimista neste meio intelectual. Todavia, enquanto o pessimismo de Spengler se confundia com um conformismo, na medida em que o autor compreendia a civilização como um destino inevitável, Huizinga mantinha acesa a esperança de uma recuperação cultural da Europa mediante a crítica àquilo que lhe é propriamente moderno.

¹⁰⁶ Ibid., p. 39.

¹⁰⁷ Ibid., p. 46-47.

O pessimismo cultural de Huizinga mesclava aspectos tanto da vertente “passadista” quanto da “utopista”, na medida em que se apoiava em valores culturais considerados pré-modernos, ao mesmo tempo em que possuía o intuito de canalizar a nostalgia causada pela perda destes valores numa proposta de restauração da cultura voltada para o futuro, desenvolvida especialmente em obras tardias, como *Nas Sombras do Amanhã*. No entanto, o autor manteve uma distância crítica em relação a ambas as vertentes, pois não acreditava verdadeiramente num retorno ao passado, assim como não transparecia nenhuma inclinação revolucionária. O anti-capitalismo evidente na perspectiva do autor não representou, em momento algum de sua trajetória intelectual, uma defesa do socialismo. Desta forma, o pessimismo de Huizinga estava mais próximo da postura esposada por pensadores como Max Weber, denominada por Löwy a partir da categoria de um *romantismo resignado*, isto é, do sentimento de aceitação da fatalidade e da irreversibilidade da modernidade capitalista associada ao engajamento crítico em relação ao presente. Tratava-se, não obstante, de uma “resignação heroica”, pois, ainda que avaliasse o estado da cultura europeia como um destino inexorável, recusava-se de qualquer maneira a aceitar este destino e de se entregar a ele.¹⁰⁸

A ligação de Huizinga com o pessimismo cultural de inspiração romântica, característico do “círculo Max Weber de Heidelberg”, se deu sobretudo pela influência da obra de Georg Simmel, um dos principais integrantes deste círculo, a quem Huizinga cita extensivamente em seus ensaios de juventude sobre a filosofia da história. As críticas de Simmel à cultura moderna e ao capitalismo foram expressas de forma sintética no ensaio *O conceito e a tragédia da cultura*, publicado em 1911, que merece aqui uma breve consideração.

Considerando este texto, Simmel apresenta o conceito de cultura a partir de uma dialética entre *sujeito* e *objeto*, na qual o primeiro se defronta com diversas configurações objetivas, tais como a arte, a religião, os costumes, etc., que, apesar de serem criações do próprio sujeito, adquirem uma existência autônoma e uma permanência no tempo que ultrapassam a dos seus criadores. A cultura, segundo o autor, reside precisamente na interação entre sujeito e objeto, não estando inteiramente contida em nenhum dos dois âmbitos, e representa sempre um dualismo entre a vida subjetiva, de caráter temporalmente transitório e finito, e os seus conteúdos objetivos intemporais. Sem este

¹⁰⁸ LÖWY, A **jaula de aço**, op. cit., p. 45.

relacionamento do sujeito com o objeto, portanto, não pode haver cultura propriamente dita. Nas palavras do autor:

Mas não há estado de cultura em seu sentido mais puro e profundo quando a alma percorre o caminho de si para si, da possibilidade à realidade de nosso eu mais verdadeiro, exclusivamente com suas forças pessoais subjetivas [...]. Seu sentido específico, entretanto, só é preenchido quando o ser humano nesse desenvolvimento inclui algo que lhe é exterior, quando o caminho da alma passa por valores e séries que não são apenas subjetivos e anímicos. Essas configurações anímicas objetivas de que falei no início: arte e moral, ciência e objetos conformes a fins, religião e direito, técnica e normas sociais – são estações pelas quais o sujeito tem de passar para adquirir esse valor específico que é sua cultura. [...] A cultura nasce – e isso é simplesmente essencial para sua compreensão – quando dois elementos se reúnem e nenhum deles a contém em si: a alma subjetiva e a criação objetiva.¹⁰⁹

Sendo assim, o processo cultural formulado por Simmel é entendido como um caminho que vai, em primeiro lugar, do sujeito ao objeto, realizando uma “objetivação do espírito”, para enfim retornar do objeto ao sujeito, operando uma “re-subjetivação do objeto”, que possui o intuito de aprimorar o espírito e, finalmente, produzir cultura. O objeto, dentro desta dialética, funciona como um meio, uma estação pela qual o sujeito precisa passar, para assim realizar o seu constante aperfeiçoamento, o cultivo da personalidade (*Bildung*). O grande problema trazido pela modernidade, segundo Simmel, é que a ascensão notável da técnica em todas as áreas do trabalho humano trouxe consigo um abalo profundo na interação entre sujeito e objeto, dando preponderância ao segundo. “Obediente apenas à lógica objetiva, a técnica se desdobra de refinamento em refinamento que são seus próprios aperfeiçoamentos e não mais aqueles do sentido cultural da arte”.¹¹⁰ A tragédia da cultura moderna se encontra, por conseguinte, na subversão do caráter mediador do objeto, que deixa de ser um meio de aprimoramento do espírito para, então, transformar-se num fim em si

¹⁰⁹ SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura. **Crítica Cultural – Crític**. Palhoça, SC, v. 9, n. 1, 2014, p. 147.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 159.

mesmo.¹¹¹ Cria-se então um descompasso entre as possibilidades técnicas de realização de determinado objeto e as suas finalidades culturais essenciais, uma contradição entre as capacidades objetivas de produção cultural e a própria noção de cultura como formação espiritual. Um exemplo utilizado pelo autor para ilustrar esta situação foi o saber científico:

A técnica filológica, por exemplo, atingiu, por um lado, um refinamento insuperável e uma perfeição metodológica, por outro, os objetos que a cultura espiritual teria interesse em analisar não crescem tão rápido e desta forma o esforço da filologia se converte com frequência em micrologia, em pedantismo e trabalho sobre o inessencial – por assim dizer, um caminho vazio do método, uma continuação da norma objetiva cujo caminho independente já não coincide com o da cultura como aperfeiçoamento da vida.¹¹²

Ainda que Huizinga não tenha citado Simmel em suas reflexões sobre a sociedade estadunidense, é possível identificar sua importância na própria concepção da crise cultural de seu tempo. Enquanto o sociólogo alemão condenou os “resultados estéreis” do conhecimento científico de seu tempo, caracterizado por um “fetichismo do método” decorrente de uma mentalidade demasiadamente focada no aprimoramento da técnica, Huizinga, ao fazer uma retrospectiva de seu primeiro livro sobre os Estados Unidos em *Vida e pensamento na América*, publicado em 1927, afirmou que o seu intuito era “mostrar como cada descoberta técnica destrói as energias humanas tanto quanto as libera, como toda organização leva à mecanização, como a sociedade obriga os homens a desaparecerem em uma igualdade impessoal de ação e pensamento”.¹¹³ Para Huizinga, o progresso tecnológico também se transformou num fim em si mesmo, perdendo sua ligação essencial com as necessidades culturais da época.

¹¹¹ Ibid., p. 145. Esta síntese da dialética cultural de Simmel foi extraída da nota de rodapé elaborada pelo tradutor Antonio Carlos Santos.

¹¹² Ibid., p. 159.

¹¹³ HUIZINGA, **America**, op. cit., p. 234, tradução minha. No original: “I sought to show how each technical Discovery shackles human energies as much as it liberates them, how all organization leads to mechanization, how society compels men to disappear into an impersonal equality of action and thought.”

Por fim, resta notar que, apesar de ter uma proximidade notável com o criticismo cultural alemão de inspiração romântica, Huizinga se esforçou em apresentar uma interpretação nos seus próprios termos. Partindo de uma análise pautada na ideia do excepcionalismo norte-americano, o autor deu especial atenção à tecnologia como característica central da modernidade e como a fonte dos problemas que lhe inspiravam o pessimismo. O desenvolvimento de uma sociedade tecnológica cada vez mais aprimorada foi visto pelo autor como um processo necessário e inevitável, tendo como principal consequência o fenômeno da mecanização decorrente de um processo mais amplo, a “instrumentalização da vida comunitária”. Passamos agora para uma explicação mais aprofundada desta expressão.

2.2 A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA VIDA COMUNITÁRIA

A civilização moderna foi definida por Huizinga através de um conceito novo, um neologismo, criado para atender à peculiaridade da forma como o autor a percebeu. O conceito é de tradução complicada, fato que gerou alguns impasses na tradução norte-americana de 1972. Trata-se do neologismo holandês *verwerktuigelijking*, que traduzo aqui como “instrumentalização”.¹¹⁴ Herbert Rowen, responsável pela primeira tradução para o inglês, traduz para a mesma palavra três conceitos que Huizinga claramente distingue: *verwerktuigelijking*, *mechaniseering* e *machinaliseering* para o termo inglês *mechanization*. Ainda que as duas últimas expressões holandesas possuam um significado bastante próximo um do outro, não sendo tão problemática a tradução para uma mesma palavra, a primeira é dotada de um nível maior de abstração, sendo mais produtiva a utilização de um termo distinto visando preservar a complexidade do argumento do autor. A mecanização, ainda que seja um elemento central da crítica de Huizinga à modernidade, tal como a maquinização, é apenas o fenômeno visível do processo maior que é a instrumentalização da vida comunitária:

¹¹⁴ O neologismo sugere a fusão dos termos *verwerkelijking* (que significa “realização”) com *tuig* (que significa “ferramenta” ou “instrumento”). Nenhum dos dicionários holandês-inglês consultados possuíam a palavra *verwerktuigelijking*. Agradeço ao fórum do website DutchGrammar pela contribuição, respondendo às minhas dúvidas quanto à coerência da tradução por mim sugerida. A discussão realizada no fórum pode ser visualizada no link <https://bit.ly/2V5qodN>.

A mecanização [*mechaniseering*] do trabalho e das formas de vida econômica é o processo primário e elementar imediatamente visível. Mas é apenas uma parte da instrumentalização [*verwerktuigelijking*] mais ampla da vida comunitária, que avança com o desenvolvimento da cultura moderna.¹¹⁵

O mesmo problema não se repete na tradução para a língua alemã, realizada por Annette Wunschel. Todavia, ainda que a tradutora tenha mantido a distinção feita por Huizinga, não o faz de forma muito fiel à linguagem do autor, traduzindo *mechaniseering* como “racionalização” (*rationalisierung*) e *verwerktuigelijking* como “automatização” (*automatisierung*). Embora alguns intérpretes tenham ressaltado a correlação entre a ideia de mecanização abordada por Huizinga e o conceito weberiano de racionalização, assunto que logo adentraremos, Huizinga jamais cita Max Weber nos escritos em que desenvolve sua crítica da modernidade.

A instrumentalização diz respeito ao processo de incorporação dos indivíduos a um sistema sociocultural pautado no progresso tecnológico e no capitalismo industrial. Entendendo-se por instrumento uma pessoa ou coisa que serve de meio ou de auxílio para determinado fim, é possível definir a instrumentalização como a adaptação dos indivíduos a esta condição. Enquanto fenômeno visível, ela se apresenta como uma mecanização (*mechaniseering*) ou maquinização (*machinaliseering*) da sociedade, em todos os seus setores, através do avanço tecnológico. Além disso, a instrumentalização funciona de forma independente da vontade dos indivíduos, visto que é um processo lógico e necessário.

Nas palavras de Huizinga, “o aprimoramento da máquina é seguido, lógica e inescapavelmente, pela adaptação do homem pela máquina. [...] Em outras palavras, é agora o próprio homem que se tornou integralmente mecanizado”.¹¹⁶

¹¹⁵ HUIZINGA, *Mensch en menigte in Amerika*, op. cit., p. 87, tradução minha. No original: “De mechaniseering van den arbeid zelf en van de economische levensvormen is als primair, elementair proces onmiddellijk zichtbaar. Doch het is slechts een deel van de algemeene verwerktuigelijking van het gemeenschapsleven, die met moderne cultuurontwikkeling voortschrijdt”.

¹¹⁶ HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 93-94, tradução minha. No original: “The improvement of the machine is followed, logically and inescapably, by the adaptation of man to the machine. [...] In other words, it is now man himself who has become utterly mechanized.”

Por outro lado, não se tratava apenas de instrumentalizar os indivíduos, mas de todo um conjunto de práticas sociais baseadas na noção da “comunidade” (*Gemeenschap*), a “sociedade orgânica do passado” de que falava Löwy. Em última instância, era a própria vida comunitária (*Gemeenschapsleven*) que era submetida à instrumentalização, dando lugar às novas experiências de vida da civilização moderna. No entanto, cabe aqui perguntar qual foi o elemento central identificado por Huizinga acerca da transição da comunidade para a civilização. Para responder esta pergunta, basta lembrar da avaliação elaborada pelo autor dos Estados Unidos enquanto um “feudalismo moderno”, abordada no primeiro capítulo. Enquanto a sociedade estadunidense manteve, sob o ponto de vista político-econômico, alguns aspectos centrais da civilização feudal, não obstante careceu do “elemento humano” que dava sentido à ordem social do feudalismo: “a lealdade do homem para com o seu senhor, e a gratidão do senhor para com o homem”. Ou seja, a transformação da comunidade em sociedade moderna representou o declínio de um elemento humano nas relações sociais, que se agravava na medida em que avançava a mecanização. Quanto mais o ser humano era obrigado a se adaptar ao universo mecanizado das máquinas, menos humano ele se tornava. No fim das contas, seria ele mesmo, enquanto indivíduo, a ser finalmente maquinizado.

Por outro lado, a instrumentalização, como toda ação, precisa ser operada por algo ou por alguém. Quanto a esta questão, a resposta de Huizinga foi identificar a agência da instrumentalização numa entidade abstrata, a saber, a própria *organização*, que teria adquirido o estatuto de um “organismo vivo” no momento em que se associou ao avanço tecnológico. A consolidação da civilização moderna, portanto, significou a criação de uma organização tecnológica e mecanizada, entendida como estrutura relativamente autônoma em relação aos indivíduos e de abrangência total em relação à sociedade, uma “maquinaria social” capaz de impor novas formas de relação interpessoal e de experiência no mundo. Nas palavras de Huizinga:

Toda invenção tecnológica possui o intuito de liberar a energia mental, mas ao mesmo tempo ela confina a autonomia humana por meio das organizações eficientes e mecanizadas que torna possível. A organização, equipada com todos os mecanismos que reduzem o trabalho humano à orientação e regulação, se torna uma máquina sobre a qual o indivíduo não possui controle total.

[...] Organização passou a significar mecanização. Este foi o momento fatídico do desenvolvimento da civilização moderna.¹¹⁷

A ascensão das máquinas foi a característica mais representativa desta nova estrutura social, e o resultado não foi a libertação dos indivíduos por meio da automatização dos processos de produção, como poderia ser esperado, mas o exato oposto, ou seja, a subordinação dos indivíduos às novas formas de produção que tinham por base a utilização das máquinas. Segundo Huizinga, a onipresença das máquinas no cotidiano da vida moderna representou a ascensão de uma nova espécie de materialismo na mentalidade social estadunidense, no qual a matéria – neste caso, a própria máquina – teria se voltado contra o intelecto, reduzindo-o a um pensamento simplista e mecanizado. Como afirmou o autor, tratava-se da “terrível vingança da matéria sobre a mente, que pensava ter possuído a matéria sob controle. A mente adentrou a máquina e ali ela repousa, trancafiada como se estivesse numa garrafa sob o selo de Salomão”.¹¹⁸ E continua:

Quando se lê os escritos dos representantes radicais deste “novo materialismo”, como os oponentes assim denominam, detecta-se em suas fáceis explicações dos fenômenos psicológicos e sociais um espantoso empobrecimento do pensamento. Elas são aparentes soluções em termos simples, que de fato apenas se afastam das questões. Algo mecânico, algo tecnológico e esquemático adentrou os seus pensamentos. E, sem dúvida, encontra-se nessa mesma abdicação

¹¹⁷ Ibid., p. 60-72, tradução minha. No original: “Every technical invention is intended to release mental energy and unlock natural resources but it also binds human Independence by means of the more fully mechanical and eficiente social organizations it makes possible. Organization, equipped with all the mechanisms that reduce labor to guidance and regulation, itself becomes a machine over which the person no longer has complete control. [...] To organize came to mean to mecanize. This was the fatal moment in the development of modern civilization.”

¹¹⁸ Ibid., p. 93, tradução minha. No original: “It is matter’s terrible revenge over mind, which thought that it had taken matter under its sway. The mind has entered the machine and there it sits, locked up as if in a bottle under Solomon’s seal.”

da razão um elemento do processo maior da mecanização da cultura.¹¹⁹

Esta atitude materialista radical, entendida aqui como uma forte aversão à abstração e ao pensamento, alcançou grande difusão na cultura norte-americana, adquirindo sua expressão teórica maior na psicologia behaviorista, como veremos no terceiro capítulo. No entanto, como notava Huizinga, tratava-se de um materialismo tão extremo, que acabava se tornando até mesmo contraditório consigo mesmo. Parafraseando a socióloga austríaca Elisabeth Ephrussi,¹²⁰ cujas interpretações sobre os Estados Unidos chegaram até Huizinga a partir do manuscrito da obra *Outlines of an Heroic Age*, o autor afirmou:

A substância dessa realidade é materialista, sem dúvida, mas tão veemente, tão insistentemente, tão fervorosamente materialista que o próprio ardor da devoção concedida ao material a eleva a um novo e estranho tipo de espiritualidade. O impulso, superando a si mesmo, torna-se transcendente.¹²¹

¹¹⁹ Ibid., p. 321-322, tradução minha. No original: “When one reads the writings of the radical representatives of the ‘new materialism’, as its opponents call it, one detects in their facile explanations of psychological or social phenomena an appalling impoverishment of thought. These are all apparent solutions in simple terms, which in fact only push the questions aside. Something mechanical, something technological and schematic has entered their thinking. And there undoubtedly lies in this very abdication of reason an element in the large-scale process of mechanization of culture.”

¹²⁰ A consonância das reflexões de Ephrussi com as de Huizinga no que diz respeito ao caráter deste materialismo estadunidense sugere que a citada obra da autora teve considerável importância para o desenvolvimento das ideias do autor sobre os Estados Unidos, todavia, não pude encontrar maiores informações sobre a autora e sobre o seu papel na trajetória intelectual de Huizinga. Em *Vida e pensamento na América*, a autora é assim referida: “Tengo ante mí el manuscrito de un estudio aún inédito de que es autora una joven austríaca, Elisabeth Ephrussi, la cual ha sabido sentir con tal fuerza y comprender con tal plenitud a Norte-américa, que al principio la tomé por una norteamericana y creí que hablaba por su boca aquel joven país.”

¹²¹ Ibid., p. 313, tradução minha. No original: “The substance of this reality is materialistic, no doubt, but so vehemently, so insistently, so fervently materialistic that the very ardour of the devotion vouchsafed to material raises it to a new and strange kind of spirituality. The impulse, overreaching itself, becomes transcendent’.”

Alguns leitores mais recentes dos livros de Huizinga sobre os Estados Unidos relacionam diretamente estas reflexões sobre o fenômeno da mecanização com o conceito de racionalização, da forma como elaborado por Max Weber. É o caso do historiador e sociólogo estadunidense John Torpey (2014), que em seu recente artigo, intitulado “Huizinga on America”, afirma que “uma boa parte do pensamento de Huizinga” em relação aos Estados Unidos “é moldada pelo conceito de ‘racionalização’ (ou pelo menos ‘mecanização’), que, apesar do autor nunca ter mencionado Weber, parece derivar, em grande parte, do seu léxico”.¹²² Todavia, esta sugestão de Torpey, que aparentemente segue a linha da tradução alemã, é colocada de uma forma um tanto quanto vazia, visto que o autor não elabora comparação alguma entre os dois conceitos. No mínimo alguma consideração sobre o significado da racionalização na obra de Weber – assunto que, por si só, não possui resposta fácil – seria necessária para afirmar que o conceito huizinguiano de mecanização foi “moldado” por ele, entretanto, nenhuma consideração é feita.¹²³

Isto não significa, por outro lado, que não haja afinidade alguma entre a perspectiva dos dois autores em relação a outros temas. O próprio entendimento elaborado por Huizinga da sociedade estadunidense como uma forma moderna de feudalismo, na qual a carência do elemento ético das relações humanas é visto não como o resultado da má intenção dos indivíduos, mas da “força impessoal da organização que impede a humanidade de se desenvolver dentro das condições da vida econômica”, guarda, ainda segundo Torpey, evidentes relações com a interpretação weberiana sobre o capitalismo, condensada na metáfora da “jaula de aço”.¹²⁴ Aqui, a comparação possui mais

¹²² TORPEY, **Huizinga on America**, op. cit., p. 294, tradução minha. No original: “A good deal of Huizinga’s thinking about the United States is shaped by the concept of ‘rationalisation’ (or at least ‘mechanisation’), which, although he never mentions Weber, nonetheless seems derived largely from Weber’s lexicon.”

¹²³ Não abordaremos aqui o conceito de *Rationalisierung* na obra de Max Weber, tido por muitos de seus principais intérpretes como o tema primordial de toda a sua Sociologia, em função da extensão requerida para se compreender apropriadamente o seu significado no conjunto mais amplo de sua obra. Caso seja do interesse do leitor, uma análise aprofundada do assunto pode ser encontrada no livro *Max Weber e a racionalização da vida* (2013), de Carlos Eduardo Sell. O livro recebeu uma síntese, elaborada pelo mesmo autor, no artigo intitulado “Racionalidade e Racionalização em Max Weber” (2012).

¹²⁴ *Ibid*, p. 297.

embasamento. Assim como, para Huizinga, a ordem social capitalista é regida por uma força impessoal que cerceia a liberdade humana, dominando-a dentro do sistema de uma organização tecnológica, na obra de Weber, esta dominação é entendida a partir da ideia de um ambiente no qual os indivíduos são inseridos desde o nascimento, um “habitação duro como aço” (*stahlhartes Gehäuse*) que impõe as formas de agir e de pensar sem o consentimento destes indivíduos. Como afirmou Weber, a ordem econômica do capitalismo de seu tempo é “um imenso cosmo em que o indivíduo é imerso ao nascer e que, para ele, ao menos enquanto indivíduo, é dado como um habitáculo de fato e imutável, no qual ele deve viver”.¹²⁵ Esse habitáculo funciona como uma máquina autônoma, visto que não é controlada diretamente por ninguém, e que possui o poder de dominar o cotidiano dos indivíduos. No fundo, as duas expressões – o habitáculo e a força impessoal – se referem a um mesmo fenômeno: a civilização capitalista industrial moderna. Nas palavras de Löwy:

O que o “habitação” significa, antes de tudo, é a perda de um valor caro a esse liberal atípico que é Weber: a *liberdade*, em particular a liberdade individual. Não é surpresa, então, que em *Economia e sociedade* ele defina o capitalismo como uma “escravidão sem mestre” (*herrenlose Sklaverei*), isto é, um sistema de dominação ao mesmo tempo absoluto e impessoal.¹²⁶

Neste ponto, as perspectivas de Huizinga e Weber possuem maior afinidade. Ambos identificaram o capitalismo como um sistema coercitivo e impessoal que subtrai dos indivíduos a própria liberdade, confinando-os numa espécie de jaula em relação a qual eles não são capazes de sair. A metáfora do habitáculo duro como aço ajuda, portanto, a compreender o significado atribuído por Huizinga à instrumentalização da vida comunitária.

De forma a finalizar o capítulo, resta agora comentar os exemplos utilizados pelo autor para ilustrar este conceito na realidade social norte-americana. O fenômeno da mecanização nos Estados Unidos foi visualizado por Huizinga a partir de dois casos centrais: em primeiro lugar, a organização do trabalho industrial, representada principalmente pelo modelo da “administração científica” proposto por Frederick Taylor, adotado de forma sistemática nas indústrias do país, e,

¹²⁵ WEBER apud LÖWY, A **jaula de aço**, op. cit., p. 54-55, grifos no original.

¹²⁶ Ibid., p. 56.

em segundo lugar, a cultura de massas, difundida a partir do início do século XX com o surgimento e expansão de novos recursos tecnológicos, como o rádio e o cinema. Para cada um destes assuntos, fica reservado um subcapítulo.

2.3 A MECANIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO: O TAYLORISMO

Quando Marx, no primeiro volume de *O Capital*, havia identificado a evolução dos processos de trabalho em seu tempo como uma transição da manufatura para a maquinaria, já havia exemplos suficientes para avaliar esta evolução como a introdução de uma nova ordem trabalhista, pautada no uso extensivo das máquinas, sendo a indústria têxtil o caso mais notável. Todavia, Marx não viveu para ver a realização definitiva de sua análise, protagonizada nos Estados Unidos pelo engenheiro Frederick Winslow Taylor. Como afirmou o economista francês Benjamin Coriat, “tudo o que Marx anuncia em relação às características especificamente capitalistas do processo de trabalho”, tais como a especialização do trabalho em tarefas divididas, a incorporação do saber técnico, etc., “o realiza Taylor, ou, mais exatamente, lhe dá uma extensão que até então não havia tido”.¹²⁷ Enquanto um desdobramento aprofundado das considerações de Marx sobre o caráter do trabalho no capitalismo industrial avançado, o taylorismo pode ser entendido, como bem coloca Benedito Rodrigues de Moraes Neto (1986), como um fenômeno de “apendicização” do homem à máquina, da objetivação do processo de trabalho e da sua transformação em uma aplicação científica e tecnológica.

Este processo havia sido visualizado nos primórdios da introdução da maquinaria nos meios de produção, e o verbete “Meia” (*bas*) da *Enciclopédia* de Diderot e D’Alembert já apresentava as suas linhas gerais quando percebia uma separação entre, de um lado, a execução do trabalho e, do outro, o conhecimento requerido pelo trabalhador para executá-lo:

Aqueles que têm gênio suficiente não para inventar coisas idênticas, mas para as compreender, caem num profundo espanto perante o número quase infinito de molas de que se compõe a máquina de fazer meia. [...] E tudo isso

¹²⁷ NETO, Benedito. Maquinaria, taylorismo e fordismo: a reinvenção da manufatura. **Rev. Adm. Emp.**, Rio de Janeiro, n. 26, v. 4, 1986, p. 31.

sem que o operário que movimenta a máquina compreenda nada, saiba nada, ou sequer sonhe o que se passa: é nisso que pode ser comparada a mais excelente máquina que Deus fez.¹²⁸

Diderot e Marx trataram, portanto, de anunciar o processo que só assumiria a sua forma completa nas primeiras décadas do século XX, a saber, a aquisição da independência, por parte do próprio sistema capitalista de trabalho, em relação à habilidade e à experiência do trabalhador por meio do uso das máquinas. E se a própria criação destas foi, em seus primórdios, um resultado do trabalho manufatureiro, num estágio posterior a introdução das máquinas teria fornecido ao capitalismo as bases materiais para a superação definitiva da manufatura, dando início à fase consolidada da maquinaria que se faz presente até os dias de hoje. Neto sintetiza este processo dialético nas seguintes palavras:

É evidente que a manufatura, pela sua natureza, pela hiperespecialização das ferramentas, pela divisão do trabalho de forma bastante sistemática, cria as condições para o surgimento da maquinaria; ela é uma etapa necessária do trabalho sob a forma burguesa, e o seu desenvolvimento é a máquina, que é, ao mesmo tempo, a sua negação; a máquina surge da manufatura e a nega, arrancando o instrumento de trabalho das mãos do trabalhador e colocando-o em um mecanismo, fazendo com que o processo de produção seja agora uma aplicação tecnológica da ciência. O ritmo do processo de trabalho, a qualidade do produto não tem nada mais a ver com o trabalho humano e sua ferramenta, mas sim com as especificações, com a qualidade, com a natureza da máquina.¹²⁹

Por outro lado, como reconhece o autor, a centralidade da máquina não representou, dentro do sistema do taylorismo, um apagamento absoluto do “trabalho vivo” que caracterizava a manufatura, mas uma transformação essencial na forma como esse trabalho era aplicado. Ao invés de arrancar o instrumento de trabalho das mãos do trabalhador, o que Taylor propunha era, de forma inversa, que o

¹²⁸ Ibid., p. 31.

¹²⁹ Ibid., p. 32.

trabalhador devesse ser instruído a como utilizar os instrumentos dentro da nova lógica de produção pautada nas máquinas. Ou seja, “ao mesmo tempo que se mantém o trabalho vivo como a base do processo de trabalho, retira-se toda e qualquer autonomia do trabalhador que está utilizando a ferramenta”. Esta é, precisamente, a proposta que Taylor denominou de administração científica: o controle passo a passo do trabalho humano por parte do diretor da fábrica, o administrador, aquele indivíduo que possui o conhecimento, ensina e orienta uma massa de trabalhadores alienados do processo de produção.¹³⁰

A grande inovação trazida pelo taylorismo foi a separação radical entre a *concepção* e a *execução* do trabalho. A partir dos escritos de Taylor, difundiu-se a ideia de que não é responsabilidade do trabalhador conceber a melhor forma de realizar o seu trabalho dentro de uma indústria, e sim do administrador. Este planeja e calcula de forma metódica todos os elementos do processo de trabalho, impondo-os de maneira rigorosa ao trabalhador, que vê expropriado de si mesmo o conhecimento e a autonomia outrora possuídos. Quanto a isso, Taylor é bastante explícito:

O uso prático dos dados científicos requer uma sala em que são guardados os livros, notação dos rendimentos máximos e uma mesa para o planejador das tarefas. Assim, todo o trabalho feito pelo operário no sistema antigo, como resultado de sua experiência pessoal, deve ser necessariamente aplicado pela direção no novo sistema, de acordo com as leis da ciência, porquanto o trabalhador, ainda que bem habilitado na organização e uso dos dados científicos, estaria materialmente impossibilitado de trabalhar, ao mesmo tempo, na máquina e na mesa de planejamento. Está claro, então, na maioria dos casos, que um tipo de homem é necessário para planejar e outro tipo diferente para executar o trabalho.¹³¹

Este trecho é extraído da principal obra do autor, os *Princípios de administração científica*, publicado originalmente em 1911. Com ele, fica claro um dos conceitos mais caros do sistema de Taylor: o *controle*.

¹³⁰ Ibidem.

¹³¹ TAYLOR apud RIBEIRO, Andressa. Taylorismo, fordismo e toyotismo. *Lutas Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 35, 2015, p. 66-67.

Como notou Andressa de Freitas Ribeiro (2015) em seu artigo “Taylorismo, fordismo e toyotismo”, Taylor tinha plena consciência de que o antigo modelo de produção reservava ao trabalhador a maior parte do conhecimento necessário para a execução do seu trabalho, fato que criava diversas possibilidades de resistência deste em relação às deliberações da classe patronal. Uma das principais formas desta resistência foi, para usar as palavras de Taylor, a “vadiagem no trabalho”. As causas da vadiagem, segundo o autor, são três: primeiro, “o erro [...] de que o maior rendimento do homem e da máquina terá como resultado o desemprego de grande número de operários”; segundo, “o sistema defeituoso de administração, comumente em uso, que força os empregados a *fazer cera* no trabalho, a fim de melhor proteger seus interesses”; e, por fim, “os métodos empíricos ineficientes, geralmente utilizados em todas as empresas, com os quais o operário desperdiça grande parte de seu esforço”. Para Taylor, a resolução destes problemas é possível apenas na substituição do método empírico de trabalho, focado no trabalhador, para o método científico, focado no diretor.¹³²

De forma geral, esta proposta pressupõe a subdivisão do trabalho em diversas unidades, inserindo cada trabalhador em uma função especializada que deveria ser dominada a fim de obter uma execução otimizada e eficiente. A partir da standardização das funções do trabalho industrial, a primeira tarefa da administração científica seria o estabelecimento de um rígido controle sobre o tempo, denominado o método do *time-study*, entendido como forma de estabelecer os níveis de excelência do trabalho humano dentro da fábrica. Cronometrando individualmente o tempo de execução das tarefas, identificavam-se os trabalhadores mais eficientes, os chamados *first-class men*, que deveria receber bonificações diárias pela rapidez na execução das tarefas e pela conformação às instruções recebidas pelo diretor da fábrica.¹³³

Ao *time-study*, Taylor incorpora ao livro de 1911 o método do *motion-study*, formulado por Frank e Lillian Gilbrecht, que consistiria basicamente numa “eliminação de movimentos desnecessários e substituição de movimentos lentos e ineficientes por movimentos rápidos em todos os ofícios”.¹³⁴ A aplicação deste método consistia em filmar a execução do trabalho industrial em cada função específica, a

¹³² TAYLOR, Frederick. **Princípios de administração científica**. Tradução de Arlindo Vieira Ramos. São Paulo: Atlas, 1990, p. 28.

¹³³ *Ibid.*, p. 67.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 33.

fim de construir padrões de postura e movimentação dos corpos que servisse de base para um treinamento ideal dos trabalhadores. Sob o rígido controle do tempo e do corpo, criava-se o complexo do *time-motion-study* que viria a se tornar o paradigma da administração científica da indústria norte-americana.¹³⁵

Para Huizinga, o modelo acima descrito era o exemplo mais representativo da transformação do homem em máquina. Excluindo o fator humano dos trabalhadores, o taylorismo tratava-os como peças mecânicas a serem acopladas ao maquinário industrial e programadas, tal como se faria a um robô, para a execução de uma tarefa específica e repetitiva. Huizinga não era o único a extrair conclusões deste tipo. Como afirmou o psicólogo holandês Maarten Derksen (2014) no artigo “Turning men into machines? Scientific management, industrial psychology, and the ‘human factor’”, o período entre as décadas de 1910 e 1920, no qual escrevem Taylor e Huizinga, foi dominado pela discussão sobre as relações entre as máquinas e os seres humanos na área da administração. Neste contexto, a recepção das ideias de Taylor foi bastante variada. Ainda que tivesse conquistado um sucesso incontestado no meio industrial norte-americano, as críticas surgiram imediatamente após a publicação do livro em 1911. O sindicalista Samuel Gompers, presidente da Federação Americana do Trabalho, foi um dos primeiros a se levantar contra a administração científica, caracterizando-a como uma “maquinaria para aperfeiçoar a máquina viva” e acusando a sua pretensão de transformar os trabalhadores em “máquinas automáticas de alta performance”.¹³⁶ A perspectiva de Huizinga em relação ao assunto seguia uma linha semelhante, quando afirmava, por exemplo, que

O sistema de Taylor pode ser usado como um meio de opressão pela aplicação estrita das definições de tarefas e salários. Ele limita a habilidade do trabalhador ainda mais do que a fábrica industrial moderna já havia feito. Ele usurpa a competência técnica para a gerência e aumenta o número de trabalhadores não qualificados e semiquilificados. Ele enfraquece o sentimento de comunidade e a democracia

¹³⁵ TAYLOR, Frederick. **The Principles of Scientific Management**. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1911, p. 114.

¹³⁶ DERKSEN, Maarten. Turning men into machines? Scientific management, industrial psychology, and the “human factor”. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 50, n. 2, 2014, p. 151.

econômica. É difícil acreditar que esta será a maneira pela qual a libertação da mente sobre a máquina será alcançada.¹³⁷

Sendo assim, o taylorismo foi visto pelo historiador holandês como o exemplo mais evidente do fenômeno da mecanização enquanto adaptação do homem pela máquina. Todavia, não era apenas o operariado a ser maquinizado, mas, como vimos no subcapítulo anterior, a vida comunitária da sociedade como um todo. Para Huizinga, a mesma lógica que orientava a administração científica dos processos de produção do trabalho poderia ser identificada nos demais setores da sociedade, tais como a produção cultural, e é aqui que as suas preocupações são maiores. Afinal, como historiador da cultura e como crítico da crise cultural de seu tempo, Huizinga deu especial atenção ao caráter da vida intelectual na sociedade estadunidense. Passamos agora para a análise das suas considerações sobre o tema.

2.4 A MECANIZAÇÃO DA VIDA INTELECTUAL: A CULTURA DE MASSAS

Ao ler as obras de Huizinga sobre os Estados Unidos, não restam dúvidas que, de todo o seu criticismo e do tom geralmente desdenhoso do discurso do autor, foi o estado da vida intelectual dos cidadãos norte-americanos o aspecto que lhe causou maior desagrado. Consequentemente, mais ainda que a análise dos modos de produção do trabalho, foi a avaliação sobre as formas culturais difundidas no país a principal fonte de sua preocupação quanto ao futuro do espírito europeu. No entanto, feitas as suas interpretações sobre o desenvolvimento histórico dos Estados Unidos e sobre o processo de instrumentalização da vida comunitária por meio da mecanização, esta avaliação não fora motivo de espanto ou surpresa.

De forma geral, segundo Huizinga, havia um aspecto central de toda a produção e consumo de bens culturais nos Estados Unidos que,

¹³⁷ HUIZINGA, **America**, op. cit., p. 96, tradução minha. No original: “The Taylor system can be used as a means of oppression by strict application of the definitions of tasks and wages. It limits the skill of the worker even more than the modern industrial factory had already done. It usurps technical competence for management and increases the number of the unskilled and semiskilled workers. It weakens community feeling and economic democracy. It is hard to believe that this will be the way the liberation of the mind from the machine will be reached.”

de certa forma, resumia aquilo que o autor pretendia denunciar: a estandardização. Certamente, este era um elemento parcialmente impulsionado pelo próprio caráter das indústrias do país, que visavam majoritariamente a produção em larga escala, todavia, era certamente mais do que isso. Tratava-se de um dos traços mais marcantes da mentalidade coletiva dos estadunidenses, um verdadeiro ideal de vida em relação ao qual, na grande maioria dos casos, ninguém se opunha. Após ter realizado sua primeira e única viagem aos Estados Unidos em 1926, conclusões como estas foram apenas confirmadas por Huizinga. Nas suas palavras: “Qualquer um que tenha experimentado o sentimento americano por conformidade e similaridade irá entender que a estandardização para eles significa não só uma necessidade industrial, [...] mas também um ideal de civilização”.¹³⁸ Da vida material à vida intelectual, a estandardização se apresentava de forma constante, e o seu efeito imediato foi visto como a perda significativa de valores caros ao idealismo cultural de Huizinga, como o pensamento autônomo, a originalidade e a individualidade. “A mesma mobília e as mesmas opiniões são encontradas em todo lugar. [...] O americano parece ao europeu ser demasiado carente de independência no conteúdo da vida”.¹³⁹

A avaliação de uma predisposição mental dos estadunidenses à uniformidade não havia sido inaugurada por Huizinga, já estando presente na opinião de autores consagrados da tradição norte-americana, tais como Ralph Waldo Emerson, que já em 1837 se queixava de que “o espírito do homem livre americano é suspeito de ser tímido, imitativo, manso”.¹⁴⁰ No entanto, como poderiam ser conciliadas a ideia de uma uniformidade espiritual com o notável individualismo identificado como um dos traços marcantes da cultura estadunidense? Para Huizinga, que reconhece o aparente problema, nenhuma contradição deveria ser evitada nas análises sobre os Estados Unidos, muito pelo contrário. Nas suas palavras: “É válido para as fundações de praticamente todos os

¹³⁸ Ibid., p. 237, tradução minha. No original: “Everyone who has experienced the American’s feeling for conformity and similarity will understand that standardization for them means not just a n industrial necessity, not to say a necessary evil, but also an ideal of civilization.”

¹³⁹ Ibid., p. 172, tradução minha. No original: “The same furniture and the same opinions are to be found everywhere. [...] The American seems to him to be remarkably without independence in the content of life.”

¹⁴⁰ Ibidem, tradução minha. No original: “By 1837, Emerson was already complaining: ‘the spirit of the American freeman is already suspected to be timid, imitative, tame.’”

processos culturais que eles só podem ser entendidos a partir da descrição de um equilíbrio de constante contradição”. E concluía: “Onde isso deveria ser mais verdadeiro do que na América, sobre a qual é comum denominar o país das contradições?”¹⁴¹

A predisposição mental à uniformidade da vida intelectual, ainda que tenha vigorado nos Estados Unidos, certamente não era um fenómeno exclusivo do país. Para Huizinga, as suas origens podiam ser encontradas na própria ideia da igualdade e da democracia cultural promovidas pela filosofia iluminista. Neste ponto, fica evidente o aristocratismo intelectual típico do criticismo cultural de Huizinga, uma postura largamente partilhada entre o círculo de pensadores europeus que compreendiam a crise do pensamento europeu como resultado da cultura de massas. Nesse sentido, o livro *A Rebelião das Massas* de Ortega y Gasset foi emblemático e possui grande afinidade com as opiniões do historiador holandês. Como afirmou Naiara Damas, a crítica de Ortega y Gasset à civilização moderna tinha como ponto central a ideia de que as massas teriam ascendido ao poder, rebelando-se contra a cultura por meio de um domínio da esfera pública.¹⁴² Para Huizinga, que não demonstrou qualquer simpatia para com a democratização da cultura, a principal diferença do contexto norte-americano em relação ao europeu neste processo foi, novamente, a veemência da mecanização. Nas suas palavras:

O próprio Iluminismo alimentou uma certa tendência à mediocridade. De sua filantropia geral, ligada ao seu respeito pela boa compreensão, logicamente resultou uma alta estima pela mente mediana. A igualdade política, a diminuição das diferenças de classe e as formas democráticas de vida, por sua vez, trabalharam em direção a um nível de uniformidade. Assim, desenvolveu-se a solidariedade da mediocridade que permeia a vida americana. Como resultado da educação universal, a vida intelectual do povo é alta o suficiente para que todos possam se entender. [...] A opinião pública responde a um

¹⁴¹ Ibid., p. 173, tradução minha. No original: “It holds true for the foundations of virtually every cultural process that it can only be understood by describing it in an equilibrium of constant contradiction. Where should this hold more true than in America, which it is a commonplace, isn’t it, to call the country of contradictions?”

¹⁴² DAMAS, *A Europa em Jogo*, op. cit., p. 80.

único sinal. Uma preferência geral prevalece por aquilo que é popular, pelo que é compreensível por todos e que transparece a sua moralidade e praticidade imediatamente para todos. [...] A mecanização da indústria tem contribuído em larga medida para a intensificação destes traços.¹⁴³

A estandardização da vida intelectual foi identificada a partir de uma análise do conteúdo dos principais meios de comunicação cultural de massa em circulação na época, destacando-se aqui o jornal, o rádio e o cinema. Segundo Huizinga, todos estes meios trataram de estimular, cada um à sua maneira e em níveis distintos, a predisposição mental à uniformidade do espírito que permeava a sociedade norte-americana. O primeiro exemplo, ainda que não fosse o mais relevante se comparado aos outros, foi o jornal, assim descrito pelo autor:

O alimento intelectual dos tempos modernos é, em primeiro lugar, o jornal. Sua extraordinária diversidade, combinada com a sua obrigação de estar pronto e atualizado todos os dias, já introduz um elemento inevitável de trabalho rotineiro e mecânico na coleta, seleção e redação das notícias [...]. Se isso por si só traz um certo grau de mecanização, a maneira pela qual o jornal alcança seus resultados contribui para isso. A repetitividade de sua aparência diária e a superficialidade da atenção que ela exige operam sobre a mente como um estímulo mecânico que é recebido sem resistência. Quanto mais amplamente distribuído e quanto mais abrangente o seu conteúdo, mais mecânico ele é, contribuindo

¹⁴³ HUIZINGA, **America**, op. cit., p. 181, tradução minha. No original: “The Enlightenment itself nourished a certain tendency to mediocrity. From its general philanthropy, linked with its respect for sound understanding, there logically resulted a high esteem for the average mind. Political equality, the smallness of class differences, and the democratic forms of life, worked in their turn toward a level of uniformity. Thus developed the solidarity of mediocrity which permeates American life. As a result of universal education, the intellectual life of the public is high enough for everyone to understand each other. [...] Public opinion responds as if too ne signal. A general preference for what is popular, for what is understandable by all men and immediately displays its morality and practicality to everyone. [...] Mechanization of industry has contributed in large measure to the intensification of these traits.”

para um efeito de homogeneização e nivelamento. O leitor pobre e apressado, sem muito tempo ou preparo mental, não pode mais se proteger do seu jornal; ele o sobrecarrega com uma sabedoria limitada sobre a vida e o alivia do dever de pensar por si mesmo. O jornal constantemente corrói as opiniões individuais nos círculos mais amplos; isso torna as mentes intercambiáveis, poderíamos dizer, tais como os artigos produzidos por grandes fábricas.¹⁴⁴

Esta passagem é apenas uma de tantas em que Huizinga demonstra sua percepção sobre a capacidade de resistência do chamado homem mediano em relação à cultura que lhe é imposta. Basicamente, esta resistência é nula. O cidadão estadunidense que compartilha a “solidariedade da mediocridade”, é descrito como alguém que recebe de forma absolutamente passiva os bens culturais que estão à sua disposição. Aqui, não há espaço para nenhuma das “artes de fazer” de que falava Michel de Certeau no primeiro volume de *A Invenção do Cotidiano*.¹⁴⁵ Em relação à cultura de massas, o indivíduo é uma vítima fatal, sendo por ela englobado e incorporando os seus efeitos de forma irresistível, com total incapacidade de reinventá-la a seu favor.

Tão forte quanto o jornal foi o impacto causado pelo cinema. Ao longo da primeira metade do século XX, o alto custo da produção

¹⁴⁴ Ibid., p. 111, tradução minha. No original: “The intellectual food of modern times is first and foremost the newspaper. Its remarkable many-sidedness, combined with its obligation to be ready and up to date every day, already introduces an inevitable element of routine and mechanical work into collecting, selecting, and writing of the news [...]. If this by itself brings about a certain degree of mechanization, the way in which the newspaper achieves its results adds to it. The repetitiveness of its daily appearance and the shallowness of attention that it demands operate upon the mind like a mechanical stimulus which is received unresistingly. The more widely it is distributed and the more comprehensive its content, the more the mechanical way it is read contributes to a homogenizing and leveling effect. The poor, hurried reader, without much time or mental preparation, can no longer protect himself against his newspaper; it overwhelms him with a cut-and-dried wisdom about life and relieves him of the duty to think for himself. The newspaper constantly erodes individual opinions in the very broadest circles; it makes minds as interchangeable, we might say, as the articles produced by big factories.”

¹⁴⁵ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

cinematográfica fez necessária a divulgação dos filmes para o grande público, tornando-a uma forma artística suspeita para muitos dos que viam a expansão da cultura às massas como um dos principais motivos da decadência das expressões culturais.¹⁴⁶ Foram por razões como esta que o cinema causou grande antipatia a Huizinga, e não apenas o conteúdo dos filmes, mas a própria dinâmica audiovisual da representação fílmica. Seguindo seu discurso sobre a cultura de massas como consequência da mecanização e antagonista da verdadeira cultura, Huizinga afirmava que “o filme atinge a superfície da mente com a sensação de que alguém sabe ou experimenta alguma coisa. Ele cria a ilusão de que alguém pode aprender algo meramente através da observação visual mecânica”.¹⁴⁷ De forma análoga ao jornal, o cinema funcionava na lógica da escravização do homem pela máquina e da promoção da uniformidade intelectual. Segundo Huizinga,

Os jornais e os filmes escravizam as pessoas, para quem a necessidade de algo cativante e espetacular é constantemente atendida, mas o fazem de uma maneira puramente mecânica, tocando não a essência da vida pessoal dos homens, mas apenas sua fantasia superficial. A vigorosa comoção torna-se enfim nada mais que entretenimento, e o fato de ser apreciado fortalece ao mais alto grau o caráter geralmente padronizado e uniforme da civilização americana.¹⁴⁸

E completava:

O filme fornece ao povo um *standard* de beleza nas formas românticas que apresenta. Ele cria necessariamente um código de expressão e

¹⁴⁶ SILVA, Mateus Araújo. Adorno e o cinema: um início de conversa. **Novos Estudos**, n. 54, 1999.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 112-113, tradução minha. No original: “The film shifts to the surface of the mind the feeling that one knows or experiences something. It gives rise to the delusion that one can learn something merely by mechanical observation.”

¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 188-189, tradução minha. No original: “Newspapers and moving pictures enslave the people, to whose need for the catchy and the spectacular they constantly cater, but they do so in a purely mechanical way, touching not the essential personal life of men but only their superficial fantasy. The vigorous commotion then becomes at last nothing more than entertainment, and the fact that it is enjoyed strengthens to the highest degree the generally standardized and uniform character of American civilization.”

imaginação bruto e limitado, e o faz de acordo com uma atitude puramente comercial. [...] Quando nós aceitamos a arte do cinema como a quintessência da nossa época, nós reconhecemos a escravidão pela máquina em que caímos.¹⁴⁹

Ao lado da fotografia, o cinema representou para Huizinga uma transformação crucial nas sociedades modernas: “o movimento de *ler* para *ver*”.¹⁵⁰ De forma a absorver mecanicamente uma informação cultural, a imagem possuía grandes vantagens em relação ao texto escrito, na medida em que o passar dos olhos requeria menos tempo e concentração do que a leitura. O texto, longe de ser abolido, passava por uma transformação formal que o aproximava da qualidade quase imediata de leitura da imagem, a saber, a redução ao modelo do *slogan*. Este representava uma forma linguística que requer tão pouco tempo quanto esforço para exportar ao indivíduo a informação que carrega. Tratava-se de um fenômeno que podia ser identificado também nas manchetes dos jornais e em outras formas propagandísticas, como os *outdoors*. Para Huizinga,

O *slogan* oferece um contrapeso à dispersão geral do pensamento, segurando-o rapidamente a uma única, sucinta e inesquecível expressão, a qual normalmente inspira as pessoas à ação imediata. Ele abole a reflexão: o slogan não argumenta, ele afirma e comanda. Possui uma alta medida do efeito unificador. Ele dissolve todas as nuances individuais de opinião na força da palavra-chave. Ele indica que o escopo do pensamento tem se tornado muito menor.¹⁵¹

¹⁴⁹ Ibid., p. 113, tradução minha. No original: “The film provides the people with a standard of beauty in the romantic forms they cover. It creates a necessarily limited and crude code of expression and imagination, and it does so in accordance with a purely commercial attitude. [...] When we accept the art of the cinema as the daily spiritual bread of our time, we acknowledge the enslavement by the machine into which we have fallen.”

¹⁵⁰ Ibid., p. 251, tradução minha, grifos meus.

¹⁵¹ Ibid., p. 253, tradução minha. No original: “The slogan offers a counterweight to the general dispersion of thought by holding it fast to a single, utterly succinct and unforgettable expression, one which usually inspires men to immediate action. It abolishes reflection: the slogan does not argue, it asserts and commands. It has a high measure of unifying effect. It dissolves all individual

O último exemplo utilizado pelo autor foi a transmissão a rádio, parcialmente negligenciada no primeiro livro, em 1918, em função da sua difusão ainda bastante limitada enquanto suporte tecnológico para a produção cultural. No entanto, ao revisar o livro em 1926, após a sua viagem, Huizinga tratou de anunciar a importância do rádio como agente da nivelção intelectual na sociedade norte-americana, cuja magnitude poderia vir a ser ainda maior que aquela operada pelo cinema em função do seu raio de alcance significativamente maior:

A importância do rádio não deve ser subestimada. Seu efeito intelectual em trazer os homens a um nivelamento provavelmente será até maior do que o do cinema. A família na fazenda isolada, os inválidos em seu isolamento compulsório, compartilham por meio do rádio um pouco da vida da grande cidade. Mas ninguém que o ouve escolhe por si mesmo o material sobre o qual sua mente se alimenta, ou no máximo, o faz da maneira como escolhe uma refeição *à la carte*. [...] Tudo o que não corresponde a um padrão geral de aceitabilidade e satisfação é excluído. O rádio compartilha com o cinema a qualidade de nos obrigar a exercitar a atenção de maneira forte, mas superficial, excluindo completamente a reflexão, ou o que eu poderia chamar de assimilação reflexiva.¹⁵²

Neste trecho fica claro um aspecto central da interpretação de Huizinga acerca dos meios de comunicação e expressão cultural massificados, exemplificados aqui com o jornal, o cinema e o rádio: a

nuances of opinion in the fortifying catchword. It indicates that the scope of thought has become much smaller.”

¹⁵² Ibid., p. 235, tradução minha. No original: “The importance of the radio is still scarcely to be overestimated. Its intellectual effect in bringing men to a single level will probably appear even greater than that of the cinema. The Family in the isolated farm, the invalids in their compulsory isolation, share by means of the radio some of the life of the great city. But no one who listens to it any longer chooses for himself the stuff upon which his mind feeds, or at most he does so in the way in which one chooses a meal *à la carte*. [...] Everything which does not correspond to a general standard of acceptability and satisfaction is excluded. Radio shares with the moving Picture the quality of compelling us to exercise our attention strongly but superficially, completely excluding reflection, or what I might call reflective assimilation.”

ausência de reflexão inerente à sua produção e ao seu consumo. Segundo o autor, a razão para esta carência reside justamente no elemento comum a estes meios, a saber, a mecanização. Assim, Huizinga contrapõe a ideia da sociedade manufatureira, a qual precisa refletir sobre o que faz em função do domínio que exerce sobre a totalidade do processo de produção, com a sociedade mecanizada das máquinas, cuja automatização e simplificação das tarefas dispensa qualquer exercício reflexivo. Ou seja, a cultura que é produzida com base na mecanização é, por conseguinte, consumida de forma mecanizada pela sociedade civil. Para Huizinga, o indivíduo que escolhe entre as estações do rádio, as manchetes dos jornais ou os filmes disponíveis no cinema não está exatamente exercendo uma escolha, mas apenas uma seleção dentro de um repertório limitado que, dia após dia, fornece mais do mesmo. Os bens culturais da sociedade de massas são aqueles que visam a repetição, a semelhança, a uniformidade e a conformação aos padrões.

A fim de compreender a crítica de Huizinga a este organismo que é cultura de massas, em relação à qual o jornal, o rádio e o cinema são apenas partes, a comparação mais proveitosa pode ser feita com o conceito de indústria cultural, da forma como teorizado por Max Horkheimer e Theodor Adorno na *Dialética do Esclarecimento*, publicado em 1944. Nesta obra, encontram-se algumas considerações sobre estes suportes tecnológicos da cultura que se encaixam adequadamente aos termos formulados por Huizinga. Por exemplo, quando os autores afirmavam que “a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança”, que “o cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte”, ou que “o fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais”, a analogia fica cada vez mais evidente.¹⁵³ Não é por acaso que os principais exemplos utilizados por Adorno e Horkheimer para ilustrar a indústria cultural contemporânea se referem majoritariamente aos Estados Unidos. Apesar do tom de generalidade conferido à crítica ao cinema, por exemplo, fica bastante

¹⁵³ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 113-114.

clara a referência direta à Hollywood como fonte principal para as suas análises.¹⁵⁴

Em relação ao próprio funcionamento da indústria cultural, as ideias da estandardização da cultura e da incapacidade de resistência dos indivíduos perante a sua produção e consumo, tão presentes no texto de Huizinga, ficam explícitas nas interpretações de Adorno e Horkheimer. Segundo estes, referindo-se aos consumidores da cultura, “a produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido”.¹⁵⁵ De forma complementar, tratando do caráter da cultura estandardizada, assim afirmaram: “O que é novo na fase da cultura de massas em comparação com a fase do liberalismo avançado é a exclusão do novo. A máquina gira sem sair do lugar”.¹⁵⁶ Em meados do século XX, a cultura de massas transformou-se em indústria cultural, uma nova fase que veio para ficar, anunciada em seus termos gerais por pensadores como Huizinga. Nas palavras de Adorno e Horkheimer:

A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-lo alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho. É possível depreender de qualquer filme sonoro, de qualquer emissão de rádio, o impacto que não se poderia atribuir a nenhum deles isoladamente, mas só a todos em conjunto na sociedade. Inevitavelmente, cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo.¹⁵⁷

¹⁵⁴ SILVA, **Adorno e o cinema**, op. cit., p. 118. Nas palavras de Silva: “[...] embora encontremos na *Dialética do Esclarecimento* e nas *Minima moralia* várias passagens em que as críticas de Adorno se endereçam mais claramente a Hollywood, podemos dizer que nessas obras ele tende a generalizar para o cinema aquilo que está vendo e discutindo no caso particular do cinema hollywoodiano.”

¹⁵⁵ ADORNO & HORKHEIMER, **Dialética do esclarecimento**, op. cit., p. 125.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 126.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 119.

Ou seja, a maquinaria econômica da sociedade industrial se impôs sobre os indivíduos com os seus produtos culturais, consumidos de forma passiva por intermédios dos meios de comunicação e expressão artística de massas, como o jornal, o rádio e o cinema, entre outros. Estes meios atuam de forma coesa, cumprindo o objetivo da própria indústria que é, em última instância, a manutenção do consumo. Para isto, tanto os bens culturais quanto os próprios indivíduos consumidores são transformados na esteira da standardização, que possui como consequência fatal a decadência estilística da cultura e o empobrecimento da vida intelectual.

Como pretendi mostrar nos dois capítulos abordados até aqui, a crítica geral de Huizinga à civilização moderna, focada no caso dos Estados Unidos, buscou realizar uma amálgama de fatores históricos, políticos, econômicos e culturais num discurso coerente, cujo eixo central foi o processo amplo de instrumentalização da vida comunitária característico da instauração da modernidade, iniciada na segunda metade do século XVIII e consolidada no início do século XX. Neste processo, a nação estadunidense cumpriu não apenas o papel de um exemplo notável, mas de um verdadeiro agente, criador e propagador da civilização moderna. O engajamento crítico de Huizinga no sentido de denunciar as rápidas transformações que assolavam a sua realidade social iniciaram, como foi dito, com a publicação de *Homem e Massa na América* em 1918, no entanto, a importância deste mesmo engajamento do autor apenas aumentou com o passar dos anos.

Em 1926, após ter viajado aos Estados Unidos, Huizinga retorna com o infeliz sentimento de que suas interpretações estavam corretas, restando apenas incorporar alguns elementos que lhe escaparam nas análises distantes realizadas quase uma década antes. O segundo livro, *Vida e pensamento na América: comentários dispersos*, realizou não apenas um resumo e sumarização dos pontos centrais abordados no primeiro livro, mas incorporou o debate significativo da psicologia behaviorista como expressão teórica do fenômeno da mecanização, além de ter oferecido ao leitor considerações finais mais conclusivas sobre o caráter do “espírito estadunidense”, sintetizado a partir de reflexões sobre o tempo histórico. O terceiro e último capítulo desta dissertação, ao qual passaremos agora, se dedicará a uma abordagem mais aprofundada destes problemas.

CAPÍTULO 3: O ESPÍRITO ESTADUNIDENSE

Comentários dispersos... Eu também poderia ter dito Observações Contraditórias. Os Estados Unidos te arrastam de uma hora a outra entre a aceitação e a resistência, e uma resolução completa de todas as contradições não é alcançada nem no ato de repensar. O autor dessas páginas não pretendia originalmente ampliar as observações históricas sobre a civilização norte-americana que ele já havia publicado. Mas ele continuou sentido a necessidade de dar à sua impressão ordem e forma.¹⁵⁸

Os comentários dispersos de Huizinga sobre os Estados Unidos, reunidos sob o título *Vida e pensamento na América* e publicados em 1927, trataram de sistematizar em curtos ensaios os temas que enxergava como mais característicos da sociedade estadunidense abordados em *Homem e Massa na América*. Os ensaios ficaram divididos em dois capítulos, “Sociedade” e “Pensamento”. O primeiro, mais sucinto, cumpriu o papel de sintetizar o primeiro livro, enquanto o segundo, mais extenso, desenvolveu reflexões que antes se fizeram ausentes ou, no máximo, foram apenas anunciadas em *Vida e pensamento na América*. *Homem e Massa na América* foi publicado num contexto de forte desenvolvimento das críticas à civilização moderna e do pessimismo cultural que, no final da década de 1910, haviam sido inicialmente popularizados por Spengler. Da década de 1920 em diante, com o final da Primeira Guerra Mundial e com o longo processo de reconstrução da Europa devastada pelas destruições do conflito, era cada vez maior o número de intelectuais dedicados a avaliar e explicar a crise da modernidade, em especial após a ascensão das

¹⁵⁸ HUIZINGA, **America**, op. cit., p. 229-230, tradução minha. No original: “Stray Remarks... I could also have said Contradictory Observations. America flings you from one hour to another between acceptance and resistance, and a complete resolution of all the contradictions is not achieved even in rethinking. The writer of these pages did not originally intend to amplify further the historical observations about American civilization which he had already published. But he continued to feel a need to give his impressions order and form.”

ideologias nacionalistas – como o facismo e o nazismo – e, finalmente, do começo da Segunda Guerra Mundial.

O período entre 1920 e 1926, no qual Huizinga escreveu *Vida e pensamento na América*, foi de uma intensa comunicação entre acadêmicos norte-americanos e holandeses, como bem notou o historiador Michael Kammen, um dos intérpretes pioneiros da obra de Huizinga sobre os Estados Unidos no meio universitário norte-americano. Segundo Kammen, este contexto criou as condições para o interesse da viagem de Huizinga realizada em 1926. Neste período, foram criadas diversas organizações para o estudo da influência da Holanda sobre a história dos Estados Unidos: foi fundada uma disciplina sobre história holandesa na Universidade de Colúmbia, e a instituição *Netherland-American Affiliation* foi fundada em Nova York e Haia neste mesmo período. Em 1923, o editor norte-americano nascido na Holanda Edward Bok deu início a uma série de livros intitulada *Great Hollanders*, a qual integrou uma biografia de Erasmo de Roterdão escrita por Huizinga e publicada no ano seguinte. Uma boa parte dos intelectuais envolvidos nesta crescente e produtiva relação entre norte-americanos e holandeses eram ou amigos próximos de Huizinga ou, no mínimo, seus colegas de trabalho. *Vida e pensamento na América* foi redigido em meio a este contexto e estimulado por ele.¹⁵⁹

Comparando os dois livros de Huizinga, Kammen possui razão ao constatar uma mudança significativa na postura do seu criticismo, que abre mão definitivamente dos possíveis elogios à civilização estadunidense e assume um tom ainda mais ríspido. Se no prefácio ao primeiro livro, utilizado aqui como epígrafe para o primeiro capítulo, Huizinga afirmava ter se sentido “estimulado e fascinado como nunca antes” pela história dos Estados Unidos, como se “algo do élan espiritual da América fosse transmitido a qualquer um que se desse ao trabalho de entender o espírito do país”, em 1927 este espírito já não lhe inspirava o mesmo ânimo. Esta postura do autor estava presente logo no prefácio a *Vida e pensamento na América*, quando comentava que

Se um americano que lê holandês me perguntasse: “Você não consegue encontrar algo no meu país que possa elogiar incondicionalmente?” Eu lhe responderia: “Pesa mais aquilo que elogio do que

¹⁵⁹ KAMMEN, “**This, Here, and Soon**”, op. cit., p. 208.

aquilo que repreendo. Preferimos falar menos daquilo que há de melhor.”¹⁶⁰

Ou seja, no engajamento crítico mais acentuado do pensamento de Huizinga a partir da segunda metade da década de 1920, restava pouco espaço para considerações positivas em relação ao país que, ao longo de todo o seu texto, serviu como o símbolo da civilização moderna. Dentre as razões para isto, podemos supor o fato de que a influência da cultura estadunidense sobre aquilo que Huizinga entendia como o espírito europeu já não era vista como uma ameaça, mas como um fato consumado. Sendo assim, a publicação de *Vida e pensamento na América* pode ser entendida como um momento de intensificação do pessimismo cultural de Huizinga, em muito se assemelhando ao caráter de suas críticas expressas, por exemplo, em seu livro mais polêmico, *Nas sombras do amanhã*, publicado uma década mais tarde.¹⁶¹

O primeiro aspecto a ser notado em *Vida e pensamento na América* é a crítica elaborada por Huizinga à psicologia behaviorista, resumida na ideia de uma *atitude antimetafísica* que, sendo uma característica geral do espírito norte-americano, encontrou no behaviorismo a sua expressão teórica maior. Este assunto será o objeto da primeira parte deste capítulo. O segundo aspecto, diretamente ligado ao primeiro, é a metáfora do *Isto, Aqui e Logo*, utilizada ainda de forma vaga pelo autor ao final do livro de 1918, e mais recorrentemente ao longo do segundo livro com o objetivo de oferecer uma síntese daquele espírito, sumarizando em seu significado aquilo que define a cultura estadunidense como peculiar. A segunda e última parte do capítulo fica, portanto, dedicada a uma breve explanação sobre esta metáfora.

3.1 A ATITUDE ANTIMETAFÍSICA: CRÍTICA À PSICOLOGIA BEHAVIORISTA

No decorrer de sua viagem, Huizinga manteve contato com intelectuais de diversos campos de estudos nos Estados Unidos. Conversando com antropólogos, sociólogos, economistas, historiadores,

¹⁶⁰ HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 230, tradução minha. No original: “If an American who reads Dutch were to ask me: ‘Can’t you find anything more in my country to which you can give unconditional praise?’ I shall reply to him: ‘Weigh more heavily what I praise than what I seem to blame. We prefer to speak least of what is best.’”

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 211.

cientistas políticos e psicólogos, o autor não deixou de notar algumas proximidades entre estas ciências, especialmente no tocante ao vocabulário utilizado para expressar as suas orientações metodológicas. Dentre as palavras que compunham este vocabulário, uma delas parecia se impor sobre as demais, permeando praticamente todos os esforços intelectuais no pensamento estadunidense: o “comportamento” (*behavior*). É certo que a expressão era familiar ao estudioso europeu, no entanto, o autor afirmava que a preponderância conferida a ela no contexto norte-americano era incomparável, de forma que o significado atribuído ao conceito de *behavior* no país não podia ser encontrado no termo holandês *gedrag*, nos alemães *verhalten*, *benahmen* ou *betragen*, no francês *conduite*, e nem mesmo no britânico *behaviour*.¹⁶²

A ascensão de uma abordagem psicológica tal como o behaviorismo, focada exclusivamente no estudo do comportamento, era para Huizinga antes uma consequência da presença expressiva do termo naquele vocabulário do que a sua causa. Além disso, a necessidade em evidenciar e criticar o behaviorismo dentro das ciências humanas de forma mais ampla se devia ao fato de que este não se propunha apenas como uma hipótese dentro do campo da psicologia, mas reivindicava uma abrangência e um impacto que iam muito além da sua disciplina. Referindo-se a este problema, o autor afirmou que “através da boca de seu profeta, ele [o behaviorismo] declara que é chamado a destronar e suceder toda a filosofia em um futuro próximo e criar uma doutrina cultural e uma visão de mundo que tenham um domínio único e completo”.¹⁶³

O profeta era John Watson, o fundador do behaviorismo, autor do manifesto intitulado *Psychology as the behaviorist views it*, publicado em 1913, e do livro *Behaviorism*, um tratado sistemático publicado em 1924. Watson confirmava as pretensões temidas por Huizinga, quando afirmava, por exemplo, que com a ascensão do behaviorismo a filosofia deveria “gradualmente desaparecer e se tornar a

¹⁶² HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 267-268.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 269, tradução minha. No original: “Through the mouth of its prophet it declares that it is called upon to dethrone and succeed all philosophy in the near future and create a cultural doctrine and world view which have sole and complete sway”. Em *Behaviorism*, Watson (1945, op. cit., p. 16) assim questionava: “If psychology can do without the terms ‘mind’ and ‘consciousness’, indeed if it can find no objective evidence for their existence, what is going to become of philosophy and the so-called social sciences which today are built around the concept of mind and consciousness?”

história da ciência”, que a ética se transformaria em “ética experimental baseada inteiramente nos métodos behavioristas”, a religião “seria substituída entre as pessoas educadas pela ética experimental” e, por fim, que a sociologia iria se “fundir entre a psicologia social behaviorista e a economia”.¹⁶⁴ Antes de apresentarmos a crítica de Huizinga a estas premissas, faremos primeiro uma análise da psicologia behaviorista de acordo com os próprios termos de Watson, visando explicitar a relação desta com a atitude antimetafísica.

O primeiro texto de Watson, *Psychology as the behaviorist views it*, é o texto manifesto do autor, apresentando de forma clara e resumida os pressupostos básicos do behaviorismo. Nesta oportunidade, o psicólogo norte-americano concentrava seus esforços no sentido de apresentar os supostos problemas da ciência de seu tempo, propondo uma alternativa que, segundo o próprio autor, ainda não estava fundamentada num sistema teórico consistente e, portanto, poderia ser atacada de diversas maneiras, mas que, ainda assim, já podia ser anunciada. De forma resumida, Watson acreditava que o grande erro da psicologia de seu tempo era a sua ênfase geral no estudo da *consciência* em relação ao qual a única metodologia viável de orientação da pesquisa seria a *introspecção*, ou seja, o uso de um aparato conceitual abstrato, importado da filosofia, que serviria como uma forma artificial de conhecer o seu objeto de estudo (a própria consciência) e que não poderia se submeter à análise objetiva pautada na observação direta e na experimentação. A construção de uma psicologia baseada nestes termos teria sido a grande responsável pelo fracasso desta em ascender ao posto elevado de uma ciência natural. Segundo Watson:

A psicologia humana falhou em fazer valer a sua afirmação como uma ciência natural. Devido a uma noção errônea de que o seu campo de fatos são os fenômenos conscientes e que a introspecção é o único método direto de averiguar esses fatos, ela se envolveu em uma série de questões especulativas que, embora fundamentais para seus princípios atuais, não estão abertas ao tratamento experimental. Na busca de respostas para essas questões, ela tornou-se mais e mais divorciada do contato com problemas que envolvem vitalmente o interesse humano. [...] Psicologia, como o behaviorista a vê, é um ramo

164 WATSON, John. Behaviorism. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., LTD, 1945, p. 17-18, tradução minha.

puramente objetivo e experimental da ciência natural, que necessita da introspecção tão pouco quanto as ciências da química e da física.¹⁶⁵

A partir deste primeiro texto, ficou decisivamente estabelecida a recusa de toda e qualquer forma de introspecção como o princípio metodológico do behaviorismo. Para Watson, “os behavioristas chegaram à conclusão de que não mais poderiam se contentar em trabalhar com objetos intangíveis e inacessíveis”, decidindo assim “ou abandonar a psicologia ou transformá-la em uma ciência natural”.¹⁶⁶ Para o behaviorismo, conceitos tais como *consciência*, *memória*, *imaginação*, *instinto*, e mesmo o próprio *pensamento*, não podem ter suas existências comprovadas e, desta forma, são inutilizáveis na prática do psicólogo. Ambos os conceitos representam nada mais que um substituto para a *alma*, de forma que toda a psicologia anterior ao behaviorismo é vista por Watson como essencialmente religiosa em seus pressupostos.¹⁶⁷ Ao behaviorista, caberia ignorar tais conceitos, tentando “pensar no homem como uma máquina humana montada e pronta para rodar”.¹⁶⁸ Para Watson, as medidas radicais tomadas pelo behaviorismo tinham o objetivo de alcançar uma absoluta uniformidade nos objetos de estudo e nos métodos da psicologia.¹⁶⁹ Nesse sentido, fica perceptível ao leitor dos textos behavioristas que a definição watsoniana da ciência psicológica e do próprio ser humano reflete em grande medida os efeitos

¹⁶⁵ WATSON, John B. Psychology as the behaviorist views it. **Psychological Review**, v. 20, n. 2, 1913, p. 176. No original: “Human psychology has failed to make good its claim as a natural science. Due to a mistaken notion that its fields of facts are conscious phenomena and that introspection is the only direct method of ascertaining these facts, it has enmeshed itself in a series of speculative questions which, while fundamental to its present tenets, are not open to experimental treatment. In the pursuit of answers to these questions, it has become further and further divorced from contact with problems which vitally concern human interest. [...] Psychology, as the behaviorist views it, is a purely objective, experimental branch of natural science which needs introspection as little as do the sciences of chemistry and physics.”

¹⁶⁶ WATSON, **Behaviorism**, op. cit., p. 6, tradução minha. No original: “In 1912 the behaviorists reached the conclusion that they could no longer be content to work with intangibles and unapproachables. They decided either to give up psychology or else to make it a natural science.”

¹⁶⁷ Ibid., p. 5.

¹⁶⁸ Ibid., p. 216, tradução minha. No original: “In this lecture let us try to think of man as an assembled organic machine ready to run.”

¹⁶⁹ Ibid., p. 6.

do processo de mecanização da sociedade abordados por Huizinga, em especial aqueles que constatavam a estandardização e o empobrecimento do pensamento. De fato, a proposta de Watson não só deixa de ver a abolição da introspecção como um problema, mas a trata como uma solução, um meio de promover a psicologia a um estatuto mais elevado.

A abordagem behaviorista é exposta de forma sistemática no livro *Behaviorism*, publicado em 1924. O primeiro capítulo, intitulado “O que é behaviorismo?”, após elaborar um balanço crítico da psicologia ocidental agrupada no rótulo de “psicologia introspectiva”,¹⁷⁰ expõe a sua nova proposta metodológica com diversos exemplos. De forma geral, o behaviorismo é apresentado como o estudo do comportamento, entendido como “aquilo que um organismo faz ou fala” mediante as condições materiais do meio em que está inserido. O comportamento é visto como o único dado objetivo passível de observação direta por meio do psicólogo e do controle experimental por meio do princípio básico de *estímulo e resposta*.¹⁷¹ Manipulando o meio que fornece estímulos aos animais, diferentes respostas comportamentais podem ser visualizadas. Sendo assim, parafraseando Watson, o objetivo único do behaviorista é reunir e verificar os fatos do comportamento, submetendo-os às regras da lógica e da matemática.¹⁷²

A rejeição absoluta de qualquer concepção metafísica no conceito de comportamento elaborado por Watson se baseia na oposição ao princípio filosófico que estipula um dualismo entre o corpo e a mente, no qual existe uma separação entre a dimensão material e espiritual do ser humano. Para o autor, desde sempre a psicologia tem se apoiado sobre este princípio, sendo o behaviorismo o primeiro movimento a ir de encontro com ele. Em sua época, Watson afirmava que “toda psicologia exceto o behaviorismo é dualista”.¹⁷³ A oposição ao dualismo corpo-mente significava recusar a existência de uma coisa imaterial tal como a mente, opinião que dava embasamento à postura antimetafísica que visava abolir os conceitos relacionados à introspecção do campo da psicologia. Quanto a isto, basta aqui citar as palavras esclarecedoras do autor:

¹⁷⁰ Ibid., p. 3.

¹⁷¹ Ibid., p. 7-11.

¹⁷² Ibid., p. 7.

¹⁷³ STRAPASSON, Bruno Angelo. A caracterização de John B. Watson como behaviorista metodológico na literatura brasileira: possíveis fontes de controle. *Estudos de Psicologia*, v. 17. n. 1, 2012, p. 84.

O introspeccionista espera por uma solução do problema metafísico através de algum autoconhecimento místico. O behaviorista não acredita em tal poder humano transcendental. Ele mesmo é apenas um complexo de sistemas reagentes e deve se contentar em realizar sua análise com as mesmas ferramentas em relação às quais ele observa o seu objeto utilizando. Não posso, portanto, concordar com o Sr. Thomson que existe um problema mente-corpo no behaviorismo. É uma séria falta de compreensão da posição behaviorista dizer, como o sr. Thomson diz – “E, é claro, um behaviorista não nega que estados mentais existam. Ele simplesmente prefere ignorá-los”. Ele os “ignora”, no mesmo sentido em que a química ignora a alquimia, a astronomia o horóscopo, e a psicologia a telepatia e as manifestações psíquicas. O behaviorista não se preocupa com eles, porque à medida em que a correntezza de sua ciência se amplia e aprofunda, tais conceitos mais antigos são sugados por ela, para nunca mais reaparecerem.¹⁷⁴

O abandono da introspecção como forma de transformar a psicologia em ciência natural chocou Huizinga, para quem a tradição da filosofia neokantiana alemã, defensora da autonomia das ciências do espírito sobre as ciências da natureza, foi uma influência metodológica

¹⁷⁴ WATSON, John B. Is thinking merely the action of language mechanisms? **British Journal of Psychology**, n. 11, 1920, p. 174. No original: “The introspectionist hopes for a solution of the metaphysical problem through some mystic self knowledge. The behaviourist believes in no such transcendental human power. He himself is only a complex of reacting systems and must be content to carry out his analysis with the same tools which he observes his subject using. I cannot, therefore, agree with Mr Thomson that there is a mind-body problem in behaviourism. It is a serious misunderstanding of the behaviouristic position to say, as Mr Thomson does – ‘And of course a behaviourist does not deny that mental states exist. He merely prefers to ignore them.’ He ‘ignores’ them in the same sense that chemistry ignores alchemy, astronomy horoscopy, and psychology telepathy and psychic manifestations. The behaviourist does not concern himself with them because as the stream of his science broadens and deepens, such older concepts are sucked under, never to reappear.”

central.¹⁷⁵ Na perspectiva do historiador holandês, o engajamento de Watson era um verdadeiro “terrorismo psicológico” com o intuito de “banir sumariamente, ou melhor, destruir todos os termos advindos do domínio do espírito”.¹⁷⁶ Como poderia o behaviorismo se constituir como ciência realizando esta destruição? A contradição lhe parecia evidente. Nas suas palavras:

No último terço do século XIX, muitos na Europa acharam que a filosofia, com todos os seus adeptos, poderia ser posta de lado com o resto do lixo no sótão. Este é agora o argumento triunfante de J. B. Watson, o behaviorista. Filosofia e religião tiveram o seu dia, e quanto à moralidade, ele possui, graças ao seu sistema, uma “ética experimental”. Ele e seus amigos facilmente se livram de tudo o que constitui a teoria do conhecimento. Eles guilhotinam com surpreendente prontidão todos os termos do pensamento: consciência, razão, significado, memória, causa – todos eles são ficção e erro! Não lhes ocorre que todos os seus resultados devem sempre ser testados e julgados pela razão que destronam, e existem apenas em tal razão.¹⁷⁷

Na busca de construir um sistema filosófico e psicológico pautado no abandono radical de todo o aparato conceitual básico destas duas disciplinas ao longo de suas histórias, o behaviorismo aparece no texto de Huizinga como um exemplo paradigmático das contradições da civilização norte-americana. Segundo o autor, essa abordagem esteve apoiada numa base filosófica criada pelo pragmatismo, o qual possuía uma difusão e aceitação consideravelmente maior no meio intelectual estadunidense. Retomando as palavras de William James, uma das figuras centrais na formulação e divulgação do pragmatismo, Huizinga escrevia que essa filosofia podia ser compreendida a partir da noção básica de “um temperamento mental, uma atitude de desviar o olhar das primeiras coisas, princípios, categorias, supostas necessidades; e de olhar para as últimas coisas, frutos, consequências, fatos”.¹⁷⁸ Watson e

¹⁷⁵ DAMAS, **A Europa em jogo**, op. cit., p. 25.

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 269-270.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 321.

¹⁷⁸ *Ibid.*, p. 271, tradução minha. No original: “William James himself called pragmatismo ‘a temper of mind, an attitude’, ‘the attitude of looking away from

os behavioristas em geral teriam levado esta orientação do pragmatismo ao extremo, não se contentando em desviar o olhar destas supostas necessidades, mas defendendo a sua completa abolição.

Em suma, tanto nos pressupostos da pesquisa quanto no seu objeto, o behaviorismo rejeitava qualquer concepção metafísica, no sentido literal, daquilo que está para além do físico. Tal postura essencialmente antimetafísica – o materialismo radical de que falávamos no capítulo anterior – está no cerne da crítica de Huizinga. Seu resultado seria um aprisionamento do ser humano no presente, entendido em sua dimensão espacial na medida em que todo o pensamento e imaginação são caracterizados como “fugas” do mundo físico. Para os antimetafísicos, segue o autor, a realidade material e visível do presente deveria ser satisfatória o suficiente para impedir que os indivíduos escapassem para o âmbito do pensamento, visto como um lugar de pessoas distraídas que não colaboram de forma alguma para a transformação da realidade em que vivem.¹⁷⁹

Sob esses preceitos, o espírito norte-americano se constroi como a antítese do conceito huizinguiano de história, que pressupunha precisamente os atos de introspecção e imaginação como condições de possibilidade da historiografia. Uma breve consideração sobre a concepção elaborada por Huizinga sobre a historiografia expõe de forma mais clara esta oposição.

Em “O elemento estético das representações históricas”, sua aula inaugural na Universidade de Groninga, Huizinga assim afirmava: “Imaginação, visão histórica, sentido histórico, todas estas palavras falam da essência mais profunda da formação dos conceitos históricos”.¹⁸⁰ A tarefa do historiador, defendia o autor nesta ocasião, era reviver (*nacherleben*) o passado na imaginação, utilizando-se de meios que orientassem essa evocação de imagens a se constituir enquanto uma visualidade (*aanschouwelijkheid*).¹⁸¹ E, sem abandonar essa ideia geral em seu texto posterior, “Em torno da definição do conceito de história”

first things, principles, categories, supposed necessities; and of looking towards last things, fruits, consequences, facts.”

¹⁷⁹ HUIZINGA, Johan. **El concepto de la historia y otros ensayos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1946, p. 424.

¹⁸⁰ HUIZINGA, Johan. El elemento estético de las representaciones históricas. **Prismas – Revista de Historia Intelectual**, n. 9, 2005, p. 17. No original: “(...) verbeelding, historisch inzicht, historische zin, al die woorden spreken van het diepere wezen der geschiedkundige begripsvorming.”

¹⁸¹ RIBEIRO, **As formas da história**, op. cit., p. 63.

(1921), o autor definia a ciência histórica como “a forma espiritual em que uma cultura presta contas com o seu passado”,¹⁸² expressão na qual a expressão “forma espiritual” (*geestelijke vorm*) é utilizada no lugar do termo “ciência”, e cumpre a função de anular a “separação violenta e perturbadora entre a atividade consciente de investigar a História e a de escrevê-la”.¹⁸³ Para Huizinga, a história *em si* não poderia ser vista como um dado externo à cultura que a ela se refere, mas como mais uma expressão cultural desta. Assim, desfazia-se a distinção entre o *sujeito* (da “consciência histórica”) e o *objeto* (a “história mesma”), englobando-os sob o conceito de cultura. Nesses termos, o autor afirmava o caráter inevitavelmente subjetivo de toda história, na medida em que “cada cultura e cada círculo cultural tem o poder de defender a sua história como a verdadeira, e tem o direito de fazer assim, sempre e quando a construa de acordo com os postulados críticos que a sua consciência cultural lhe impõe”.¹⁸⁴ Por fim, a “forma espiritual” criada por “uma cultura” é caracterizada como uma “prestação de contas com o passado”, ou ainda um “prestar contas para si mesmo”, expressão que “abarca todas as formas de História escrita”, ao mesmo tempo em que expressa “aquela seriedade inexorável que serve de base a toda atividade histórica”.¹⁸⁵

Em suma, para Huizinga a seriedade é a atitude racional da pesquisa historiográfica, que atende aos postulados críticos da cultura em que se insere e visa a obtenção de um conhecimento confiável, se constituindo assim como a base da distinção entre a história e a literatura. Opondo a seriedade ao aspecto lúdico, o autor afirma que “A nítida divisão entre a história e a literatura reside no fato de que a primeira é de toda forma alheia ao elemento lúdico que serve de base para a literatura desde o primeiro momento e lhe servirá de base até o fim”.¹⁸⁶ Com estas palavras, Huizinga construiu um conceito de história caracterizado pela fusão entre sujeito e objeto, pela relatividade cultural

¹⁸² HUIZINGA, Johan. Over en definitie van het begrip geschiedenis. In: **Verzamelde werken**. Deel 7. Geschiedwetenschap. Hedendaagsche cultuur. Haarlem: Tjeenk Willink & Zoon, 1950, p. 95. No original: “Geschiedenis is de geestelijke vorm, waarin een cultuur zich rekenschap geeft vaan haar verleden”.

¹⁸³ *Ibid.*, p. 97.

¹⁸⁴ *Ibid.*, p. 96.

¹⁸⁵ RIBEIRO, **As formas da história**, op. cit., p. 87.

¹⁸⁶ HUIZINGA, **El concepto de la historia**, op. cit., p. 92-93, tradução minha. No original: “La nítida divisória entre la Historia y la literatura reside em que la primera es de todo punto ajena al elemento juego que sirve de base a la literatura desde el primer momento y le servirá de base hasta el fin.”

do relato histórico, e pela seriedade necessária ao cumprimento dos pressupostos da crítica, visando uma prática de pesquisa histórica que mantivesse o sistema de regulação metodológica que serve de base para a construção coletiva de um conhecimento histórico seguro, ao mesmo tempo em que assumisse o seu lado artístico intrínseco. Este, por sua vez, remetia à imaginação histórica, ao processo de *dar forma* que é essencialmente incompatível com a atitude antimetafísica. Como afirmou o autor em *Vida e pensamento na América*, “a atitude antimetafísica do espírito automaticamente inclui uma atitude anti-histórica”. Exatamente por isso que “apesar de uma prática historiográfica florescente e organizada com excelência, o espírito americano é fundamentalmente anti-histórico”.¹⁸⁷

Esta atitude, que segundo o autor permeia a produção de conhecimento nos Estados Unidos, foi vista como a principal promotora de um tipo particular de experiência, a qual foi compreendida por ele como típica da civilização estadunidense e descrita a partir da metáfora “*Isto, Aqui e Logo*”. Essa metáfora reverberou ao longo de *Vida e pensamento na América*, compondo assim uma síntese do “espírito norte-americano” e funcionou como um fechamento para as suas interpretações. De forma ao finalizar a análise aqui proposta sobre os escritos de Huizinga sobre os Estados Unidos, passaremos para uma breve consideração sobre o significado atribuído a ela.

3.2 “ISTO, AQUI E LOGO”: O ANTI-PRESENTISMO EM HUIZINGA

Diretamente relacionada à atitude antimetafísica está uma outra atitude, descrita por Huizinga a partir da metáfora do “*Isto, Aqui e Logo*”, a qual designava uma experiência considerada como a expressão essencial daquilo que o autor entendia pelo espírito norte-americano. Apesar de se tornar mais evidente em *Vida e pensamento na América*, a metáfora já havia sido utilizada ao final do último dos quatro ensaios de *Homem e massa na América*, expressa nas seguintes palavras:

Nas páginas acima, que tentaram abordar aquele espírito em sua plenitude, eu gostaria de escrever: *Isto, Aqui e Logo*, indicando assim a grande aceitação da vida e comprometimento com este

¹⁸⁷ HUIZINGA, **America**, op. cit., p. 319, tradução minha. No original: “Despite a flourishing and excellently organized practice of history, America’s mind is fundamentally antihistorical.”

mundo e com o tempo presente e futuro [*dezen of den komenden tijd*], em que a essência do espírito da América repousa.¹⁸⁸

E se tornou mais completa com a síntese oferecida no livro de 1927:

O estadunidense vive no mundo do “Isto, Aqui e Logo”. Ele está, como Henry James expressou de maneira excelente, “imperturbável, irremovível e indestrutivelmente em casa no mundo”. A psicologia o tem ensinado que cada fuga da vida, cada retirada da realidade dada que o cerca, é apenas uma expressão de sua própria fraqueza. Onde o homem não pode satisfazer seu impulso direto, não pode alcançar o lugar desejado na vida, ele constrói para si mesmo uma morada melhor na imaginação, ele cria um mundo que o reconhece. São “satisfações evasivas”, “invenções compensatórias” da mente, nada mais e nada melhor do que os perniciosos devaneios da criança desequilibrada.¹⁸⁹

A “aceitação da vida e comprometimento com este mundo”, expressas no Isto e no Aqui, expressam a já citada atitude antimetafísica de aprisionamento no presente, entendido inicialmente em sua dimensão espacial – como o mundo material, tangível – em detrimento de toda e qualquer forma de introspecção, seja ela a memória, o pensamento ou a imaginação. Por outro lado, ressaltando igualmente o aspecto temporal da expressão, o mesmo comprometimento é atribuído pelo autor ao “tempo presente e futuro”, afirmando assim a negação do passado, e conseqüentemente da história, por meio de uma supervalorização do presente e um otimismo em relação ao futuro.

A ênfase de Huizinga no presente como elemento central da atitude do espírito americano, e a conseqüente recusa teórica desta mesma ênfase, foi notada por Sérgio da Mata e Michel Kors (2015), que caracterizaram o posicionamento crítico do historiador holandês em

¹⁸⁸ HUIZINGA, *Mensch en menigte in Amerika*, op. cit., p. 190. No original: “Boven de bladzijden, waarin getracht wordt, de volheid van dien geest te benaderen, zoolu ik willen schrijven: Dit, Hier en Straks, om daarmee aan te duiden de geweldige levensaanvaarding en gerichtheid op deze wereld en dezen of den komenden tijd, waarin het wezen ligt van Amerika’s geest.”

¹⁸⁹ HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 314-315.

relação à sociedade estadunidense como *antipresentista*, associando assim a perspectiva do autor ao conceito de presentismo, nos termos propostos por François Hartog (2002) em seu livro *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Para Hartog, que se apoia nas reflexões de Reinhart Koselleck acerca da experiência do tempo histórico no período moderno, um processo de afastamento entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativas, desencadeado no século XVIII com o advento da modernidade, teria atingido o seu limite no início da década de 1990, momento em que teriam rompido os laços que atavam a sociedade à tradição e aos seus anseios em relação ao futuro. Esta experiência do tempo foi denominada pelo autor como o presentismo, uma situação social na qual o passado e o futuro perderam o prestígio que possuíam outrora, dando as condições para a imposição de um “presente onipresente” a ser experimentado.¹⁹⁰ Se a sociedade moderna havia incorporado a ideia de um distanciamento do passado e de uma aproximação em relação às expectativas voltadas para o futuro, o século XX foi um momento em que essa sensibilidade temporal moderna, que Hartog denomina o regime moderno de historicidade, sofre as pressões de uma crescente descrença do ideal futurista, desta vez se apoiando com força no presente. Nas palavras do autor, “se o século XX começou mais futurista que presentista, terminou mais presentista do que futurista”.¹⁹¹

A conexão entre a interpretação de Huizinga da modernidade e o conceito hartoguiano de presentismo elucida um lado importante da sua crítica, que diz respeito à temporalidade. A civilização estadunidense, comumente referida como o “Novo Mundo” e vista como expressão constante da novidade, teria criado um abismo entre o passado e o futuro, negando a possibilidade de obter experiência com a história, estabelecendo uma ruptura na linha do tempo. Huizinga já expressava esta interpretação quando, ao iniciar a redação de *Homem e Massa na América*, constata a improdutividade da oposição entre as categorias de “velho” e “novo” na história dos Estados Unidos: “Na América, todas as forças são novas”.¹⁹² E não havia lugar melhor que o Novo Mundo para visualizar esta perda da experiência. Quanto a isto, as palavras de Henry Ford evocadas por Mata e Kors são esclarecedoras:

¹⁹⁰ HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 259.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 140.

¹⁹² HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 8.

Que nos importa o que eles fizeram 500 ou 1.000 anos atrás? [...] Isso não significa nada para mim. A história é mais ou menos uma enganação. É tradição. Nós não queremos tradição. Queremos viver no presente e a única história que vale alguma coisa é a história que fazemos hoje.¹⁹³

Por outro lado, é preciso ressaltar algumas diferenças importantes entre este presentismo estadunidense exemplificado por Ford e o mesmo conceito formulado nos termos de Hartog. Quanto ao primeiro caso, a denominação de presentismo parece problemática, visto que se trata exclusivamente de um anti-passadismo, e nunca de uma recusa ou descrença no futuro. Este é o motivo pelo qual a compreensão da atitude antimetafísica de Huizinga como uma crítica ao presentismo, da forma como exposta por Mata e Kors, é insuficiente. Por exemplo, quando os autores afirmam que, “diagnosticando o precoce presentismo dos norte-americanos, ele [Huizinga] constata o que chama de ‘atitude antimetafísica’ ali predominante”,¹⁹⁴ ignoram não apenas a relação direta desta atitude com o materialismo anti-introspeccionista do behaviorismo, mas igualmente o horizonte de expectativas do presentismo estadunidense. Enquanto o conceito formulado por Hartog pressupõe o declínio de ideais futuristas, tais como o Progresso ou as ideologias políticas utópicas, a vertente de presentismo identificada em autores como Ford está invariavelmente vinculada a uma esperança em relação ao futuro que justifica e dá sentido à ênfase no presente. Desta forma, percebe-se que o avanço da categoria do presente nas experiências do tempo no decorrer do século XX não se deu necessariamente em contraposição à perspectiva voltada para o futuro, tal como na hipótese hartoguiana. Assim descrito, o presentismo norte-americano não carrega consigo a ideia de um “presente onipresente”, e sim a posição tipicamente moderna de descrença no valor histórico do passado em nome de um futuro promissor a ser construído. A posição de Huizinga diante de tal perspectiva é melhor expressa ao final de *Vida e Pensamento na América*, numa passagem que dá o fechamento de suas interpretações sobre os Estados Unidos ao mesmo tempo em que propõe

¹⁹³ MATA, Sérgio; KORS, Michel. Johan Huizinga: humanismo e teoria da história nas sombras do amanhã. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 18, 2015, p. 302.

¹⁹⁴ *Ibidem*.

uma solução provisória para a situação de crise do tempo histórico expressa na metáfora do Isto, Aqui e Logo:

É necessário apenas reconhecer que tudo o que é real já é passado, que apenas o passado é real. Quem insiste em acreditar que o passado da humanidade não encerra nenhum valor verdadeiro para a vida, mas apenas, e quando muito, a utilidade de uma advertência ou de um ensinamento para o porvir – pois o passado já não pode voltar a atuar de maneira real –, tem de estar também disposto a rejeitar sua própria vida até o presente, e inclusive, até seu último instante, como destituídos de valor. Quem compreende que a cultura é um *dar forma* irá também perceber que as formas grandiosas dadas ao reconhecimento do espírito humano têm sido sempre, psicologicamente consideradas, tais evasões do presente.¹⁹⁵

Huizinga advogava por uma historicidade que mesclasse o retorno ao passado, visando a atuação no presente, e, simultaneamente, a evasão deste mesmo presente, entendida como requisito incontornável para a sobrevivência da cultura e da história, visto que ambas envolvem a habilidade introspectiva do *dar forma*. Para tanto, se fazia necessária uma completa recusa do “espírito do Isto, Aqui e Logo”. Em consonância com a sua definição do conceito de história, Huizinga afirmava em *Vida e pensamento na América* que “o espírito não cria sem se retirar do presente”.¹⁹⁶ Nesses termos, podemos compreender a crítica de Huizinga aos Estados Unidos como antipresentista, ainda que num sentido bastante diferente daquele proposto por Hartog.

De modo geral, o presentismo denunciado por Huizinga se fundamenta numa recusa consciente do passado e do otimismo pleno em relação ao presente e ao futuro. Além disso, este presentismo estadunidense se define não exclusivamente como uma experiência do tempo, como o é para Hartog, mas como uma experiência espaço-temporal. Prender-se ao presente significa, em primeiro lugar, prender-se ao espaço do mundo material: essa é a ideia da atitude antimetafísica

¹⁹⁵ HUIZINGA, *America*, op. cit., p. 315-316, tradução minha, grifo meu. Parte da tradução desta citação foi extraída do texto de Michel Kors e Sérgio da Mata (2015, p. 302-303).

¹⁹⁶ *Ibid.*, p. 316.

apontada pelo autor como característica central do behaviorismo. Considerando essa crítica, a “retirada” do presente de que fala Huizinga não implica necessariamente num movimento temporal, mas num ato de introspecção, de valorização das atitudes metafísicas tais como o pensamento e a imaginação. Por outro lado, o aspecto temporal do anti-presentismo de Huizinga fica mais explícito nas suas considerações sobre o estudo da História. Ao lançar a definição da história como uma forma espiritual pela qual uma cultura acerta contas com o passado, como vimos no subcapítulo anterior, o autor incorpora uma dimensão temporal à evasão do presente. Nesse deslocamento, que abandona momentaneamente o presente, o historiador deve conduzir a sua imaginação em direção ao passado com o objetivo de dar-lhe uma forma, isto é, de compreender e descrever os tempos passados a partir de uma imagem inteligível.¹⁹⁷

¹⁹⁷ HUIZINGA, *El concepto de la historia*, op. cit., p. 51.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, o objetivo foi demonstrar que o diagnóstico elaborado por Huizinga acerca do caráter e do desenvolvimento da civilização moderna sob a perspectiva da história da cultura teve início com o primeiro contato estabelecido pelo autor com a história dos Estados Unidos da América, e que a “enfermidade cultural” de seu próprio tempo pode ser entendida como uma consequência direta da mecanização promovida pela ascensão da tecnologia e manifestada nos diversos setores da sociedade – as relações de trabalho, a produção cultural, os meios de comunicação, etc. – e na própria vida intelectual dos indivíduos. Apesar de que outros escritos anteriores à publicação de *Homem e massa na América* já demonstrassem um posicionamento crítico em relação à modernidade, foi do confronto com a história norte-americana que o autor extraiu os conceitos fundamentais do seu discurso, que viriam a compor o seu vocabulário de forma permanente em textos subsequentes. Para concluir este trabalho, faremos então um pequeno comentário sobre a trajetória da perspectiva de Huizinga após a publicação dos seus dois livros sobre os Estados Unidos.

A obra mais lida do autor sobre o assunto da crise da cultura, que o tornara famoso no meio acadêmico europeu, foi *Nas sombras do amanhã: diagnóstico da enfermidade espiritual do nosso tempo*, publicada em 1935 e traduzida para diversas línguas nos anos subsequentes a publicação. Se as críticas à civilização moderna expostas por Huizinga nos seus dois livros sobre os Estados Unidos ainda questionavam se a Europa seria assolada pelos mesmos danos culturais da sociedade norte-americana, em *Nas sombras do amanhã* esta questão já estava positivamente respondida no parágrafo inicial do texto. Ali, Huizinga afirmava viver num mundo possesso, tomado por uma atmosfera de decadência e de perturbação mental que se espalhava por toda a Europa.¹⁹⁸ Para o autor, reconhecer esta situação era o primeiro passo para se pensar numa possibilidade de restauração da cultura ocidental: “Para esta civilização ser salva, para não submergir em séculos de barbárie, [...] é necessário que os homens presentes compreendam claramente a gravidade do processo de decomposição em curso”.¹⁹⁹ O livro, portanto, se constroi como um esforço de

¹⁹⁸ HUIZINGA, Johan. **Nas sombras do amanhã**: um diagnóstico da enfermidade espiritual de nosso tempo. Tradução e notas de Sérgio Marinho. Goiânia: Caminhos, 2017, p. 19.

¹⁹⁹ Ibid., p. 20.

compreensão da crise cultural da modernidade e de avaliação das possibilidades de superação da crise.

O primeiro aspecto notado pelo autor em relação ao caráter da crise da civilização de seu tempo é que, diferente de todas as outras crises históricas anteriores – a decadência das civilizações romana e medieval, por exemplo – a noção futurista do tempo histórico, pautada no conceito de Progresso, havia estabelecido nela uma forte consciência de que não seria possível olhar para o passado em busca de orientação para a resolução dos problemas do presente. Diferentemente de todos os outros períodos históricos, o período moderno era aquele que concebia as transformações sociais como inéditas e irreversíveis, estabelecendo continuamente um presente único, cujos conflitos deveriam ser resolvidos com soluções igualmente únicas, isto é, sem paralelos na história. Citando Huizinga: “A despeito de nossas divergências, estamos todos de acordo quanto a um ponto: não há como voltar atrás, apenas seguir *adiante*. Eis aí o que há de inédito em nossa consciência de crise”.²⁰⁰ Reforçando essa ideia, continua o autor: “Adiante é o único caminho, por mais que nos aturdam profundezas e distâncias novas, que nos defronte o futuro próximo como um despenhadeiro envolto em bruma”.²⁰¹ Ou seja, diante de uma situação constituída pelo afastamento da história compreendida como “mestra da vida” e pelo confronto com um futuro incerto, imprevisível e ameaçador, Huizinga defendia que a civilização moderna precisava ser capaz de reconhecer os seus defeitos, aceitando a sua condição de enferma para, assim, trata-los com soluções no âmbito da cultura.

Desta forma, a maior parte do livro se dedica a apresentar os principais sintomas desta enfermidade cultural, em relação aos quais não caberia aqui uma análise detalhada. No intuito apenas de cumprir o objetivo proposto de situar as interpretações de Huizinga sobre a sociedade estadunidense na gênese do criticismo cultural aprimorado pelo autor da década de 1930 em diante, o que nos interessa ressaltar é a constatação de que, na raiz dos problemas abordados por Huizinga em *Nas sombras do amanhã*, encontra-se o fenômeno da mecanização, sendo este percebido como o fruto de uma nova organização social pautada nos expressivos avanços técnicos da sociedade capitalista industrial. Ainda que uma gênese da crítica de Huizinga à modernidade já pudesse ser avaliada em seus primeiros trabalhos na área da teoria da história – como foi o caso da sua investida contra o cientificismo

²⁰⁰ Ibid., p. 29.

²⁰¹ Ibid., p. 30.

historiográfico moderno exposto em “O elemento estético das representações históricas” (1905) – os conceitos centrais utilizados em seus textos posteriores, em especial o conceito de *mecanização*, foram primeiro esboçados em *Homem e massa na América*, e particularmente no segundo ensaio do livro, intitulado “A instrumentalização da vida comunitária”. Foi, portanto, com estes conceitos que Huizinga sintetizou o seu diagnóstico da civilização moderna exposto em *Nas sombras do amanhã*. Nesta obra, assim o autor sintetizava o problema:

Os grandes deuses deste tempo – mecanização e organização – trouxeram a vida e a morte. Se fizeram o mundo inteiro interligado, se puseram todos os lugares em contato, criaram em toda parte a possibilidade de colaboração, de concentração de esforços, de mútuo entendimento, por outro lado acarretaram aprisionamento, paralisia e inflexibilidade do espírito através dos instrumentos a ele proporcionados. Conduziram o ser humano do individualismo na direção do coletivismo, o qual a gente aceitou de bom grado, mas, sem ser orientada, apenas para consumir o mal que todo coletivismo implica – a negação da personalidade, a escravidão do espírito –, sem sequer ter entrevisto ou compreendido o seu possível bem. O futuro trará a crescente mecanização da sociedade baseada exclusivamente nos critérios de utilidade e poder?²⁰²

Novamente, mecanização e decadência espiritual aparecem correlacionadas, a primeira como a causa da segunda. Da mesma forma procede nos textos tardios de Huizinga sobre a teoria da história. Por exemplo, em um dos seus últimos escritos, intitulado *History changing form* (1943), publicado quando o autor já se encontrava aprisionado pelo governo nazista que, dois anos antes, haviam ocupado a Holanda, Huizinga retoma suas interpretações sobre o desenvolvimento da modernidade na sociedade norte-americana para explicitar a influência deste fenômeno na constituição da historiografia de seu tempo.

De forma geral, o argumento afirmava que, com a mecanização, a história estaria mudando a sua forma, abandonando as suas características clássicas e aderindo às modernas. Aqui, novamente e não

²⁰² Ibid., p.198-199.

por acaso, a historiografia norte-americana se apresentava como o melhor exemplo. Com a decadência da introspecção, expressa na sua radicalidade pelo behaviorismo, a historiografia estaria paulatinamente perdendo o potencial narrativo e imaginativo que caracterizava a sua produção nos períodos anteriores à modernidade. Apesar das ressalvas de Huizinga em relação às diferenças entre a história e a literatura, o autor era da opinião de que a função da história poderia ser bem descrita como uma narração (*story-telling*), um texto cujo objetivo seria proporcionar ao leitor uma imagem distinta e bem definida em sua mente acerca de um período histórico a ser representado.²⁰³ Mais do que estabelecer com precisão os fatos do passado, o historiador deveria possuir a habilidade de delinear e colorir esta imagem com clareza por meio da narração. E era precisamente esta capacidade que estava desaparecendo com a mecanização da civilização moderna:

[...] a função da história pode ser descrita com bastante precisão como narração, como *story telling*. [...] História, mesmo em sua forma mais severa, deve sempre ser legível. A história ilegível não é história, mas, na melhor das hipóteses, uma amostra de pesquisa histórica sem nenhuma forma estética. Pois a história não é simplesmente lógica; é épica e dramática. [...] À medida que nos aproximamos de nossos próprios tempos, no entanto, este elemento do épico e dramático da história parece desvanecer-se, até mesmo desaparecer. É como se os antigos estágios da civilização exibissem algo que está ausente hoje. Acho isso especialmente verdadeiro na história americana, que, por ter passado em menos de dois séculos da simplicidade rústica a uma alta complexidade técnica, expõe meu ponto de maneira notável. [...] eu gostaria de deixar claro que explico esta crescente falta de forma não por uma ilusão de ótica nem por uma deficiência nas forças da imaginação histórica, mas por uma mudança nos componentes da história mesma. Essa visão implica, é claro, que na composição técnica e ideológica do mundo atual resta pouco

²⁰³ HUIZINGA, Johan. History Changing Form, **Journal of the History of Ideas**, v. 4, n. 2, 1943, p. 218.

lugar ao fino e venerável produto da mente que Clio advogava.²⁰⁴

Esta composição técnica e ideológica de que falava Huizinga, por sua vez, estava diretamente relacionada ao que o autor entendia como um dos aspectos predominantes da história dos Estados Unidos, tratado aqui no primeiro capítulo, que dizia respeito à ascensão dos fatores econômicos na vida social, os quais se desenvolveram de mãos dadas com os avanços tecnológicos. Huizinga estava convicto que a essência da transição que constituiu a historiografia no século XX estava na contínua dominação do fator econômico sobre o político. Nas palavras do autor:

No processo econômico, os indivíduos podem desempenhar um papel especial - como inventores, promotores, magnatas, legisladores, mas nunca como *pessoas* e nunca como *mestres* do processo. Nos eventos políticos, entretanto, os indivíduos emergem como personalidades, totalmente humanas em seus aspectos. Essa circunstância implica que, em uma história dominada pelo fator econômico - como a história americana indubitavelmente é, muito mais do que a europeia - o elemento humano recua em segundo plano. Só posso chamar isso de uma mudança objetiva no próprio processo histórico, uma mudança que é parte do fenômeno impressionante que estamos testemunhando com

²⁰⁴ Ibid., p. 218-219, tradução minha. No original: “[...] the function of history can be described quite accurately as narration, a story-telling. [...] History, even in its severest form, should always be readable. Unreadable history is no history at all, but at best a sample of historical research lacking aesthetic form. For history is not simply logical; it is epic and dramatic. [...] As we approach our own times, however, this element of the epic and dramatic in history seems to fade, even to vanish. It is as if former stages of civilization exhibited something which is lacking today. I find this especially true of American history, which, because it has passed in less than two centuries from rustic simplicity to a highly technical complexity, exhibits my point in striking fashion. [...] I should like to make it clear that I find this increasing shapelessness due not to an optical illusion nor to a deficiency in the forces or fashions of historical imagination, but to a change in the components of history itself. This view implies, of course, that in the technical and ideological composition of the present world there is little place left for the fine and venerable product of the mind which Clio stood sponsor.”

presentimento: a mecanização de toda a vida social.[...] O mundo moderno está cada vez mais acostumado a pensar em números. Os Estados Unidos até agora têm sido mais viciado nisso, talvez, do que a Europa. Mas agora, mesmo na Europa, cientistas, tecnólogos e estatísticos levaram quase todo o pensamento para o âmbito da avaliação puramente quantitativa. Apenas os números contam, apenas o número expressa pensamento. Essa mudança no modo de pensar está repleta de graves perigos para a civilização e para esse produto civilizado da mente chamado história. Uma vez que os números reinarem supremos em nossa sociedade, não haverá história para contar, nem imagens para a história evocar.²⁰⁵

Fosse para a sobrevivência da cultura ou da própria historiografia, estava clara para Huizinga a necessidade de uma regeneração espiritual da sociedade moderna. Como, no entanto, efetivar uma transformação neste nível? Como reestabelecer a cultura ocidental frente a um processo inevitável da mecanização, de expansão e consolidação desta entidade impessoal e autônoma que é a organização tecnológica, com todos os seus efeitos sobre a vida em sociedade e o pensamento dos indivíduos?

²⁰⁵ Ibid., p. 222, tradução minha. No original: “In the economic process individuals may play a special part - as inventors, as promoters, as tycoons, as legislators, but never as persons, and never as masters of the process. In political events, however, individuals emerge as personalities, fully human in their aspects. This circumstance implies that in a history dominated by the economic factor - as American history undoubtedly is, far more so than European - the human element recedes into the background. I can but call this an objective change in the historical process itself, a change which is part of the awesome phenomenon we are now witnessing with foreboding: the mechanization of all social life. [...]The modern world is becoming more and more accustomed to thinking in numbers. America has hitherto been more addicted to this, perhaps, than Europe. But now even in Europe men of science, technologists and statisticians, have driven almost all thought into the corner of purely quantitative valuation. Only the numbers counts, only the number expresses thought. This shift in the mode of thinking is full of grave dangers for civilization, and for that civilizing product of the mind called history. Once numbers reign supreme in our society, there will be no story to tell, no images for history to evoke.”

Na conclusão do livro, Huizinga afirmava que não deveríamos esperar a salvação na intervenção de organizações sociais, tampouco em qualquer outra forma de coletividade humana, isto porque “as bases da cultura são de natureza diversa daquilo que pode ser estabelecido ou mantido pelos órgãos da sociedade enquanto tais, sejam povos, Estados, Igrejas, escolas, partidos ou associações”.²⁰⁶ Para o autor, a única esperança desta salvação se encontrava na ideia de uma transformação espiritual nos indivíduos. Nas suas palavras: “O que é preciso é uma purificação interior dos indivíduos. Deve haver uma mudança da própria condição das pessoas, das suas disposições imediatas e permanentes, noutras palavras, do seu habitus espiritual”.²⁰⁷ O título de seu capítulo final, “Catarse”, explicitava bem essa posição. Através da experiência catártica – descrita como o “estado de espírito resultante da contemplação do espetáculo trágico, o silêncio do coração em que a piedade e o medo se confundem, a purificação da alma que brota de consciência de um fundamento mais profundo das coisas”²⁰⁸ – poderia o indivíduo produzir uma cultura purificada, nascida dos escombros de uma Europa destruída por um período intenso de barbárie. Uma tal purificação, para um pensador como Huizinga, poderia apenas surgir de uma atitude essencialmente ascética. A atitude foi descrita como “uma certa restrição da cultura, uma renúncia voluntária da mente humana sobre todas as coisas supérfluas, inúteis, triviais e insípidas que pesam sobre a civilização contemporânea”.²⁰⁹ Remetendo ao significado antigo do conceito de *askesis*, o autor afirmava que esta ascese “não significará tornar-se um ermitão com os olhos postos sempre no céu, mas adquirir o autodomínio necessário para considerar à distância o jogo de poder e prazer”.²¹⁰ Nas suas palavras:

A limpeza espiritual de que o nosso tempo precisa implica uma nova ascese. Os portadores de uma cultura purificada deverão ser como os que acabam de despertar ao romper da aurora. Deverão sacudir de sua mente os sonhos maus da noite que passou. Sonhos de almas emersas da lama e que querem aí tornar a mergulhar. Sonhos

²⁰⁶ HUIZINGA, *Nas sombras do amanhã*, op. cit., p. 211.

²⁰⁷ *Ibidem*.

²⁰⁸ *Ibid.*, p. 213.

²⁰⁹ HUIZINGA, Johan. Conditions for a recovery of civilization. *In: Verzamelde werken*. Deel 7. Geschiedwetenschap. Hedendaagsche cultuur. Haarlem: Tjeenk Willink & Zoon, 1950, p. 475-476.

²¹⁰ HUIZINGA, *Nas sombras do amanhã*, op. cit., p. 214.

de cérebros com nervos de aço e de corações de vidro. Sonhos de garras em que se haviam transformado suas mãos e dos caninos despontando entre os lábios. Deverão sempre lembrar-se de que o homem tem a escolha de não se tornar uma fera. [...] Há de atenuar-se um pouco a exaltação da existência. Deveremos recordar-nos como, já em Platão, a vida do sábio era vista como uma preparação para a morte. Uma orientação firme da vida para a morte enaltece o uso das forças vitais.²¹¹

Assim, o autor finalizava seu célebre texto incorporando uma dimensão ética e existencial em sua proposta de recuperação cultural da civilização moderna. Neste empreendimento, caberia ao historiador um papel fundamental. Este, para Huizinga, deveria compreender a história como um meio “para conquistar um ponto de vista seguro na vida, para buscar sentido para a nossa própria existência”, assim como deveria encarar o seu trabalho como um compromisso ético, a saber, “o de conectar o homem e a sua cultura ao passado”.²¹² Como afirmou Damas, “era quando tal compromisso entre o historiador e sua cultura se fundava que a sabedoria estética que a História podia oferecer convertia-se em sabedoria ética de uma vida superior”.²¹³ Isso não significava, é claro, colocar apenas sobre os ombros dos historiadores a responsabilidade de salvar a cultura da civilização moderna, mas de prescrever as formas pelas quais a comunidade historiadora agiria em momentos de crise, como o que passou a Europa nas primeiras décadas do século XX.

Por fim, resta dizer que as análises de Huizinga apresentadas em seus dois livros sobre os Estados Unidos oferecem elementos pertinentes para a elaboração de uma crítica da cultura contemporânea. A sugestão de Augustinus Dierick sobre o caráter profético destas obras parece apenas confirmada quando, para a indagação do autor sobre a possibilidade de termos um futuro de mecanização sempre crescente, governado pelas exigências da utilidade e do poder, respondemos hoje invariavelmente de forma positiva. Num mundo da comunicação

²¹¹ Ibidem.

²¹² DAMAS, Naiara. A morfologia histórica de Johan Huizinga e o caráter pragmático do passado. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 4, 2010, p. 252.

²¹³ Ibidem.

revolucionada pela internet e pelos smartphones, a era digital da informação na qual a produção cultural se apoia em meios cuja massificação era inconcebível poucas décadas atrás e cuja abrangência é eminentemente global, mais do que nunca percebemos a importância de refletir sobre os ganhos e as perdas da fusão entre cultura e tecnologia que caracteriza o mundo moderno. Nesta tarefa, que mantém hoje o mesmo caráter de urgência dos tempos de Huizinga, retornar aos pensadores clássicos do tema pode ser o primeiro passo para uma compreensão aprimorada e atualizada da situação cultural em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- BAER, Douglas; CURTIS, James; GRABB, Edward. The Origins of American Individualism: Reconsidering the Historical Evidence. **The Canadian Journal of Sociology**, v. 24, n. 4, 1999.
- BARANY, Darren. Laissez-faire Individualism and Its Descent into Ideology in the US, from the Interwar Period to 1960. **The Journal of Public and Professional Sociology**, v. 4, n. 1, 2012.
- BARRY, Shain. **The Myth of American Individualism**. In: BARRY, Shain. The Protestant Origins of American Political Thought. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- BAZZI, Samuel; FISZBEIN, Martin; GREBESILASSE, Mesay. Frontier Culture: the Roots and Persistence of “Rugged Individualism” in the United States. **NBER Working Paper**, n. 23997, 2017.
- BEARD, Charles. **An Economic Interpretation of the Constitution of the United States**. Norwood: Norwood Press, 1941.
- BEARD, Charles. Some Economic Origins of Jeffersonian Democracy. **The American Historical Review**, v. 19, n. 2, 1914.
- BEARD, Charles. **The Myth of Rugged American Individualism**. New York: The Stratford Press, 1932.
- BOATRIGHT, Mody. The Myth of Frontier Individualism. **The Southwestern Social Science Quarterly**, v. 22, n. 1, 1941.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CRAIUTU, A; ISAAC, J. C (ed.). **America Through European Eyes**: British and French Reflections on the New world from the Eighteenth Century to the Present. University Park, PA: Pennsylvania State University Press, 2009.

DAMAS, Naiara. **A Europa em Jogo**: as críticas de Johan Huizinga à cultura de seu tempo (1926-1945). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DAMAS, Naiara. A morfologia histórica de Johan Huizinga e o caráter pragmático do passado. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 4, 2010.

DAMAS, N. **As formas da história**: Johan Huizinga e a História da Cultura como Morfologia. 2013. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

DERKSEN, Maarten. Turning men into machines? Scientific management, industrial psychology, and the “human factor”. **Journal of the History of the Behavioral Sciences**, v. 50, n. 2, 2014.

DIERICK, Augustinus. Perceptions and Prophecies in Johan Huizinga’s America. **Canadian Journal of Netherlandic Studies**, Issue III, ii, 1982.

FRIEDMAN, M. Anti-Americanism and U.S. Foreign Relations. **Diplomatic History**, v. 32, n. 4, 2008.

GRESSLEY, Gene M. The Turner Thesis: A Problem in Historiography. **Agricultural History**, v. 32, n. 4, 1958.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

HOOVER, Herbert. **American Individualism**. Garden City, New York: The Country Life Press, 1922.

HUIZINGA, Johan. **America**: A Dutch Historian’s Vision from Afar and Near. Tradução, introdução e notas de Herbert H. Rowen. New York, Evanston, San Francisco, London: Harper & Row Publishers, 1972.

HUIZINGA, Johan. Conditions for a recovery of civilization. *In*: **Verzamelde werken**. Deel 7. Geschiedwetenschap. Hedendaagsche cultuur. Haarlem: Tjeenk Willink & Zoon, 1950.

HUIZINGA, Johan. **El concepto de la historia y otros ensayos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1946.

HUIZINGA, Johan. El elemento estético de las representaciones históricas. **Prismas – Revista de Historia Intelectual**, n. 9, 2005.

HUIZINGA, Johan. History Changing Form, **Journal of the History of Ideas**, v. 4, n. 2, 1943.

HUIZINGA, Johan. **Men and Ideas: History, the Middle Ages, the Renaissance**. New York: Meridian Books, Inc., 1960.

HUIZINGA, Johan. **Mensch en Menigte in Amerika**: vier essays over moderne beschavingsgeschiedenis. Amsterdam: H. D. Tjeenk Willink & Zoon, 1918.

HUIZINGA, Johan. **Nas sombras do amanhã**: um diagnóstico da enfermidade espiritual de nosso tempo. Tradução e notas de Sérgio Marinho. Goiânia: Caminhos, 2017.

HUIZINGA, Johan. **O Outono da Idade Média**: estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HUIZINGA, Johan. Over en definitie van het begrip geschiedenis. *In: Verzamelde werken*. Deel 7. Geschiedwetenschap. Hedendaagsche cultuur. Haarlem: Tjeenk Willink & Zoon, 1950.

KAMMEN, M. This, Here and Soon: Johan Huizinga's esquisse of american culture. **BMGN - Low Countries Historical Review**, v. 97, n. 3, 1982.

KOSELLECK, R. **The practice of conceptual History**: timing history, spacing concepts. Stanford: Stanford University Press, 2002.

LÖWY, Michel. **A jaula de aço**: Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Boitempo, 2014.

LUKES, Steven. The Meanings of "Individualism". **Journal of the History of Ideas**, v. 32, n. 1, 1971.

MATA, Sérgio; KORS, Michel. Johan Huizinga: humanismo e teoria da história nas sombras do amanhã. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 18, 2015.

MOUNT JR, Eric. American Individualism Reconsidered. **Review of Religious Research**, v. 22, n. 4, 1981.

NELLES, H. V. Review Essay: American Exceptionalism: A Double-Edged Sword. **The American Historical Review**, v. 102, n. 3, 1997.

NETO, Benedito. Maquinaria, taylorismo e fordismo: a reinvenção da manufatura. **Rev. Adm. Emp.**, Rio de Janeiro, n. 26, v. 4, 1986.

NOVICK, Peter. **That Noble Dream**: the “Objectivity Question” and the American historical profession. New York: University of Cambridge Press, 1990.

O’CONNOR, B. A Brief History of Anti-Americanism: from cultural criticism to terrorism. **Australian Journal of American Studies**, v. 23, n. 1, 2004.

RIBEIRO, Andressa. Taylorismo, fordismo e toyotismo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 35, 2015.

RINGER, Fritz. **The Decline of the German Mandarins**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1969.

SILVA, Mateus Araújo. Adorno e o cinema: um início de conversa. **Novos Estudos**, n. 54, 1999.

SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura. **Crítica Cultural – Critic**, Palhoça, SC, v. 9, n. 1, 2014.

SPENGLER, Oswald. **A Decadência do Ocidente**: esboço de uma morfologia da História Universal. Tradução de Herbert Caro. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

STRAPASSON, Bruno Angelo. A caracterização de John B. Watson como behaviorista metodológico na literatura brasileira: possíveis fontes de controle. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 1, 2012.

TAYLOR, Frederick. **Princípios de administração científica**. Tradução de Arlindo Vieira Ramos. São Paulo: Atlas, 1990.

TAYLOR, Frederick. **The Principles of Scientific Management**. New York and London: Harper & Brothers Publishers 1911.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1987.

TORPEY, John. Huizinga on America. **Journal of Classical Sociology**, v. 15(3), 2015.

TURNER, Frederick Jackson. **O Significado da História**. 2005 (1890). Tradução e Apresentação: AVILA, Arthur Lima de. *In: História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 191-223, 2005.

TURNER, Frederick J. **The Frontier in American History**. Huntington, New York: Robert E. Krieger Publishing Company, 1976.

TURNER, Frederick J. Western State-Making in the Revolutionary Era. **The American Historical Review**, v. 1, n. 1, 1895.

WALLS, Stephanie M. **Individualism in the United States: A Transformation in American Political Thought**. New York: Bloomsbury Publishing, 2015.

WATSON, John B. **Behaviorism**. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., LTD, 1924.

WATSON, John B. Is thinking merely the action of language mechanisms? **British Journal of Psychology**, n. 11, 1920.

WATSON, John B. Psychology as the behaviorist views it. **Psychological Review**, v. 20, n. 2, 1913.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “espírito” do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

WESSELING, H. From cultural historian to cultural critic: Johan Huizinga and the spirit of the 1930s. **European Review**, v. 10, n. 4, 2002.